

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME II-III



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
1960-61

DOS TESOUROS DE MOEDAS ROMANAS EM PORTUGAL

O presente trabalho é uma revisão do estudo que em 1959 apresentámos à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, como dissertação de licenciatura, no qual nos propusemos o estudo, em relação ao território nacional, de um tema que dentro da investigação espanhola havia sido despertado há menos de um decénio e que entre nós não havia ainda sido abordado. Com base no já documentado para o país vizinho, procurava-se averiguar as possíveis relações entre o nosso território e o problema das invasões germânicas da Hispânia na segunda metade do séc. ii d. de J. C. (1).

Havíamos examinado parte de dois tesouros, dispersados após o seu encontro e ficados desconhecidos, cronologicamente atribuíveis ao período dentro do qual se vinha discutindo o problema. Posteriormente localizámos um outro memorado em publicação quase centenária, praticamente de nula divulgação. O estudo destes tesouros e de outros já conhecidos, um dos quais de recente publicação mas insuficientemente valorizado, afigurava-se-nos interessante, bem susceptível de poder fornecer algum subsídio para o esclarecimento do tema em discussão, pelo menos concorrer para precisar o âmbito geográfico das invasões, já que não parecia de todo improvável estar-se em presença de um acontecimento que teria interessado toda a Península do séc. m, como o sugeria em 1955 um dos estudiosos do problema (2).

Verificar-se-á que, efectivamente, apesar da real dificuldade de interpretação que os tesouros reunidos levantam, tais tesouros não são a

(1) Intitulámos a nossa dissertação *As invasões da Hispânia no séc. III e os tesouros monetários. Contributo para o estudo do problema em Portugal*.

(2) Cf. M. Tarradell, «Sobre las invasiones germánicas del siglo III d. J. C. en la península Ibérica», *Estudios Clasicos*, vol. III, n.º 15, Madrid, 1955, p. 100.

este título despidos de interesse. Tem de reconhecer-se que até ao presente não dispomos de elementos que seguramente se possam enlaçar com as invasões, cabendo esperar, contudo, que novos achados e o completo esclarecimento de certos pontos ainda em aberto dizendo respeito a este período e ao problema geral das invasões, estes interessando directamente o território espanhol, possam trazer mais segurança à valorização dos nossos conjuntos monetários (3).

O primeiro capítulo poderá parecer, em relação ao nosso preciso objecto de estudo, algo deslocado. Os elementos nele reunidos são o resultado do trabalho sistemático a que procedemos no sentido de reunir todos os tesouros que cronologicamente nos poderiam interessar. Para tal não se oferecia outro recurso que o de tentar um inventário, tanto quanto possível exaustivo, dos tesouros de numismas romanos encontrados no país. Ainda que na verdade à margem daquele objecto estrito, cremos que os elementos reunidos constituirão um subsídio de real interesse.

Com o capítulo que precede o do estudo dos tesouros portugueses do período 260-282 não se pretendeu mais que apontar sumariamente o quadro histórico e a problemática indispensáveis à valorização de tais tesouros, tendo-se julgado mais conveniente reunir na parte final do estudo os elementos relativos à classificação das unidades que pudemos examinar dos mesmos tesouros e ainda de outros desconhecidos integrados no nosso «Subsídio» (4).

Novos elementos valorizáveis interessando o problema das invasões surgiram depois do nosso ensaio de 1959 e o recurso a novos elementos bibliográficos (5) deram-nos outras possibilidades para precisar a cro-

(3) Agradecemos ao Prof. Dr. Alberto Balil a sua referência quanto ao interesse do nosso estudo como contributo para o conhecimento deste período (cf. p. 295 do art. que *infra* citamos por A. Balil II).

(4) Relativamente ao tesouro das Fragas do Piago inserimos também a classificação que não é da nossa autoria.

(5) Já em 1959 notámos as limitações com que no aspecto bibliográfico deparámos. Sirva de exemplo a circunstância de para a classificação das moedas imperiais não dispormos de mais que a primeira edição da superadíssima obra de Cohen. Temos também agora a lamentar a impossibilidade de utilizar muitos elementos de consulta necessários, por não existirem em Coimbra, não obstante o notabilíssimo surto de enriquecimento e labor que o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras vem desde há anos registando e que, como seu modesto colaborador, nos apraz particularmente celebrar.

nologia dos tesouros sobre que nos baseamos. Estas duas circunstâncias justificam as alterações introduzidas.

Seja-nos permitido não terminar estas breves palavras introdutórias sem satisfazer o que constitui para nós indeclinável obrigação, aqui exarando o testemunho do nosso reconhecido agradecimento a todos quantos nos prestaram o seu contributo (6) e salientando alguns excepcionais colaboradores. Antes de mais as nossas homenagens ao Dr. João Manuel Bairrão Oleiro pelo interesse que este estudo lhe mereceu e o muito que ele fica devendo ao Mestre que já antes nos habituáramos a distinguir pela sua compreensão da função docente e generosa preocupação de conquistar e formar novos cultivadores da ciência arqueológica. Do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra bem podemos dizer que foi um prolongamento do nosso quarto de trabalho, tais as facilidades que aí encontrámos. Ao Instituto ficamos ainda devendo a publicação deste trabalho. Ao Sr. Eduardus van Niepoort se deve o ter-nos amavelmente proporcionado por largos meses a utilização de vários volumes de *Roman Imperial Coinage*, uma obra sem a qual dificilmente poderíamos proceder a esta publicação. Aos esclarecidos colecionadores que encontrámos nas pessoas dos Srs. Drs. Albino Pinto Ferreira, Antero do Amaral, Joaquim de Albuquerque, Júlio Condorcet Pais Mamede, Manuel Braga da Cruz, Rev.^{os} José da Costa Melo e José Vieira de Oliveira, e à compreensão do Sr. Manuel Rodrigues devemos a atenção de nos haverem confiado moedas para exame. Devemos ainda distinguir os Srs. Ten.-Coronel João Lopes F. Guedes, colecionador e estudioso, pelas suas informações de achados e por elementos de identificação de numismas da sua colecção, e Manuel Marques Guimarães, pela oferta de uma colecção de recortes relativos a achados monetários noticiados na imprensa. Queremos também referir a Sociedade Portuguesa de Numismática, que gentilmente quis acolher nas páginas de *A Permuta* o nosso questionário para recolha de notícias de achados.

(6) **Muito longa seria a nossa citação se nos referíssemos a todos os informadores que em menor ou maior grau concorreram para o primeiro capítulo deste estudo. A todos, que nunca deixamos de citar, envolvemos nesta expressão do nosso reconhecimento.**

SUBSÍDIO PARA O INVENTÁRIO DOS TESOUROS
DE MOEDAS ROMANAS ENCONTRADOS NO PAÍS (7)

Não há um inventário dos tesouros de moedas romanas encontrados no país nem, à falta dele, uma publicação onde se tenham vindo a registar os sucessivos achados. Uma investigação de conjunto de tais depósitos também nunca constituiu tarefa levada a cabo pelos nossos estudiosos de numismática ou arqueologia.

Dum registo desses tesouros chegaram Eugênio Jalhay e Afonso do Paço a fazer projecto. É da autoria deste a publicação dos elementos que com tal finalidade haviam sido recolhidos. Trata-se da colecção de 33 tesouros publicada em «Citânia de Sanfins. III — Breve notícia de um tesouro monetário» (8).

A única outra relação de tesouros que conhecemos é da autoria de Abel Viana (9). Ainda que «sem pretensão de elaborar um roteiro de tesouros monetários», reuniu quase três dezenas de notícias, vinte e duas relativas a moedas romanas. Nas extractadas da colecção de *O Archeologo Português* (10) estão repetidas algumas das já reunidas por Afonso do Paço que, além dos volumes desta publicação, tivera em particular o recurso de «uma apreciável colectânea de recortes de jornais» (11).

Dispostos à recolha de todas as possíveis fontes monetárias para o estudo do nosso tema, procedemos a um trabalho sistemático. Começámos, naturalmente, por percorrer aquelas publicações da especialidade onde, com mais probabilidade, se nos podiam deparar dados

(7) Tomamos o termo tesouro na acepção comum de moedas achadas em conjunto, independentemente da intencionalidade ou não intencionalidade do depósito.

(8) *Brotéria*, vol. LVI, fase. 6, Lisboa, 1953, pp. 673-689.

(9) «*Denarii* do Museu Regional de Beja», *Arquivo de Beja*, vol. XII, Beja, 1955, pp. 140-163.

(10) Passaremos a citar *O Arch. Port.*

(11) Cf. Afonso do Paço, *art. cit.*, p. 675. Como adiante notaremos, há algumas inexactidões nas datas ou nos jornais citados.

relativos a tesouros de moedas romanas. Entre estas obras de carácter numismático ou arqueológico podemos citar: *O Arch. Port.* (vol. I a XXX, I e II-nova série) (12); *Arqueologia e Historia* (6.^a série: vol. I a III, V a X; 8.^a série: vol. I a VII); *Arte e Arqueologia* (ano I; ano II: n.º 1); *Boletim de Arte e Arqueologia* (fase. I, 1921); *Boletim da Real Associação dos Architetos Civis e Archeologos Portuguezes* (4.^a série: tomos IX a XI; 5.^a série: tomo XII; 5.^a série: tomo XIII—1 a 7); *De Terra em Terra* (vol. I e II) (13); *Estudos de Arqueologia, Etnografia e História* (14); *Ethnos* (vol. I a III); *Expedição Científica à Serra da Estrella em 1881. Secção de Archeologia. Relatório do Sr. Dr. Francisco Martins Sarmiento* (15); *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança* (vol. I a XI) (16); *Notas Arqueológicas* (17); *Nummus* (vol. I a V; vol. VI: 1-2); *Portugale* (vol. I a IV); *Portugalia* (vol. I e II); *Religiões da Lusitania* (vol. I a III) (18); *Revista Archeológica* (vol. II a IV); *Revista Archeologica e Historica* (vol. I); *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (7.^a série) (19).

Ainda de forma sistemática se percorreram alguns estudos sobre temas de arqueologia romana onde subsidiariamente se poderiam encontrar notícias de achados monetários. Lançou-se também recurso de monografias regionais. Vimos 72 destas publicações, dado que com frequência o conhecimento destes achados fica demasiado circunscrito e não chega até às publicações da especialidade. Não se esqueceram

(12) Um índice do conteúdo de interesse numismático desta publicação foi há pouco publicado por Arnaldo Brazão, «*O Arqueólogo Português e a Numismática Nacional*», *A Permuta* (public, da Sociedade Portuguesa de Numismática), vol. VIII, n.º 15, Porto, Junho, 1961, pp. 7-16.

(13) José Leite de Vasconcelos, Lisboa, 1927. Passaremos a citar este autor pelas iniciais J. L. de V.

(14) Arlindo de Sousa, Rio de Janeiro, 1951.

(15) Public, pela Sociedade de Geografia, Lisboa, 1883.

(16) Francisco Manuel Alves.

(17) José Coelho, Viseu, 1949.

(18) J. L. de V., Lisboa, 1897, 1905, 1913.

(19) Um valioso instrumento de trabalho nos chegou às mãos já depois desta peregrinação. Queremos referir-nos a Felipe Mateu y Llopis, *Bibliografía de la Historia Monetaria de España con suplementos referentes a los países con ella más relacionados*, Madrid, 1958. V. nossa nota bibliográfica in *Conimbriga*, vol. I, Coimbra, 1959, pp. 225-226.

outras publicações onde se reúnem estudos de carácter mais ou menos regional (20).

Subsídio muito apreciável foi aquele que pudemos retirar duma razoável colecção de recortes de jornais cuja consulta se fica devendo à esclarecida colaboração dos seus possuidores.

Como complemento de toda esta informação por via bibliográfica procurámos por via postal obter esclarecimentos de algumas das vagas notícias que havíamos já adquirido. Para o efeito fizemos acompanhar as nossas cartas, em número superior a duas centenas, duma circular-questionário.

A este questionário foi assegurada uma razoável difusão. Por nós pudemos distribuir por todo o país cerca de 250 exemplares, levando-a até ao conhecimento de directores de museus, arqueólogos, numismatas, estudiosos, autores de monografias regionais, antiquários, coleccionadores de moedas ou simples curiosos, párocos, professores, etc. Graças à colaboração da Sociedade Portuguesa de Numismática, que gentil e graciosamente nos sugeriu e proporcionou a sua publicação (21) e, mais uma vez, à do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que lhe deu acolhimento nas páginas da sua revista (22), mais ampla divulgação foi proporcionada ao nosso pedido de colaboração.

São os resultados de todo este trabalho de eurística, levado a cabo de forma sistemática e até ao momento desta redacção, que se encontram compendiados no rol que adiante se apresenta e no qual se registam 139 tesouros (23).

Não é objectivo fácil de levar a cabo este de inventariar os tesouros

(20) Entre estas publicações percorremos: *Arquivo de Beja* (vol. I a XVII); *Arquivo do Distrito de Aveiro* (vol. I a XXVI); *Beira Alta* (Ano I a V); *Bracara Augusta* (vol. II a IV; vol. V: n.ºs 4-5; vol. VI-VII); *O Concelho de Santo Tirso* (vol. I a V; vol. VI—n.º 1); *A Cidade de Évora* (ano IV a X; ano XI: 35-36); *Douro Litoral* (série 2.ª a 8.ª); *Revista de Guimarães* (vol. I a LXVIII); *Revista Municipal* (Publ. cultural da Câmara Munic. de Lisboa, n.º 1 a 76).

(21) «Achados de moedas», *A Permuta*, n.º 11, Porto, Dezembro, 1958, p. 15.

(22) «Pedido de informações sobre tesouros monetários da época romana», *Conimbriga*, vol. I, Coimbra, 1959, pp. 141-142.

(23) De notar que este total ultrapassa em mais de uma centena a mais completa lista de tesouros até agora publicada.

de moedas romanas, como os de numismas doutra origem, encontrados no país, embora aqueles, pelo menos, sejam relativamente abundantes.

Já em 1909 Leite de Vasconcelos, revendo urna sua anterior suposição, escrevia: «Em tempo supus que era raro aparecerem em Portugal, em escavações ou ruínas, moedas da República romana. Hoje não penso assim, pois há bastantes delas, pelo menos de prata» (24). Se o sábio fundador do Museu Etnológico pôde afirmar não raro aparecerem entre nós moedas da República, natural é que o mesmo se pudesse pensar acerca do Império, um período incomparavelmente mais lato. E, efectivamente, esta suposição sai confirmada.

Realmente, e referindo-nos agora apenas aos conjuntos monetários, há que concluir que os achados da época imperial também não são raros. Os séculos de domínio imperial estão suficientemente documentados pelos achados que de norte a sul do país se têm verificado, com um incontestável predomínio pelo século iv e começos do v.

Mas, se os achados não são raros, também a fragmentação e a dispersão são a lei geral que rege o seu destino. Só por excepção um destes espólios se consegue manter no seu conjunto. Também só por excepção conhece a luz da publicidade. Se não se fragmenta e dispersa antes de tornar possível qualquer estudo do seu conjunto, pratica-se, regra geral, à sua volta a mais pertinaz ocultação e não é fácil quebrar este quase religioso silêncio que o envolve. Nestas condições, grande número de tesouros se perde ingloriamente para a investigação. Pelas conclusões a que chegamos somos forçados a concordar que a percentagem dos tesouros conhecidos ou estudados é uma fracção deveras insignificante dos que têm sido encontrados.

Já as circunstâncias em que normalmente os tesouros vêm à luz predis põe à sua perda. Os seus achados são regra geral obra do acaso (trabalhos públicos, escavações várias, remoção de terras, demolições, destruição de rochas, trabalhos agrícolas, extracção de pedra, etc.) e os seus achadores humildes operários, tão pouco esclarecidos como falhos de recursos materiais. Por outro lado, também à ausência das mais convenientes disposições legislativas caberá alguma responsabilidade no que se vem verificando.

(24) «Achados de moedas romanas da República», *O Arch. Port.*, vol. XIV, Lisboa, 1909, p. 59.

As disposições do Código Civil Português aplicáveis a estes achados, que estabelecem a divisão do valor do achado numismático pelo achador e pelo proprietário do prédio onde o achado se verifica, concedendo apenas 1/3 ao primeiro, não parecem só por si muito susceptíveis de levar o achador a sentir bem acautelados o que terá tendência para considerar os seus legítimos direitos. Concordamos com aqueles que sentem a necessidade de uma outra legislação, capaz de assegurar o que a vigente não tem conseguido: a denuncia dos achados e a sua não fraccionação. Ainda mesmo que se reconheça dever continuar a proceder-se a um divisão do valor do achado, é preciso que se acautele toda a fraccionação antes de um estudo mesmo sumário do conjunto se tornar possível (25).

Parecem-nos dignas de transcrição algumas sugestões do Mário Ramires a este respeito: «Sugere-se aqui a necessidade duma legislação «magnânima», que se adapte às realidades e não tenha em vista obter outros bens que não sejam os que pode auferir a ciência histórica, bens espirituais, ao fim e ao cabo de maior valia do que qualquer comparticipação no valor material dos achados. Reconheça-se ao achador o direito de propriedade, único e absoluto, da coisa encontrada, seja moeda «desgarrada», «tesouro» ou conjunto de numismas mais ou menos valioso, e prometa-se-lhe até um prémio ou auxílio do Estado na avaliação do seu valor, sempre que venha fazer dele o verdadeiro relato e entregá-lo para estudo a uma entidade competente» (26).

Ideal seria que complementarmente se dotassem das necessárias disponibilidades museus e institutos de arqueologia, proporcionando-se-lhes deste modo a aquisição destes depósitos e garantindo-se aquilo que há todo o interesse em assegurar: a conservação dos conjuntos na sua integridade.

Compreende-se assim a prudência com que há-de cercar-se o que será um estudo de conjunto dos tesouros de moedas romanas encontra-

(25) Sabemos que o problema da legislação que regula os achados monetários tem sido objecto de estudo pela Secção de Numismática da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Ao I Congresso Nacional de Arqueologia foi apresentada uma comunicação de um dos seus associados, o Sr. Dr. Gabriel da Rocha Souto, intitulada *A protecção dos achados de moedas no Direito Português*.

(26) Mário Ramires, «Achados numismáticos», *Nummus*, vol. I, n.º 3, Porto, 1953, p. 208.

das no país. Apesar disso, um tal estudo com os elementos que se puderam reunir afigura-se-nos de interesse.

Igualmente interessante se nos afigura a multiplicação de estudos com o recurso aos nossos tesouros monetários, pois estes estudos se nos mostram susceptíveis de subsidiar um mais perfeito conhecimento da história da romanização do ocidente peninsular. Entre nós não se têm cultivado estes estudos que encaram os tesouros pela perspectiva que historicamente mais plenamente os poderá valorizar (27).

Mais do que simples, embora muito apreciáveis documentos numismáticos, os tesouros podem, associados a outros elementos, ver o seu valor de fontes históricas singularmente aumentado. O seu esconderijo pode, por exemplo, revelar-se intencionalmente determinado pela presença de acontecimentos perturbadores da vida dos povos. Entre nós apenas conhecemos dois estudos dentro desta orientação.

Ao primeiro destes estudos deu o seu A. o sub-título de «Contributo numismático para o estudo da romanização da Região do Douro» (28). O segundo, sugestiva lição da valorização que um tesouro pode admitir pela sua conjugação com outros elementos de investigação arqueológica, é da autoria de Afonso do Paço (29).

Como se verificará pelos elementos que sob a epígrafe do presente capítulo se reúnem, a grande densidade dos depósitos numismáticos concentra-se nos dois momentos extremos da história do domínio romano: um grupo de achados que tende para os fins do século i a. C., um outro grupo cuja cronologia vai de Constantino Magno ou seus sucessores imediatos até Honório e Arcádio. São, realmente, demasiado frequentes os achados de denários republicanos e de bronzes do século iv e começo do v. Esta frequência não se revela, imediatamente, de difícil compreensão. Sabe-se que a conquista total da Península pelos militares de Roma não foi campanha de pouco vulto. Desembarcados a 218 a. C. numa região culturalmente de certo modo predisposta a melhor aceitar

(27) É talvez esta uma circunstância que também ajudará a explicar porque normalmente os nossos tesouros se não publicam.

(28) F. Russell Cortez, «O Tesouro Monetário do lugar do Poio», *Nummus*, vol. I, n.º 1, Porto, 1952, pp. 6-37.

(29) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, «Tesouro Monetário da Citânia de Sanfins», *Anais da Academia Portuguesa de História*, II série, vol. 6, Lisboa, 1955.

a sua influência, as hostes romanas vão encontrar tenacíssima oposição no seu progresso para o norte e ocidente, os extremos de submissão mais difícil e tardia, só acabada por 19 a. C. Foram mais de 200 anos de campanhas sucessivas, entrecortadas de alguns fortes revezes, facto sem dúvida algo singular se se atende à extensão do território e à a tantos títulos superioridade dos civilizados compatriotas de César em face dos rudes castrejos peninsulares. Muito em especial ao norte do Tejo, a empresa da conquista foi particularmente acidentada.

Dessas campanhas para firmar na Península o domínio dos sucessores da influência cartaginesa nos deixaram informação, mesmo expressiva, algumas fontes romanas. Entretanto, resulta fácil de compreender todo o interesse que ao conhecimento de alguns pormenores e à precisão cronológica e geográfica de certos acontecimentos poderá trazer um estudo de conjunto dos nossos tão abundantes tesouros monetários dessa cronologia. Exemplo do que se afirma poderá ser dado pelos dois estudos há pouco referidos.

O outro grande grupo de achados que cronologicamente convergem para Arcádio e Honório coincide exactamente com o declínio do efectivo domínio romano. Pelo menos o ocultamento da maioria poderá datar das invasões bárbaras e ajustar-se precisamente com as atestadas destruições de castros, nos quais ou na vizinhança dos quais são vulgares os seus aparecimentos. São os característicos achados das moedas de bronze, sobretudo pequenos bronzes, o que também concorda com a pobreza de vida que por outros elementos nos é documentada nesses castros, em particular no momento do seu declínio, uns por morte súbita e violenta, outros caminhando para um fenecer mais ou menos rápido, num ou noutro caso a crise superada e, mais raramente, a vida prolongada pela Idade Média.

Ainda aqui os tesouros monetários, se bem que não só eles, podem revestir-se de grande alcance para datar com relativa segurança em cada caso concreto o momento da extinção da vida nalguns lugares ou, pelo menos, da sua parcial destruição. E o poder precisar-se convenientemente a data destas grandes comoções sofridas pelos nossos lugares de habitação protohistóricos poderá mesmo vir a esclarecer a história da sua vida anterior ao começo do século v. Este esclarecimento teria, por exemplo, sugestivo interesse exactamente para o problema que nos ocupa.

Do interesse e necessidade de um registo dos nossos achados numismáticos se fez eco M. Ramires em 1953. Salientando o inestimável valor que os achados de moedas antigas representam não só para o progresso da Numismática mas ainda porque não raras vezes contribuem com valiosíssimos ensinamentos que esclarecem, completam ou acrescentam a própria História, sugeriu um programa que, efectivamente, se impunha realizar (30).

Não cremos, é claro, que o nosso «Subsidio» satisfaça totalmente o programa que Mário Ramires, como numismata, terá tido em vista. Sem desconhecer o alto interesse que para a Numismática um tesouro pode revestir, não foi essa a consideração que nos moveu ao recolher notícias de tesouros. Como nos pormenores das notícias se adivinhará, os nossos elementos foram recolhidos considerando o interesse para a investigação histórica que tais conjuntos representam. Ideal será a publicação que saiba e possa aliar os dois aspectos, como ideal será a organização museológica que saiba igualmente satisfazer às necessidades dos estudiosos de Numismática e do de temas arqueológico-históricos. Este é também um aspecto a acautelar suficientemente para que se não tenha de lamentar aquilo que infelizmente nós verificámos com não pequena surpresa: a impossibilidade de neste momento poder individualizar nas colecções numismáticas de museus os tesouros ou as unidades oriundas de tesouros que se sabe neles terem dado entrada (31).

Para seriação dos depósitos adoptou-se um critério geográfico: ordenam-se por distritos, partindo de norte para sul e de oeste para este, e dentro dos distritos por concelhos, seguindo a mesma orientação (32).

Exerceu-se efectivo esforço no sentido de reunir para cada tesouro a mais completa e precisa informação, procurando-se não omitir qualquer pormenor desde que susceptível de converter-se em elemento útil

(30) Mário Ramires, *art. cit.*, pp. 206-209.

(31) Temos, por ex., de J. L. de V. certo número de notícias da entrada no Museu Etnológico de várias quantidades de moedas, algumas explicitamente indicadas como tesouros, outras que admitem essa suposição. Parece não ser possível identificar as moedas a que se referem tais notícias.

(32) Houve a preocupação de situar com precisão, indicando o lugar, freguesia e concelho, só se omitindo estas últimas referências quando desnecessárias e para evitar repetições.

na tentativa de vir a obter-se um melhor ulterior conhecimento ou pudesse habilitar a mais perfeito julgamento do seu significado (33).

Na identificação do conteúdo dos conjuntos remete-se o leitor para os catálogos da especialidade cuja consulta esteve ao nosso alcance, sempre que os elementos disponíveis se mostraram capazes de o permitir (34).

(33) Reconhecer-se-á que a nossa documentação é para grande número muito deficiente. Agradece-se a colaboração — que pode ser dirigida para o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra — de quem puder completá-la ou comunicar novos achados. Com tal intenção se reproduz a seguir o questionário a que em página anterior se fez menção:

QUESTIONÁRIO

(RELATIVO A TESOUROS DE MOEDAS ROMANAS ENCONTRADOS NO PAÍS)

Tem conhecimento do achado de algum destes tesouros monetários?

Qual o lugar do achado (lugar, freguesia, concelho, distrito)?

Qual a data do achado?

Como se encontravam as moedas?

Quem foi o achador?

Conhece a composição do tesouro (número de moedas e sua identificação)?

Pode dar qualquer indicação sobre alguma ou algumas das moedas?

Qual foi o destino do tesouro?

Poderá indicar algum jornal, revista ou livro que tenha noticiado o achado?

Conhece o endereço do possuidor de alguma ou algumas unidades do tesouro?

São vulgares os achados de antiguidades romanas, em particular de moedas, na região do achado?

Conhece alguém da sua região—numismata, estudioso, coleccionador ou simples curioso — que se interesse por moedas antigas e particularmente romanas?

(34) Referências bibliográficas:

Babelon ou Bab. = Ernest Babelon, *Description historique et chronologique des monnaies de la république, vulgairement appelées monnaies consulaires*, Paris, 1885-1886.

Cohen ou Cohen 1 = Henry Cohen, *Description historique des monnaies frappées sous l'empire romain*, 1^o ed., Paris, 1859-1868.

Cohen 2 = Id., 2^o ed., Paris, 1885-1888.

R.I.C. IV-3 = H. Mattingly, E. A. Sydenham, C. H. V. Sutherland, *The Roman Imperial Coinage*, vol. IV, part III, Londres, 1949.

R.I.C. V-1 = Percy H. Webb, *The Roman Imperial Coinage*, vol. V, part I, Londres, 1927.

R.I.C. V-2 = Id., part II, Londres, 1933.

Fazemos projecto de dar continuidade ao registo que agora se publica (35). Oportunamente se publicarão outros achados de que não temos por agora senão indecisas referências.

TESOUROS DO DISTRITO DE VIANA DO CASTELO

1

ALTO DO CORGO, FREG. DE FONTOURA, CONC. DE VALENÇA

«Diz um jornal que há dias, quando no Alto do Corgo, por cima da ponte de Lares, próximo à estrada que segue para Paredes de Coura, na freguesia de S. Miguel de Fontoura, uns pedreiros andavam quebrando pedra para a estrada, apareceram, dentro de um vaso de ferro, já muito deteriorado, trinta moedas de prata de diferentes cunhos, do tamanho das de 200 réis e algumas das de 100 réis. Parece serem do tempo dos romanos»... A julgar pela data do periódico onde colhemos a notícia, concluímos que o achado se terá verificado em 1884 (36).

2

MONTE DO CRASTO, FREG. DE ABOIM DAS CHOÇAS, CONC. DE ARCOS DE VALDEVEZ

Entre a freg. de Aboim das Choças, que lhe fica a nascente, e a de Eiras, a ponte, ergue-se o monte chamado Crasto. É na extremidade sul desta elevação que se situa o lugar também denominado Crasto, já na freg. de Eiras.

«Foi ao pé deste lugar que nos fins de Maio ou princípios de Junho de 1907 uns pedreiros, que no monte arrancavam pedra, encontraram a pequena profundidade um vasilha de barro que guardava, segundo a informação que me deram, cerca de um quarto de alqueire, ou seja mais de quatro litros, de moedas romanas, também bronzes mínimos. A primeira cousa que os achadores fizeram foi partir em mil bocados o

(35) Ao transcrevermos o corpo das notícias que a seguir ordenamos procedemos à actualização da grafia, sempre que tal se não mostrou inconveniente.

(36) «Há 75 anos. Moedas antigas», *O Primeiro de Janeiro* de 6 de Fevereiro de 1959.

inofensivo recipiente das moedas, as quais depois deram a várias pessoas, ou venderam a peso, a preço de seis vinténs o quilo.

As moedas estavam relativamente bem conservadas, pois de cerca de 250 que me foi permitido examinar, pude decifrar 213, que distribuo da seguinte forma: Flávia Maximiana Teodora 2, Flávia Júlia Helena 3, Constantino I 33, Constantino II 5, Constante 66, Constâncio II 57, Juliano 17, Valentiniano I 4, Valente 7, Graciano 6, Magno Máximo 2, Teodósio 5, Arcádio 6» (37).

Uma outra referência ao mesmo achado dá mais completa informação acerca da sua composição. Citam-se ainda moedas de Constâncio I, Maxêncio, Constantinopla, Roma, Valentiniano II e Honorio (38).

3

«Há bastantes anos que no mesmo monte [do Crasto, Aboim das Choças] foi encontrado outro tesouro de moedas da mesma época» (39). (V. tesouro precedente, moedas de Constantius I a Arcadius e Honorius).

4

RAMALHOSA, FREG. DE SENHAREI, CONC. DE ARCOS DE VALDEVEZ

Em Julho de 1957 encontrou-se, no lugar de Ramalhosa, da freg. de Senharei, um «panelinho» de barro com moedas de bronze. Eram em número de cem, «de Cláudio e Constantino», e foram adquiridas por diversos compradores (40). Em Abril de 1959 o achador do depósito, o Sr. Manuel Rodrigues, do lugar de S. Mamede, da mesma freg., conservava ainda dois grandes bronzes, cujo exame nos facultou. São

(37) P.^e M. J. da Cunha Brito, «Achados de moedas romanas», *O Arch. Port.*, vol. XIII, Lisboa, 1908, p. 96.

(38) Cf. Manuel de Oliveira, «Thesouros encontrados em alguns castros do Norte de Portugal», *Portugalia*, vol. II, Porto, 1905/1908, p. 667. Art. com a data de Julho de 1908.

(39) P.^e M. J. da Cunha Brito, *art. cit.*, p. 96. Deste mesmo achado diz, contudo, F. Alves Ferreira, «Rascunho de velharias de Entre-Lima-e-Minho», *O Arch. Port.*, vol. XXVI, Lisboa, 1924, p. 276: «Vi uma destas moedas, que era angulosa, e na ocasião não me pareceu romana».

(40) Informação por carta de 1 de Abril de 1959 do próprio achador, por intermédio do Rev.^o Pároco de Senharei e Sabadim.

ambos de Claudius I, inventariados em Cohen (1.^a ed., vol. I, 1859, p. 164) sob o n.º 79(41).

5

S. PRIZ, CONC. DE PONTE DA BARCA

A poente da igreja paroquial de S. Priz, a cerca de trezentos metros, encontra-se um povoado chamado lugar de Crasto e, contíguo a este, um pequeno outeiro onde, efectivamente, se confirma a existência de um castro lusitano-romano. «Num dos sulcos abertos pelas rodas do carro de bois no caminho de servidão para uma devesa do mesmo outeiro, sulco que as águas das chuvas vão mais e mais refundando, pôs-sé a descoberto, em Dezembro de 1906, uma porção de moedas de prata do imperador Augusto, cujo número andaria por oitenta. Algumas foram primeiro encontradas por um homem da freguesia à superfície da terra, e o dono do terreno, depois que isto soube foi bulir a terra no sítio do achado e deu, sem grande trabalho, com as restantes, que eram a maior parte, encontrando ainda o fundo da vasilha em que tinham sido guardadas e que a roda do carro ao passar tinha pouco a pouco esmigalhado.

A maior parte das moedas foram vendidas em Braga nas ourivesarias, a 160 réis cada uma. Vi as restantes, pouco mais de uma dúzia. São todas do mesmo tipo, e as vendidas diz-se que eram iguais» (42).

Pela descrição que o A. a seguir apresenta conclui-se que se trata do espécime classificado por Cohen (1.^a ed., vol. I, 1859, p. 52) sob o n.º 87.

6

MONTE DE SANTO OVÍDIO, FREG. DE SANTA MARINHA DE ARCOZELO,
CONC. DE PONTE DE LIMA

«Em Março do ano passado (1907), quando uns pedreiros desfaziam um rochedo lá muito para o alto e a poucos metros da ermida, encontraram um tesouro de moedas romanas. Não pude averiguar rigorosa-

(41) Anv.: TI CLAVDIVS AVG P M T R P IMP (Cabeça nua à d.).
Rev.: LIBERTAS AVGVSTA (Libertas de pé à d., seg. púleo; no campo S C).

(42) P.^o M. J. da Cunha Brito, «Achados de moedas romanas», *O Arch. Port.*, vol. XIII, Lisboa, 1908, p. 97.

mente as condições do achado. Eram cerca de 4 a 5 quilos de moedas, pequenos bronzes (n.^{os} 1, 2, 3 e 4 da escala de Mionnet). Examinei perto de metade do achado. As moedas eram, na sua maior parte, frustes. Apenas encontrei duas de prata, completamente deterioradas e dois médios bronzes (n.^o 5 na escala de Mionnet) com o busto iconográfico de Juliano. Pude identificar as dos seguintes imperadores: Cláudio II, Helena, Teodora [no texto Teodoro], Constantino I, Cidade de Roma, Povo Romano, Constantinopla, Constantino Junior, Constante, Constâncio II, Constâncio Junior, Juliano, Valentiniano I, Valentiniano II, Graciano, Valente, Teodósio, Arcádio e Honório» (43).

TESOUROS DO DISTRITO DE BRAGA

7

FREG. DE MOURE, CONC. DE VILA VERDE

«Um lavrador da freguesia de Moure... encontrou há dias, quando andava a cavar, um pote de barro cheio de moedas romanas de bronze. Não ligando ao achado a importância que merecia, vendeu as moedas por um preço exíguo a vários indivíduos. Na mão dum nosso amigo vimos cinco destas moedas, perfeitamente conservadas. Têm aproximadamente o diâmetro e a espessura de um pataco e em alto relevo conservam perfeita e nitidamente as efigies dos imperadores sob cujo governo foram cunhadas. Uma é de Júlio César, outra de Adriano Augusto, duas de Nero e na outra não se percebe senão o nome de Augustus» (44).

8

MONTE DO CASTELO, S. TIAGO DE CARREIRAS, CONC. DE VILA VERDE

«Separando as freguesias de S. Tiago de Carreiras, Moure e Barluido está o monte do Castelo... Na vertende sobre Carreiras encontrou um

(43) Manuel de Oliveira, *art. cit.*, pp. 666-667. Deste mesmo achado deu ainda notícia M. J. da Cunha Brito, *art. cit.*, p. 95.

(44) «Há 75 anos... Moedas romanas», *O Primeiro de Janeiro* de 14 de Abril de 1961, p. 3.

cavador, há cerca de cinco anos, urna «panela» de moedas romanas. Examinei apenas urna centena dessas moedas, todas pequenos bronzes (soube por pessoas fidedignas que não apareceram moedas nem maiores nem doutro metal). Eram dos imperadores Constâncio Cloro, Teodora, Constantino I, Constantinopla, Cidade de Roma, Constantino Junior, Constante, Constâncio II, Juliano, Valentiniano I, Valentiniano II, Graciano, Valente, Teodósio e Arcádio» (45).

9

BARROCO, FREG. DE GONDIÃES, CONC. DE VILA VERDE

Tivemos oportunidade de tomar contacto em 30 de Novembro de 1958 com este tesouro e ouvir do seu possuidor a narração das circunstâncias em que o achado se verificou.

No dia 14 de Maio de 1958, na leira da Cachada, do lugar de Barroco, leira pertencente ao Sr. José da Rosa, o filho deste senhor, o pequeno António da Rocha, andava a brincar junto de casa, escavando o solo. À profundidade de 80 cm. encontrou um vaso com moedas. O recipiente foi partido pela criança. Dele conservavam-se ainda alguns fragmentos quando da nossa visita.

As moedas encontradas foram mais de duas mil, num total de cerca de 3,2 kg., totalidade que cremos ainda se conservar na posse do proprietário do terreno. São numismas de Constantinus I e dos seus sucessores, incluindo unidades de Maximus, talvez o último imperador representado. Esperamos vir a poder publicar dados bem mais pormenorizados acerca da sua composição (46).

10

PORTELINHA, FREG. DE PORTELA, CONC. DE VILA VERDE

Em Portelinha, lugar da freg. de Portela, num terreno do proprietário José Barbosa Reina, foi encontrado, há cerca de cinco anos, um

(45) Manuel de Oliveira, *art. cit.*, pp. 667-668.

(46) Do achado publicou uma notícia *O Comércio do Porto*, de 23 de Maio de 1958, p. 2, sob o título «Quando escavava terra num quintal da freguesia de Gondães um rapazinho encontrou um pote de barro com duas mil e duzentas moedas romanas».

depósito de numismas de prata que, segundo consta, foram vendidos (47).

11

PAROLA, FREG. DE VERIM, CONC. DE PÓVOA DE LANHOSO

«Em 1939, no lugar da Parola, freguesia de Verim, encontrou-se urna panela de barro com 115 moedas romanas, algumas em bom estado e de Constantino Magno. Foram mandadas para Braga para identificar» (48).

CIDADE DE BRAGA

12

«Na esquina da Rua de Santa Maria, nos alicerces de uma casa, apareceram muitos sestércios (bronzes máximos) de Adriano e de outros imperadores em melhor ou pior estado. É frequente aparecerem moedas romanas em Braga...» (49).

13

«Na rua de El-Rei, antiga r. do Coelho, apareceu uma talha de barro... dentro havia milhares de moedas romanas de cobre (bronzes mínimos), a maior parte com o nome de Constantino, outros porém com: CRISPVS NOB CAES, LICINIVS.. N, FL CL IVLIANVS, FL IVL CONSTANTIVS NOB, DN VALENS, CONSTANTIVS P F AVG, DN THEODOSIVS, VALENTINIANVS, DN GRATIANVS (citei ao acaso)» (50).

(47) Informação do Sr. José da Rosa, de Barroco (Gondiães), em 30 de Novembro de 1958.

(48) Afonso do Paço, «Citânia de Sanfins. III-Breve notícia de um tesouro monetário», *Brotéria*, vol. LVI, fase. 6, Lisboa, 1953, p. 680. Cita-se como fonte *O Século* de 24 de Dezembro de 1939 mas há lapso, provavelmente na data do jornal.

(49) J. L. de V., «Coisas Velhas», *O Arch. Port.*, vol. XXIII, Lisboa, 1918, p. 357.

(50) *Ibid.*

14

«No territorio da cidade de Braga se descobriram perto de trezentas moedas de ouro do tamanho de um tostão português com o peso de duas oitavas cada uma, que segundo a asseveração dos ourives tocam 24 quilates, e todas tão bem conservadas, como se agora saíssem do cunho, no qual se admira a última perfeição romana.

São de vários imperadores antigos, como Nero, Galba, Vitélio, Vespasiano, Tito, Domiciano, Nerva, Trajano, Adriano, Antonino Pio, Marco Aurélio, e também de Lúcio Vero, Faustina e Plautino; muitas dobradas destes mesmos imperadores, e com diversas empresas no reverso. Logo um negociante inglês comprou no Porto a um ouvíres de Braga duzentas que mandou para Inglaterra a engrandecer os museus dos curiosos daquela nação». «(*Gazeta de Lisboa*, de 7 de Julho de 1744)» (51).

15

«No dia 6 de Maio último, quando se procedia à reedificação do prédio do sr. José Maria de Lima, sito no largo do Barão de S. Martinho, apareceu, numa pequena cavidade aberta em salão resistente, um vaso de barro, logo destruído, que continha cerca de cinco quilos de moedas romanas. A forma do vaso não se reconstitui seguramente; parece uma *lagoena* grosseira, de olaria rústica, manufacturada ao torno numa pasta mal coada e muito desigual em cor.

Temos também presentes algumas das moedas. São de cobre; e, posto que pertençam quase todas a imperadores do século iv (Constante, Constâncio, Juliano, Valente, Graciano, Valentiniano e Teodósio), estes exemplares são interessantes pela notável variedade do seu cunho. Outras, raras entre elas, são cunhadas em nome da cidade de Roma e de Flávia Júlia Helena.

Alguns fragmentos do vaso e uma parte das moedas foram recolhidas no Museu Municipal do Porto» (52).

(51) Pedro A. de Azevedo, «Noticias archeologicas do século XVIII», *O Arch. Port.*, vol. V. Lisboa, 1900, p. 119.

(52) J. M., «Achado de moedas romanas em Braga», *Portugalia*, vol. II, Porto, 1905/1908, p. 478. A notícia é datada de 2 de Junho de 1907.

16

«As moedas aparecidas há anos em Braga, quando se procedia à renovação do velho bairro das Travessas, a antiga cidade, eram contemporâneas destes achados (5): as dos imperadores mais recentes eram de Arcádio e Honório» (54).

17

PIPE, FREG. DE FIGUEIREDO, CONC. DE BRAGA

«Na vertente de um monte sobranceiro ao lugar de Pipe, freguesia de Figueiredo, encontrou por esta ocasião (55) o lavrador Manuel José Ferreira, do mesmo lugar, uma talha de barro grosseiro cheia de moedas romanas de cobre, prata e bilhão que imediatamente foram vendidas em Braga por sua mãe Maria Joaquina, viúva.

Os pequenos bronzes de Constantino, Constante, Constâncio, Valentiniano, Teodósio, Magnêncio, etc., em quantidade superior a 50 quilogramas foram-me obsequiosamente confiados pelos compradores os srs. Rebelo da Silva e irmão, proprietários da fábrica de fundição de sinos, para um ligeiro exame. Antes, porém, já o Sr. Dr. António Maria da Costa Rebelo, então meritíssimo juiz de direito em Paços de Ferreira, havia escolhido para a sua colecção 32 de Constantino, 2 de Constantino II, 19 de Constante, 17 de Constâncio II, 1 de Helena, primeira mulher de Constantino (*sic*) Cloro, 1 de Teodora, segunda mulher do mesmo, 2 de Valente, 2 de Valentiniano, 2 de Delmácio, 1 de Tétrico Senior, 1 de Aureliano, com vestígios de haver sido prateada, 1 de Magnêncio, 9 de Juliano, 1 de Juliano II, 1 de Maximiano, 1 de Crispo, 1 de Anibaliano, 1 de Cláudio e 1 de Graciano, todas de cobre; um de Constantino, de bilhão, e outro de Crispo, de prata» (56).

(53) O A. refere-se aos achados do Monte de Santo Ovídio (V. *supra* p. 15), do Monte do Crasto, Aboim das Choças (V. *supra* p. 13) e do Monte do Castelo, S. Tiago de Carreiras (V. *supra* p. 16).

(54) Manuel de Oliveira, *art. cit.*, p. 668.

(55) Pelo contexto conclui-se que terá sido em 1899.

(56) Albano Bellino, «Cidades mortas. Relatório das minhas explorações nas estações archeologicas suburbanas de Braga...», *O Arch. Port.*, vol. XIV, Lisboa, 1909, p. 7.

18

S. FRUTUOSO, CONC. DE BRAGA

...«Junto ao convento dos religiosos capuchos de S. Frutuoso, um quarto de légua de Braga, apareceu há pouco tempo urna boa quantidade de moedas romanas de cobre, do tamanho de meios tostões, e vinténs, com a effigie do imperador Constantino o Magno» «{*Suplemento à Gazeta de Lisboa*, de 27 de Junho de 1748, n.º 26}» (57).

19

ANTIGA FREG. DE SANTA CRISTINA, CONC. DE BRAGA

«Na freguesia de Santa Cristina, uma légua distante da cidade de Braga, e duas da vila de Guimarães, querendo um camponês, chamado António Rodrigues, plantar um bacelo perto de uma casa, que fez, deu com uma lajem, e levantada esta, com duas painelas cheias de medallhas romanas dos imperadores Diocleciano, Maximiano, Maximino {*sic*}, Constantino, Constâncio, e dos tiranos Licêncio {*sic*} e Maxêncio, todas mui bem conservadas, as quais livrou de serem fundidas por um ourives, a quem se tinham vendido, Tadeu Luís António Lopes de Carvalho, Senhor de Abadim, e Negrelos, e Académico da Academia Real, que as participou à mesma Academia ao Excelentíssimo Conde da Ericeira, e a outras pessoas curiosas da corte, fazendo-lhes presente de algumas». {«*Gazeta de Lisboa Ocidental*, 22 de Maio de 1738}» (58).

20

PENICES, FREG. DE GONDIFELOS,
CONC. DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

Num lugar de abundantes penedos, conhecido por Penices (Mocha), situado junto do rio Este, na freguesia de Gondifelos, procediam em meados de Janeiro de 1959 alguns pedreiros, entre os quais os srs. Joaquim Vidal e António Vidal, à extracção de pedra, exactamente junto

(57) Pedro A. de Azevedo, *art. cit.*, p. 120.

(58) *Id.*, *art. cit.*, p. 86-87.

da habitação do proprietário do terreno, o sr. Miguel Rodrigues. Numa espécie de caixa formada por pequena abertura entre dois blocos e misturadas com areão e terra, vieram os operários a encontrar mais de duas centenas de moedas, que recolheram e logo dispersaram.

Só posteriormente o proprietário do terreno teve conhecimento do achado, vindo ainda a recolher algumas dezenas. Ainda posteriormente alguns seminaristas da vizinha freg. de Macieira removeram a terra no local e recolheram mais algumas unidades, talvez cerca de trinta ou quarenta.

Todas estas indicações foram-nos confiadas pelo Sr. Manuel Rodrigues, que procurámos em 21 de Agosto de 1959. Visitámos o local do achado e pudemos examinar sumariamente cerca de três dezenas de unidades. Eram pequenos bronzes, todos em muito mau estado de conservação e de muito imperfeita manufactura. Na quase totalidade não era possível ler qualquer legenda. Com segurança apenas pudemos identificar moedas de Constantinus I.

Do achado fez-se eco *Notícias de Famalicão* no seu número de 26 de Junho de 1959, informando que algumas moedas foram examinadas pelo Reitor do Seminário de S. Tiago, de Braga, que as identificou como sendo dos imperadores Constantino II, Constante, Valentiniano I e II.

21

CARVALHO, CONC. DE CELORICO DE BASTO

«Fervença (Celorico de Basto), 3.-C. — O sr. Albano de Magalhães, da vizinha freguesia de Carvalho, deste concelho, quando procedia a escavações no largo da feira, encontrou uma panela de barro contendo mais de 10 quilos de moedas de cobre com as effigies de vários imperadores romanos, tais como Constantino, Aurélio, Graciano, etc.» (59).

(59) «Achado arqueológico», *O Século* de 8 de Junho de 1931, p. 1.

TESOUROS DO DISTRITO DE VILA REAL

22

TOURÉM, CONC. DE MONTALEGRE

Quando em Novembro de 1936, José Macias Branco, residente em Tourém, se entregava à caça em plena serra, mas ainda dentro da área deste lugar, encontrou, ao pretender desalojar um coelho, à volta de 70 moedas romanas de prata, que se encontravam dentro dum púcaro de barro que a acção do fogo havia acabado de pôr a descoberto e fraccionado. O conjunto, dentro do qual havia muitos espécimes repetidos, foi vendido em Lisboa pelo valor da prata.

Os numismas apresentavam a efigie «do imperador César Augusto e outros» (60).

23

CEPEDA, FREG. DE SARRAQUINHOS, CONC. DE MONTALEGRE

«Na povoação de Cepeda, ao compor-se um cunhal de uma casa pertencente a António Seara Velha, fronteira ao tanque público e à capela da Senhora da Assunção, apareceu um barril (?) de barro colocado uns três metros abaixo dos alicerces, o qual continha umas 140 moedas de prata do imperador Trajano e imperadores seguintes, segundo nos informou o sr. dr. Liberal, de Outeiro Seco, em cujo poder estão» (61).

24

GROVA, FREG. DE S. VICENTE DA CHÃ,
CONC. DE MONTALEGRE

«No sítio da Grova, aro de Fírvidas, apareceu, segundo nos informaram, uma vasilha de barro contendo moedas de cobre e prata já

(60) Informação do próprio achador, recolhida em 16 de Agosto de 1961, pelo Sr. Prof. Alberto Pereira de Barros.

(61) Fernando Braga Barreiros, «Materiais para a Arqueologia do concelho de Montalegre», *O Arch. Port.*, vol. XXIV, Lisboa, 1920, p. 66. Art. datado de Junho de 1914.

muito deterioradas, e parecendo que eram romanas e de Constantino» (62).

25

FRAGAS DO PIAGO, FREG. DE SALTO, CONC. DE MONTALEGRE (63)

26

LAGARES, FREG. DE OUTEIRO SECO, CONC. DE CHAVES

«Junto ao referido lugar de Lagares, na propriedade de um lavrador, se achou em 1721 grandíssima cópia de moedas romanas, de diversos imperadores» (64).

27

VILAS BOAS (PROXIMIDADES), CONC. DE CHAVES

«Próximo ao lugar de Vilas boas, a 9 quilómetros de Chaves, num alto existem ruínas de uma fortaleza e povoação, que parecem ser obra romana, porque, pelos anos de 1710, se achou aqui uma grande quantidade de medas romanas» (65).

28

CASAL, FRIUME, FREG. DE S. SALVADOR,
CONC. DE RIBEIRA DE PENA

O achado verificou-se numa propriedade do Sr. José Augusto Dias, de Santo Aleixo, numa antiga pedreira abandonada. Ao proceder-se, em 31 de Dezembro de 1953, à extracção de pedra, foram os operários surpreendidos com o aparecimento de várias moedas de prata, num total de 223, de mistura com fragmentos de louça de barro. No dia 2 de Janeiro o proprietário do terreno veio, com alguns auxiliares, a desenterrar um segundo lote de numismas, desta vez 187 de prata e um de ouro, que estariam dentro de uma vasilha de barro, então fraccionada, mas cuja reconstituição foi possível.

(62) *Ibid.*, p. 78.

(63) *V. infra* p. 103.

(64) Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. VI, Lisboa, 1875, p. 362.

(65) Pinho Leal, *ob. cit.*, vol. VII, Lisboa, 1876, pp. 123-124.

Trata-se, pois, de um conjunto de 411 unidades — 210 *denarii* da República, 200 *denarii* do Império, 1 *aureus* de Domitianus — que conservado íntegro e posto pelo proprietário do terreno à disposição do numismata Mário Ramires pôde ser objecto de conveniente estudo (66). Já antes o achado havia sido examinado por Mário Cardozo, na qualidade de Vogal da Junta Nacional de Educação. A circunstância de o exemplar de ouro ser moeda extremamente rara justificou a sua inclusão no inventário do património arqueológico nacional, conforme despacho ministerial publicado no *Diário de Governo* n.º 65 de 18 de Março de 1954, 2.ª série.

Extraímos do estudo de M. R. a identificação das unidades de prata feita pelos catálogos de Babelon ou Cohen (2.ª edição) e ainda pela descrição das unidades não inventariadas neste último, embora uma delas o seja por H. Mattingly e A. Sydenham (*The Roman Imperial Coinage*). A descrição do *aureus* é a publicada no já citado número do *Diário do Governo*.

A—DENARII DA REPÚBLICA

Famílias	N.º de Bab.	N.º de exs.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de exs.
Anónima	20	1	Legião III	107	1
	32	1	» IV	108	1
	226	2	» VII	113	1
	276	2	» VIII	114	2
Accoleia	1	1	» XI	118	1
Aemilia	8	1	» XIII	119	2
	10	3	» XV	125	1
	22	1	» XVI	126	1
Antestia	1	2	» XX	135	3
	9	1	» XXI	136	2
Antia	2	1	» não identif.		30
Antonia	1	1	Aquillia	2	2
Legião II	105	1	Atilia	8	1
» III	106	1	Aurelia	21	1

(66) Mário Ramires, «Tesouro monetário romano de Friume», *Nummus*, vol. II, n. 6, Porto, 1954, pp. 74-80.

Famílias	N.º de Bab.	N.º de exs.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de exs.
Caecilia	45	1	Iunia	30	1
	47	1		35	1
Calpurnia	12	2	Lollia	2	1
Cassia	4	1	Marcia	24	3
	7	1		28	1
	16	2	Memmia	8	1
Claudia	13	1		9	1
	15	3		10	1
Coelia ou Coilia	1	1	Minucia	9	1
	2	2		15	1
	7	1	Nonia	1	2
Considia	6	1	Plaetoria	3	1
	7	1	Poblicia	9	3
Cordia	1	1	Pompeia	1	2
	2	1		9	1
	3	1		27	1
	4	1	Porcia	4	1
Cornelia	24	1	Postumia	4	1
	25	1		9	2
	50	1		11	2
	59	1		14	1
	63	1	Procilia	1	1
Curtia	2	1		2	1
Decimia	1	1	Roscia	3	1
Egnatia	2	1	Rubria	3	1
Fabia	1	3	Rustia	1	1
Fonteia	1	1	Rutilia	1	1
Fufia	1	1	Saufeia	1	2
Hosidia	2	1	Scribonia	8	3
Hostilia	2	1	Sergia	1	1
	4	1	Servilia	15	1
Julia	5	1	Titia	1	3
	9	4		2	1
	10	4	Tituria	1	1
	11	1		4	1
	26	1		5	2
	33	1		6	2
	35	1	Valeria	12	1
(Salvia, 2)	93	1	Vibia	1	1
(Augusto, 70)	105	1		16	1
(» 64)	110	1		18	2
	156	1		24	1
Junia	15	1	Inutilizadas		27
	16	1			

B — DENARII DO IMPÉRIO

IMPERADOR	N.º de Cohen	N.º de exs.	IMPERADOR	N.º de Cohen	N.º de exs.	
Octávio Augusto	20	1	Vespasiano	125	2	
	40	2		136	1	
	43	57		216	1	
	108	1		222	1	
	144	1		226	1	
	147	1		362	2	
	175	1		363	1	
	208	2		365	3	
	213	1		368	1	
	325	1		371	1	
	Tibério	16		58	373	1
	Calígula e Augusto	9		1	387	3
	Antónia	2		1	390	1
Agripina Mãe e Calígula	7	1	431	2		
Nero e Claudio	5	1	432	1		
Nero	45	1	561	1		
	97	1	566	1		
Galba	44	1	573	1		
	118	2	618	1		
	223	1	Tito	121	2	
Galba	322	1	274	2		
	323	1	278	1		
Vitélio	a) Tipo do	347	1	c) Tipo do	313	1
		32	1		315	1
		36	1	Domiciano	49	2
Vespasiano		47	1		51	1
		28	1	d) Tipo do	359	1
		43	1		381	1
	b)	91-A	5	Inutilizadas		14

- a) Anv: GALBA IMPER. Galba a cavalo, à esq., elevando a mão dir.
Rev: VIRTVS. Busto de Valor, à dir., com capacete.
- b) Anv: (IMP?) CAESAR VESPASIAN VS AVG. Cab. laur. do imp. à dir.
Rev: COS ITER TR POT. A Paz sentada à esq., com ramo na mão dir.
e caduceu alado à esq.
- c) Anv: IMP TITVS CAES VESPASIAN AVG P M. Cab. laur. à dir.
Rev: TR P IX IMP XV COS VIII P P. Trono com espaldar em bico,
guarnecido de (espigas?).
- d) Anv: IMP CAES DOMITIANVS AVG GERMANIC. Cab. laur. à
dir. (Sem égide?).
Rev: PM TR POT III IMP V COS X P P. Águia sobre raio.

C — AUREUS DE DOMICIANO

Anv: IMP CAES DI VI VESP F DOMITI AN AVG. Cab. do imp. olhando à esq.

Rev: GERMANICVS COS X. Figura feminina, sentada, olhando à dir., com o braço esq. dobrado sobre o joelho e a mão apoiando a cab.

29

«ALTO DOS MOIROS», CERVA, CONC. DE RIBEIRA DE PENA

Depois de noticiar o achado do tesouro de Agarez (V. *infra* p. 31, bronzes de Constantinus I a Arcadius) continua o A.: «São estas moedas iguais a outras... que descobriram em Cerva (concelho de Ribeira de Pena) num castelo em ruínas uns pastores daqueles sítios, perfeitamente conservadas, dentro de um vaso de cobre que as resguardava da humidade» (67).

30

OUTEIRO, FREG. DE TELÕES, CONC. DE VILA POUCA DE AGUIAR

Pelo Rev.º Rafael Rodrigues diz J. L. de Vasconcelos lhe terem sido ofertados, em Agosto de 1915, diversos objectos e «nove moedas de bronze, do século iv, achados numa panela de barro em Outeiro (freguesia de Telões, concelho de Vila Pouca» (68).

31

VALES, FREG. DE TRESMINAS, CONC. DE VILA POUCA DE AGUIAR

«Próximo à povoação dos Vales, freguesia de Tresminas, concelho de Vila Pouca de Aguiar, descobriu também, ainda o ano passado [1894] um lavrador que arava o seu campo, boa porção de dinheiros romanos,

(67) Henrique Botelho, «Moedas romanas achadas em Agarez», *O Arch. Port.*, vol. III, Lisboa, 1897, p. 120; notícia com a data de Maio de 1897. J. L. de V. («Coisas Velhas», *O Arch. Port.*, vol. XXII, Lisboa, 1917, p. 164) também registou fugaz notícia do achado, em nota tomada em 1895.

(68) J. L. de V., «Por Tras-os-Montes», *O Arch. Port.*, vol. XXII, Lisboa, 1917, p. 47.

todos de Caio César e Lúcio César no reinado de Augusto» (69). Outra referência confirma que os numismas são todos do mesmo cunho e que se trata do espécime que no catálogo de Cohen (1.^a ed., vol. I, 1859, p. 52) tem o n.º 87(70).

32

PENEDO REDONDO, FREG. DE TORGUEDA, CONC. DE VILA REAL

«Por ocasião do rompimento da estrada do Marão, de Vila Real a Amarante, num sitio a que chamam o Penedo Redondo, freguesia de Torgueda, concelho de Vila Real, também apareceram juntos muitos dinheiros da República romana, e não sei se também do Império, que os trabalhadores dividiram entre si. Nunca pude ver nenhuma das moedas desta procedência, constando-me que possui algumas o distinto jurisconsulto Luís de Bessa Correia, desta vila, que vive actualmente em S. João da Foz» (71).

33

GUIÃES, CONC. DE VILA REAL

«Numa vinha da povoação de Guiães, concelho de Vila Real, pertencente ao proprietário José Carlos Rodrigues, ao abrirem uma cova para plantação de videiras, encontraram os trabalhadores uma taça com um bracelete de prata e alguns centos de moedas de prata, muito bem conservadas quase todas», das quais «fizeram aquisição alguns coleccionadores desta vila e curiosos daqui e de algumas povoações do concelho, para alfinetes e botões de punho. Quase todas as que vimos são do tempo da República romana e pertencem às famílias: Annia, Aelia [no texto Aeilia], Aemilia, Cassia, Claudia, Cornelia, Calpurnia, Julia, Junia, Licinia, Lollia [no texto Lelia], Pompeia, Postumia, Servilia, Sicinia [no texto Sicina], Thoria, Vibia e outras mais.

(69) Ab. Manuel de Azevedo, «Notícias archeologicas de Trás-os-Montes», *O Arch. Port.*, vol. I, Lisboa, 1895, p. 135.

(70) Henrique Botelho, «Archeologia de Trás-os-Montes», *O Arch. Port.*, vol. IX, Lisboa, 1904, p. 56. Haverá nesta referência inexactidão quanto à data do achado.

(71) Ab. Manuel de Azevedo, *art. cit.*, p. 135.

Todas são muito perfeitas, de boa prata e da classe dos «denarii» (72).

34

SAMARDÃ, CONC. DE VILA REAL

«Em Julho de 1893, entre as povoações de Banagouro e Vilarinho da Samardã, freguesia deste nome, concelho de Vila Real, próximo à estrada de Vila Real a Chaves, foi também encontrada por um lavrador, que ali roçava mato, uma panela de barro escuro, bastante espesso, semelhante ao que ainda se fabrica em Bisalhães e Tourencim. Estava igualmente cheio de moedas romanas em número de mais de seiscentas, grandes e medianos bronzes do Império, quase todos muito perfeitos, à excepção de uns duzentos, já apagados.

Estavam representados naquele achado Augusto, Vespasiano, Domiciano, Nerva, Trajano, Adriano e Sabina, Élio, Marco Aurélio e Faustina, principalmente Adriano e Trajano, pois só deste pude apurar uns setenta e daquele cento e trinta exemplares diferentes, quase todos de inexcelsível perfeição e beleza. O último dos césares ali representado era Marco Aurélio, nos princípios de cujo reinado se deve talvez supor enterrado aquele dinheiro, pois apenas eram dez bronzes deste imperador e nenhum dos que se lhe seguiram. Nenhum destes bronzes pertencia aos tempos da República romana, a não serem os apagados ou algum de entre seis ou sete, pertencentes aos monetários de Augusto. Dividi pelos meus amigos amadores os duplicados destes bronzes, e não verifiquei ainda se entre os com que fiquei haverá algum desconhecido, de variante notável.

O local onde apareceram estes bronzes fica fronteiro ao castro ou castelo de S. Tomé» (73).

(72) Henrique Botelho, «Archeologia de Trás-os-Montes», *O Arch. Port.*, vol. XV, Lisboa, 1910, pp. 84 e 86; art. com a data de 31 de Outubro de 1908. Em nota, com a data de 3 de Novembro de 1908, informa J. L. de V. que «tanto a taça como o bracelete e alguns dos *denarii* pertencem hoje ao Museu Etnológico Português».

(73) Ab. Manuel de Azevedo, *art. cit.*, p. 134. Henrique Botelho — «Ceramica dos concelhos de Villa Real e Amarante», *O Arch. Port.*, vol. IX, Lisboa, 1904, p. 99 — alude também ao achado.

35

AGAREZ (IMEDIAÇÕES), FREG. DE VILA MARIM,
CONC. DE VILA REAL

«Segundo me informa o meu antigo condiscípulo P.^e Joaquim Guedes, daquela localidade, já por mais de uma vez apareceram nas imediações da dita povoação de Agarez muitas moedas e objectos romanos. Bem se recorda ainda de ter visto em rapaz muitos grandes bronzes de Vespasiano» (74).

36

AGAREZ, FREG. DE VILA MARIM, CONC. DE VILA REAL

«Há um ano e meio (75) um lavrador, chamado José Leite, andando a cavar numa horta, encontrou duas ânforas de argila avermelhada com uma quantidade de moedas romanas que pesavam sete quilos aproximadamente. A maior parte das moedas estavam oxidadas, a ponto tal que se aproveitaram apenas pouco mais ou menos mil, que foram obtidas pelo engenheiro António Sarmento e Abade Manuel de Azevedo, e pelo autor desta notícia, na maior parte, e por curiosos o resto.

Eram quase todas bronzes pequenos, e alguns bronzes mínimos. A grande maioria são dos imperadores Constâncio II e Constante I, dos quais há muitos exemplares. (Tipos dos reversos: Vitórias; dois guerreiros com um estandarte no meio; soldado ferindo um cavaleiro caído por terra; VOT). Apareceram também exemplares de Constantino Magno, Constantino II, Juliano, Helena, Teodósio I, Teodora, Valentiniano II [no texto Valenciano], Arcádio, Valente, Delmácio, Roma e Constantinopla. Alguns exemplares são muito perfeitos» (76).

(74) Ab. Manuel de Azevedo, *art. cit.*, pp. 133-134.

(75) Deve haver erro nesta data. Manuel de Azevedo, *art. cit.*, p. 133, noticia um achado de Junho de 1894 em Agarez, de moedas da mesma cronologia. Há divergência também quanto ao vaso que recolhia os numismas, mas o mais natural é que se trate do mesmo achado.

(76) Henrique Botelho, «Moedas romanas achadas em Agarez», *O Arch. Port.*, vol. III, Lisboa, 1897. p. 120; notícia com a data de Maio de 1897. Azevedo cita ainda os imperadores Cláudio II, Magnêncio, Graciano e Constâncio III.

POIO, FREG. DE PARADELA DE GUIÃES, CONC. DE SABROSA

Foi este tesouro objecto de um estudo de Russell Cortez, que atribui o seu ocultamento, como outros que refere, às campanhas dirigidas por César contra os Lusitanos serranos das margens do Douro. É deste estudo que extraímos todos os elementos que a seguir se registam (77).

Em 1930, no decurso dos trabalhos de construção da estrada que partindo da margem do Douro, estação do Ferrão, ia terminar um pouco adiante de Paradela de Guiães, apareceram no lugar do Poio «numerosas moedas de prata (\pm 700) dentro de quatro vasos do mesmo metal preciosos».

O detentor do achado, o Sr. Laurindo Pinto dos Santos, dispersou-o, tendo levado para o Rio de Janeiro algumas centenas de denários consulares romanos dos séculos m, n e i a. C. Nem todos os numismas se perderam, contudo, para a investigação. Puderam estudar-se «pormenorizadamente 237 exemplares que preenchendo o lapso cronológico entre 217 a. C. a 64 a. C. se podem agrupar em 62 famílias, em que intervieram 90 magistrados monetários» (78).

Reproduzimos no quadro a seguir a classificação destas 237 unidades.

(77) Cf. F. Russell Cortez, «O Tesouro monetário do lugar do Poio», *Nummus*, vol. I, n.º 1, Porto, 1952, pp. 6, 17, 19-32. *O Século* de 11 de Setembro de 1930 registou a p. 3 o achado, sob o título «973 moedas romanas e três quilos e meio de prata surgem de súbito».

(78) Chama-se a atenção para a circunstância das cronologias apresentadas por Babelon se encontrarem superadas. V. Edward A. Sydenham, *The Coinage of the Roman Republic*, London, 1952.

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Sem marca	6		Cupiennia	1	2
Com símbolo	20		Curtia	2	2
Aburia	1	2	Fabia	1	4
	6	2	Fannia	1	2
Aelia	3	3	Flaminia	1	2
	4	6	Fonteia	1	3
Aemilia	7	3		7	1
Annia	1	1	a)	226	
	2			9	1
	5			10	
Antestia	9	2		12	
Antonia	1	2	Furia	18	2
Appuleia	1	4	Herennia	1	2
	3	1	Julia	4	2
Aurelia	20	1		5	4
	21	1	Junia	15	7
Baebia	12	2		16	3
Caecilia	21	1		18	
	28	2		19	1
	38	1	Licinia	7	1
	45	1		16	2
Calidia	1	2	Lucilia	1	3
Calpurnia	5	2	Lucretia	1	2
	11	4		3	2
Cassia	1	1	Lutatia	2	4
	4	1	Maenia	7	4
Cipia	1	2	Mallia	1	1
Claudia	1	3		2	
	5	2	Manlia	4	2
Cloulia	1	2	Marcia	11	2
Coilia	2	1		12	2
	3	2		18	2
Cornelia	19	2		19	
	50	2		24	2
Crepusia	1	3	Memmia	8	2

a) A moeda assim ordenada pelo autor da classificação não o é da mesma maneira por Babelon. O n.º 226 não é número de família, é número de ordem dentro da «Classificação cronológica», pertencendo ao 6.º período — 89/54 a. C. (cf. Babelon, vol. I, p. 77).

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Mínucia	1	1	Rubria	3	
	9	2	Saufeja	1	2
	19	2	Scribonia	1	2
Opimia	12	2	Sentia	1	2
	16	1	Sergia	1	2
Papiria	6	3	Servilia	1	2
Pinaria	1	2		13	1
	2			14	1
Pompeia	1	3	Spurilia	1	2
Pomponia	7	1	Thoria		2
Porcia	1	3	Titia	1	1
	3	2		2	2
	4	2	Tituria	2	2
	5	1		4	
	8	1		5	
Postumia	1	1		6	
	4	1	Tullia	1	1
	6		Valeria	11	1
	9	4	Vibia	1	1
Renia	1	2		2	
Rubria	1	6	Volteia	1	1
	2				

MONTE DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE, SANFINS DO DOURO,
CONC. DE ALLÓ (79)

O tesouro foi encontrado em 1958, por trabalhadores, quando procediam a obras junto do santuário de Nossa Senhora da Piedade. Recolheram-se 62 denários, uns da República outros do Império, que se encontravam dentro de um vaso, partido no momento da descoberta. Posteriormente foram encontradas duas outras unidades, misturadas com a terra removida.

(79) Devemos ao Pároco de Carlão, Reverendo Manuel Alves Plácido, a primeira notícia deste achado, por carta de 16 de Janeiro de 1959. Em data posterior e graças à colaboração do Prof. de Sanfins do Douro, o nosso amigo António Bernardes Pires, obtivemos dados mais circunstanciados.

Uma relação daquelas 62 unidades foi publicada por Manuel Sereno (80), que informa ter recorrido aos catálogos de Teixeira de Aragão e E. Babelon (81). É a seguinte essa relação:

«Moedas incertas sem nome		família Plautia (59 e 43 a.C.)	2
de família (269 a.C.)	1	Rubria (83 a.C.)	1
família Aemilia (58 a.C.)	1	Vibia (87 a.C.)	1
Calpurnia (89 a.C.)	1	Volteia (88 a.C.)	1
Carisia (49 ou 48 a.C.)	3	Júlio César (50 e 44 a.C.)	3
Cassia (66 a.C.)	1	Pompeu (36 a.C.)	1
Cornelia (97 a 72 a.C.)	1	Marco António (31 a.C.)	7
Cossutia (50 a.C.)	1	M. António e Octáv. (41 a.C.)	1
Fonteia (116 a.C.)	1	Augusto (12 a 2 a.C.)	4
Furia (84 a.C.)	1	Tibério (15 de J.C.)	1
Gargilia (84 a.C.)	1	Nero (37-68 J.C.)	1
Julia (40? a.C.)	1	Galba (3 a.C.-69 J.C.)	3
Junia (89 a.C.)	3	Vitélio (14-69 J.C.)	1
Mareia (84 a.C.)	1	Vespasiano (9-79 J.C.)	12
Papiria (83 a.C.)	1	Tito (41-81 J.C.)	2
		Inatribuível	1»

39

CASTRO DE VILARINHO DE COTAS, CONC. DE ALIÓ

No decurso das pesquisas iniciadas em 24 de Maio de 1901 por Ricardo Severo no Castro de Vilarinho de Cotas, foram exploradas as ruínas de um edifício, situado em leira de Mariana Sobreira.

«Primeiramente extraiu-se a terra solta de cultura, em camada de 0,60 m, e seguidamente o depósito arqueológico de terra escura, de aspecto gorduroso, com carvões, restos de ossos queimados, de objectos de barro, moedas de bronze, etc.» (82).

Não se determina com precisão a maneira como se achavam as

(80) Manuel Sereno, «O Tesouro de «denário» do Monte da Senhora da Piedade», *A Voz de Trás-os-Montes* de 31 de Maio de 1959.

(81) V. *supra* n. 78.

(82) Ricardo Severo, «O Castro de Villatinho de Cotas», *Portugalia*, vol. II, Porto, 1905/1908, pp. 264, 268-269.

moedas, que se não encontravam todas num mesmo grupo. Apenas se indicam na planta do edifício os dois lugares onde se acumulavam em maior quantidade.

O total das moedas é de 93, que o autor divide em dois grupos: um de 5, dos séculos i e II, no qual se acham representados Octávio Augusto, Tibério, Vespasiano, Trajano e Faustina Mãe; outro de 88, do século iv, assim distribuídas: Helena (mulher de Constâncio I) 2, Teodora 2, Constantino I 23, Constantino II 14, Constante I 8 e Constâncio II 39 (83). Do total das 93 unidades dá o autor descrição.

Porque pelo menos as unidades do segundo grupo poderão admitir a mesma valorização que um tesouro monetário, registamos aqui a sua descrição, remetendo o leitor para os correspondentes vols. de Cohen, 1.^a edição.

- | | |
|----------------|---|
| Helena | — Cohen n.º 4 (vol. V, p. 590). |
| Theodora | — Cohen n.º 1 (vol. V, p. 592). |
| Constantinus I | — Cohen n.º 194 (vol. VI, p. 124) e PTR no exergo.
— Cohen n.º 246 (vol. VI, p. 131).
— Como a Cohen n.º 317 (vol. VI, p. 139) e Ri2no exergo, mas na descrição do rev. não se citam as bandeiras ornadas com coroas.
— Cohen n.ºs 313 e 314 (vol. VI, p. 138) e outra variante com X no estandarte, em vez de coroa ou lábaro.
— Como a Cohen n.º 511 (vol. VI, p. 164) mas rev: Duas Vitórias de pé, pousando sobre um altar um escudo; no exergo HSIS. |
| Constantinus I | — Como a Cohen n.º 533 (vol. VI, p. 168) mas anv.: [D N] CONSTANTINVS AVG, busto diad. à dir. com palud. |

(83) Das 14 de Constantino II, todas do mesmo tipo, 7, de legendas ilegíveis, podem ser deste imp. ou de seu pai. (*Nota do autor*).

No grupo das 23 de Constantino I são pelo autor incluídas as duas unidades de Roma e Constantinópolis que figuram na descrição. Segundo Cohen (vol. VI, p. 174, n. 1), se algumas dessas peças foram cunhadas sob Constantino I, a maioria não parece tê-lo sido senão a partir do fim do reinado de Constante e do de Constâncio II até reinados posteriores.

- Constantinus I —Cohen n.º 549 (vol. VI, p. 170).
— Como a Cohen n.º 568 (vol. VI, p. 172) mas no rev. imp. numa quadriga galopando à dir., no exergo SMMA.
- Roma — Cohen n.º 13 (vol. VI, p. 179).
- Constantinopolis — Cohen n.º 15 (vol. VI, p. 177).
- Constantinus II — Cohen n.º 130 e 134 (vol. VI, p. 232) e estandarte também com coroa.
- Constans I — Vários anvs. combinados com o rev. da Cohen n.º 124 (vol. VI, p. 265). Nalgumas coroa no estandarte ou as letras M e Y.
— Cohen n.º 167 (vol. VI, p. 271) e no exergo SMMA.
— Anv.: CONSTANS... busto à dir.; rev.: moeda incusa, busto à esq.
- Constantius II — Vários anvs. combinados com o rev. da Cohen n.º 236 (vol. VI, p. 315). Diferenças na letra do estandarte e no exergo.
— Como a n.º 253 (vol. VI, p. 317) mas sem couraça, no exergo SMKE (?).
— Como a Cohen n.º 262 (vol. VI, p. 318) mas leg. do rev.: SECVRITAS REIPVB [LICAE].
— Como a Cohen n.º 272 (vol. VI, p. 320) mas sem couraça e leg. do rev. descrita como VICTORIAE DO AVGG Q NN. Como variantes, diferentes letras no campo do rev.
— Como a Cohen n.º 279 (vol. VI, p. 321) mas cab. diad. à esq.

40

PÓPULO (ARREDORES, NA ESTRADA DE VILA REAL A MURÇA),
CONC. DE ALIJÓ

«Também por ocasião do rompimento da estrada de Vila Real a Murça se encontraram muitos dinheiros da República romana, de que pude obter alguns exemplares, junto à povoação e freguesia do Pópulo, concelho de Alijó» (84).

(84) Ab. Manuel de Azevedo, *art. cit.* 135.

TESOUROS DO DISTRITO DE BRAGANÇA

41

CHAIRA, SALGUEIROS, FREG. DE TUIZELO, CONC. DE VINHAIS

«Salgueiros. No sítio chamado Chaira, um quilómetro da povoação dos Salgueiros, concelho de Vinhais, encontrou dia 27 de Fevereiro de 1934 o lavrador Francisco Martins, ao surribar o terreno para plantio de vinha, trinta e dois quilos de moedas romanas. Esbanjou muitas, pois as dava a quem lhas pedia, e quando quatro ou cinco dias depois lá fomos em companhia do Dr. Raul Manuel Teixeira, apenas adquirimos o refugio—14,315 kg, num total de 9.372 moedas. Estavam metidas numa grande panela de barro, despedaçada infelizmente pelo descobridor. São todas de bronze (os poucos *denarii* que havia levou-os o esbanjamento)... e pertencem à categoria vulgarmente chamada pequenos bronzes-semisse (meio asse) e quadrante (um quarto de asse) e respeitam a Constantino Magno e aos imperadores seguintes até à queda do Império Romano do Ocidente.

Muitas destas moedas pertencem ao tipo das votivas... Assim, as legendas *Vota Soluta*, *Vota V* (vota quinquennialia), *Vota X* (vota decennialia), *Vota X et XX* (votis decennialibus et vicennialibus), *Votis Multis*, etc., etc., abundam nestas moedas» (85).

Registou notícia do achado *O Século* de 25 de Março de 1934, informando que as moedas adquiridas pelo Director do Museu de Bragança e pelo Director da Biblioteca Pública iam ser oferecidas ao Museu Regional. A entrada neste museu de parte das unidades encontradas é confirmada por uma pequena nota relativa à nona assembleia geral de estudo do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, reunida em 18 de Março de 1934(86).

(85) Francisco Manuel Alves, *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança*, vol. IX, Porto, 1934, p. 476.

(86) *Boletim do Inst. Port. de Arq. Hist. e Etnog.*, Lisboa, 1935, p. 32.

42

MONTE DA VIDUEIRA, VINHAIS

...«Ao norte da vila [de Vinhais], no monte da Vidueira, se encontraram em 1872 muitas moedas bem conservadas, que os habitantes de Rio de Fornos malbarataram e venderam a diferentes especuladores» (87). «Cento e tantas moedas de prata de diversos imperadores» — precisa-se numa outra referência relativa ao achado (88).

43

CABEÇO DOS CASTELOS VELHOS, FREG. DE CÁSTRELOS,
CONC. DE BRAGANÇA

Perto do rio Baceiro há, junto a Cástrelos, o castro do Cabeço de Castelos Velhos. «Neste castro havia uma igreja dedicada a S. João e aí se encontrou nas ruínas em 1591 a sepultura do proconsul Caio Semprônio Tuditano, que tinha dentro uma pia de granito com 9 000 moedas de ouro do tempo de Antonino» (89).

44

SELORES (ARREDORES), CONC. DE CARRAZEDA DE ANCIÃES

«Em 1882 próximo a Carrazeda de Anciães, freguesia e concelho deste nome, apareceu também uma boa porção de moedas romanas de prata, dinheiros da República e do Império, que ali foram comprados por um ourives de Vila Real. Pude escolher de entre elas umas setenta da República e outras tantas, pouco mais ou menos, do Império romano. O último dos césaes ali representados era Domiciano, o que nos leva a crer que ali fossem enterrados naquele reinado» (90).

Dirá respeito a este conjunto uma outra lacónica referência que

(87) Pinho Leal, *ob. cit.*, vol. XII, Lisboa, 1890, p. 1500.

(88) Celestino Beça, «Estudos arqueológicos do major Celestino Beça. A estrada militar romana de Braga a Astorga...», *O Arch. Port.*, vol. XX, Lisboa, 1915, p. 85.

(89) Celestino Beça, *art. cit.*, p. 88.

(90) Ab. Manuel de Azevedo, *art. cit.*, p. 135.

situa o achado nos campos vizinhos do Castelo dos Moiros, arredores de Selores (91).

45

VILARIÇA, CONC. DE TORRE DE MONCORVO

«Em Vilariça (Moncorvo) há uns 20 ou 25 anos apareceu grande quantidade de moedas romanas. Umhas duas dúzias delas vi eu ñas mãos do meu amigo Amadeu Barreiras, de Moncorvo» (92).

46

JUNQUEIRA, FREG. DE ADEGANHA, CONC. DE MONCORVO

«Alfândega da Fé — Na freguesia de Junqueira, no concelho de Moncorvo, junto à estrada nacional n.º 215, quando o sr. Vítor Manuel Teixeira procedia à abertura de um valado, para exploração de água, encontrou uma série de sepulturas construídas em pedra de granito... Há uns trinta anos, não no mesmo local, a uma distância de uns trezentos metros aproximadamente, quando também se procedia à abertura de valados para plantação de vinha, foi encontrado um púcaro de barro, contendo 68 moedas de prata, perfeitamente cunhadas, com a efigie do imperador romano Octávio Augusto. Uma dessas moedas encontra-se em Alfândega da Fé e as restantes em Moncorvo e Vila-Flor» (93).

Do Sr. João Miranda, de Alfândega da Fé, obtivemos, mercê da colaboração do nosso prezado amigo Dr. António Patrício Viana, a indicação de possuir uma moeda que pertenceu a um tesouro encontrado «já lá vão mais de 20 anos» em Junqueira, freguesia de Ade-

(91) J. L. de V., «Coisas Velhas», *O Arch. Port.*, vol. XXIII, Lisboa, 1918, p. 356.

(92) Informação por carta de 7 de Janeiro de 1959 do Sr. Prof. Doutor Santos Junior.

(93) «Um cemitério romano pode estar soterrado na freguesia de Junqueira (Moncorvo)», *Diário Popular* de 4 de Outubro de 1957, p. 11. Deve ser ainda relativa a este achado a notícia arquivada por F. M. Alves nas suas *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança*, vol. IX, Porto, 1934, p. 474, que precisa ter-se o achado, de moedas de prata e cobre, registado no sítio das Cavadeiras e que alguns dos exemplares foram adquiridos pela família Pastor, de Vila Flor, e outras pelo abade de Carviçais, reverendo José Augusto Tavares.

ganha, concelho de Moncorvo. Não pôde o proprietário do numisma dar outros informes que nos levassem à certeza de pertencer a sua moeda ao depósito cujo achado o *Diário Popular* noticia. É natural, contudo, que estejamos na presença dum desses exemplares.

Pela descrição e decalque cremos tratar-se do espécime inventariado por Cohen (vol. I, 1859, p. 140) sob o n.º 140, por este autor atribuído a 10 a.C.:

Anv.: AVGVSTYS DIVI F. Sua cabeça laureada à dir.

Rev.: IMP XII. Touro investindo à dir.

47

LIGARES, CONC. DE FREIXO DE ESPADA À CINTA

«Completamos hoje a notícia que há dias demos do aparecimento de alguns milhares de moedas antigas em Ligares, perto de Freixo de Espada à Cinta. Trata-se de um achado de 3 000 moedas romanas, pequenos e médios bronzes, do tempo dos imperadores Constantino e Constâncio, segundo nos informou o numismata dr. Pedro Batalha Reis, que consultámos para nos classificar estas moedas» (94).

TESOUROS DO DISTRITO DO PORTO

48

MONTE DOS SULTOS, FREG. DE SEQUEIRO, CONC. DO PORTO

«Lê-se no *Economista*, n.º 17, do vol. V, 2.^a série, de 25 de Outubro de 1896: «Dizem de Santo Tirso que nas escavações a que se anda procedendo no monte dos Sultos, freguesia de Sequeiro, foi encontrado um vaso com cerca de quatrocentas moedas de cobre romanas, quase todas da época de Constantino. Há diferença na cunhagem, mas o tamanho não excede o das nossas moedas de 5 réis. São muito semelhantes às que apareceram há anos no bairro das Travessas dessa cidade. Tratava-se evidentemente de pequenos bronzes» (95).

(94) «Achado arqueológico», *Diário de Notícias* de 5 de Janeiro de 1938, p. 1.

(95) P. Belchior da Cruz, «Noticias varias», *O Arch. Port.*, vol. II, Lisboa, 1896, p. 292.

LAJE, FREG. DE VILARINHO, CONC. DE SANTO TIRSO (96)

CITÂNIA DE SANFINS, CONC. DE PAÇOS DE FERREIRA

No decurso da campanha de trabalhos levada a efeito na Citânia de Sanfins em 1950, o operário Casimiro de Abreu, ocupado na tarde de 19 de Agosto na desobstrução duma estreita passagem entre uma das casas e um segmento de muralha, atingiu com o picareto uma vasilha de barro que, ao partir-se, revelou 288 numismas.

Recolhido na íntegra, procedeu ao estudo do conjunto o Rev.º Eugênio Jalhay, que pouco depois falecia. Da publicação dessa classificação se encarregou Afonso do Paço, primeiro em breve artigo na *Brotéria* (97) depois num interessante estudo editado pela Academia Portuguesa da História (98), no qual o tesouro se liga à luta de 22 a.C. provocada pelo levantamento dos astures contra Carisius, luta que segundo o A. teria assim alastrado das Astúrias e Cantábria também à Calécia.

Todas as unidades são denários de prata republicanos, 167 diferentes e 121 repetidos, nos quais se encontram representadas 74 famílias. O mais antigo é, segundo Babelon, de 250-230 a.C. e o mais recente do ano 28 a.C. (99). Registamos na página a seguir a classificação do tesouro, extraída da segunda daquelas publicações.

(96) *V. infra* p. 110.

(97) *Art. cit.*

(98) Afonso do Paço e Eugênio Jalhay, S. J., «Tesouro Monetário da Citânia de Sanfins», *Anais*, II série, vol. 6, Lisboa, 1955.

(99) *V. supra* n. 78.

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	
Com símbolo	a)	20	1	Caecilia	47	2
Anónimo	b)	176	2		50	2
Aburia		6	2		52	1
Acilia		8	2	Calidea	1	1
Aelia		4	1	Calpurnia	5	1
Aemilia		8	9		11	1
		9	1		12	1
		10	4		26	1
		11	1	Carisia	2	1
Annia		4	1		3	1
	4 v.	1	1		4	2
Antestia		9	2	Cassia	1	1
Antonia		1	1		7	2
		29	1		9	1
		79	1		10	3
		96	1	Cipia	1	1
		98	1	Claudia	1	1
		105	1		14	6
		106	2	Coelia	7	1
		109	1	Considia	2	2
		110	2		6	1
		113	2	Cordia	1	3
		113/4	1		2	2
		117	2		4	1
		121	2	Cornelia	19	1
		125	1		24	2
		130	2		54	4
		135	1		55	2
		135?	1		59	1
	LEG?	2	2		62	1
Appuleia		1	1	Crepusia	1	4
Aquillia		2	2	Critonia	1	1
Barbatia		2	2	Domitia	14	1
Caecilia		30	1	Egnatia	2	1
		43	2	Fabia	1	1
		44	1		14	1

a) Denário primitivo, n.º 20 da classificação cronológica, vol. I, p. 47.

b) Den. anónimo, n.º 176 da classif. cronol., vol. I, p. 72.

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Fannia	1	1	Mallia	2	1
Flaminia	1	2	Mamilia	6	3
Fonteia	1	1	Manlia	11	1
	11	1	Marcia	11	1
Furia	1	1		24	2
	18	2		28	1
	23	1	Mínucia	19	1
Gellia	1	1	Mussidia	6	1
Hostilia	2	1		7	1
	4	2	Naevia	6	2
	5	1	Norbana	2	1
Julia	3	1	Papia	1	1
	4	1		3	1
	5	2	Papiria	7	1
	9	10	Petillia	4	2
	10	2	Pinaria	2	1
	11	7	Plaetoria	3	1
	12	2		4	1
	13	1		10	1
	16	3	Plancia	1	2
	26	1	Plautia	13	1
	33	1		14	1
	61	1		15	1
	107	2	Pompeia	5	4
	133	1		9	2
	140	3		22	1
	158	1		27	2
	161	1	Pomponia	6	1
	163	1		13	1
	164	3	Porcia	1	3
Junia	15	3	Postumia	7	4
	16	1		10	2
	29	2		13	1
Licina	16	3	Procilia	1	2
Livineia	10	1		2	2
	11	1	Quinctia	6	1
	12	1	Roscia	1	2
Lollia	2	1	Satriena	1	1
Lutatia	2	1	Scribonia	8	3
Maenia	7	1	Sentia	1	1
Mallia	1	3	Sepullia	4	1

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Sepullia	5	1	Vergilia	1	5
Servilia	15	1	Vettia	2	1
Licinia	1	2	Vibia	1	2
	5	1		2	2
Titia	1	2		3	1
	2	3		18	1
Tituria	2	1		23	1
	6	1	Volteia	2	1
Valeria	11	1	den. incuso		1
	17	1			

51

CITÂNIA DE SANFINS (IMEDIAÇÕES), CONC. DE PAÇOS DE FERREIRA

Em 1925, nas imediações da Citânia de Sanfins, um caçador, já falecido, encontrou mais ou menos juntas, urnas 15 moedas. Por erosão do terreno, em declive, assim apareceram. Não consta que estivessem dentro de qualquer vaso. Uma delas é de Constâncio II, com a leg. D N CONSTANTIVS P F AVG(100).

52

CASTRO DA VILA, FREG. DE PENAMAIOR, CONC. DE PAÇOS DE FERREIRA

O achado ter-se-á verificado «há mais de cem anos», nos «Altos Crastos», designação popular do Castro da Vila, por José Maria Carneiro Leal, quando se procedia à extracção de raizeiros. Foi vultoso, mais de 500 numismas, encontrados dentro de um vaso, incluindo 12 espécimes diferentes entre os de Constantino. O Sr. Arlindo Bentes, neto do achador do depósito, informou ter distribuído por amigos mais de uma centena (101).

(100) Informação do Sr. Prof. Manuel Vieira Diniz, de Trindade, Paços de Ferreira, por cartas de 26 de Janeiro e 19 de Fevereiro de 1959.

(101) *Ibid.*

Comunica-nos o nosso atencioso informador possuir 15 unidades deste tesouro, «todas coevas das achadas no outeiro da Vila». Estas últimas são bronzes do século iv, que incluem Constantino I, Constantino II, Constâncio I, Constâncio II e Graciano (102).

53

BALINHO, FREG. DE BOSTELO, CONC. DE AMARANTE

«Após o rebentamento de um tiro de dinamite para desfazer enorme bloco de pedra que existia na propriedade do «Balinho», na freguesia de Bostelo, Amarante, pertencente ao Sr. Alfredo Pereira, e se destinava a tapar uma bouça, aquele encontrou, a dois metros da superfície da terra, um pequeno púcaro de barro contendo 74 moedas de bronze, romanas, antiquíssimas, possivelmente da época do imperador Constantino» (103).

54

CITÂNIA DO MONTE MÓZINHO, FREG. DE OLDRÕES,
CONC. DE PENAFIEL

Antes do início das escavações levadas a efeito na Citânia do Monte Mózinho a expensas do Museu Etnográfico do Douro Litoral, sob a direcção técnica do Sr. Dr. Ilídio de Sousa, um tesouro, pelo menos, aí foi encontrado. Constatou-se de 180 médios bronzes, em pequeno número de Licinius I e II, em grande quantidade de Constantinus I e II. Foi adquirido pelo Sr. Alfredo Kiefe e por aquele arqueólogo, tendo ainda sido contemplado o Museu de Penafiel, ao qual foram entregues os exemplares rigorosamente duplicados que ao nosso informador couberam (104).

(102) Cf. «Associação dos Arqueólogos Portugueses», *O Comércio do Porto*, de 17 de Abril de 1950, p. 7.

(103) «Um púcaro com moedas romanas foi achado numa propriedade de Bustelo, Amarante», *Jornal de Notícias* de 23 de Outubro de 1955.

(104) Informação do Sr. Dr. Ilídio de Sousa, por cartas de 10 de Fevereiro e 20 de Março de 1959.

55

Um outro depósito monetário foi encontrado no decurso das escavações atrás referidas, suspensas em 1954 e não recomeçadas até 1959. Vieram desta vez à luz 210 pequenos bronzes, em número avultado de Constantinus I, Crispus e Constantinus II, um de Arcadius, etc., quase todos expostos numa das salas do Museu Etnográfico do Douro Litoral. Todos se encontram já devidamente classificados, classificação que figurará num trabalho que o director técnico das escavações prepara e se encontra em adiantado estado de desenvolvimento (105).

56

FREG. DE REBORDOSA, CONC. DE PAREDES

Na freguesia de Rebordosa, concelho de Paredes, «quando há dias se andava arroteando uma terra, para plantação de vides, na propriedade do sr. Faustino Moreira da Silva, lavrador daquele lugar, encontraram-se alguns objectos de barro, muito antigos. Entre esses detritos, apareceram dois pratos, um sobre o outro, formando caixa, e dentro deles várias moedas romanas, a maioria muito gasta e danificada. Numa delas pôde ainda ser observada uma effigie e ler-se, na legenda circular, «Imp. Constantino», segundo nos informa o nosso correspondente» (106).

57

MIRAGAIA, PORTO

Em Miragaia, Porto, foram encontrados «uns milhares» de pequenos bronzes, há mais de 50 anos. Estas moedas foram parar a fundidores, caldeireiros, etc., dispersando-se e perdendo-se (107).

(105) *Ibid.*

(106) «Achado de moedas romanas», *O Século* de 21 de Fevereiro de 1932, p. 2.

(107) Informação comunicada em Coimbra, em 8 de Janeiro de 1959, pelo Sr. Aurélio Ferreira, que viu alguns exemplares.

58

MONTE DO CRASTO, GONDOMAR

No monte do Crasto, em Gondomar, foram encontrados «há anos», diz-se em publicação de 1934, moedas de prata e cobre. Algumas delas foram examinadas pelos Prof. Dr. Damião Peres e Dr. Rui Serpa Pinto em 1931. Do exame concluiu-se que os numismas de bronze, 173 médios e pequenos bronzes, constituíam um todo homogéneo, assim distribuído: Gallienus 1, Claudius II 2, Constantius 45, Helena 2, Constantinus I 29, Constantinopolis 4, Crispus 2, Constans 39, Constans II (?) 1, Julianus 7, Valentianus 2, Valens 4, Gratianus 3, Theodosius 6, Maximus 4, Arcadius 5, Honorius 3, incertas 14(108).

59

GESTAÇÃO, CONC. DE BAIÃO

«Dans l'arrondissement de Baião [em Gestação] on a trouvé quelques centaines de monnaies du IV^e siècle» (109). Pinho Leal possuiu algumas, «todos pequenos bronzes de Constantino» (110).

TESOUROS DO DISTRITO DE AVEIRO

60

SANTA CECÍLIA, FREG. DE SOBRADO, CONC. DE CASTELO DE PAIVA

Pouco abaixo do monte Vegide, «num campo do lugar de Santa Cecília, quando um trabalhador o andava a lavar, encontrou um saco de moedas romanas. Do saco de couro, de que apareceram apenas fragmentos, já nada existe» (111).

(108) Cf. Camilo de Oliveira, *O Concelho de Gondomar*, vol. II, Porto, 1934, pp. 7, 33-36.

(109) J. L. de V., «Coup d'oeil sur la Numismatique en Portugal», *O Arch. Port.*, vol. IV, Lisboa, 1898, p. 66. Cf. ainda, quanto ao lugar do achado, «Cartas de Francisco Martins Sarmento», *id.*, vol. VI, Lisboa, 1901, p. 186, n. 2.

(110) Pinho Leal, *ob. cit.*, vol. XII, Lisboa, 1890, p. 2122.

(111) Margarida Rosa Moreira de Pinho, *Elementos para a história de Castelo de Paiva*, Esposende, 1947, pp. 54-57.

Trata-se de moedas de cobre, do século iv, que a autora, utilizando a *Descrição Histórica das Moedas Romanas* de Teixeira de Aragão, distribuiu em nove tipos, a cada um dos quais correspondem várias moedas.

Reproduzimos a descrição apresentada para cada tipo, remetendo para os mesmos tipos em Cohen (1.^a edição, vol. VI, 1862).

- Tipo I — Cidade de Roma-Como o n.º 13 (p. 179) mas no anv. com busto à dir. e manto imperial, no rev. ainda com N no meio das duas estrelas e no exergo RFQ.
- Tipo II — Constante I-Anv.: D N FL CONTANS [*Gralha tipográfica ou falta da própria moeda?*], busto com diad. e palud. à dir.; rev. como a n.º 140 (p. 267) e R*E no exergo.
- Tipo III — Constante I-Como a n.º 160 (p. 270) mas a leg. do anv. assim descrita: VICTORIA DO AVGO Q NN; no exergo TSIS.
- Tipo IV — Constâncio II-Como a n.º 223 (p. 313), mas A, atrás, no anv.; no rev. ainda uma estrela e uma coroa, no campo, e no exergo AQT entre duas palmas.
- Tipo V — Constâncio II-Como a anterior mas o inimigo caído sobre o cavalo, a cabeça voltada e braço estendido em súplica para o soldado; no exergo AQS.
- Tipo VI — Constâncio II-Na descrição deve ter-se omitido a legenda do rev.: GLORIA EXERCITVS. Nesta suposição, será como a n.º 242 (pp. 315-316) mas com G no estandarte e PARL no exergo.
- Tipo VII — Constâncio II-Como a n.º 279 (p. 321) e SMANRI no exergo.
- Tipo VIII — Valentiniano I-Como a n.º 55 (p. 405) mas Victoria à esq. e com A SECVNDO no exergo.
- Tipo IX — Valente-Como a n.º 64 (p. 419) e BSIS no exergo.

Registou notícia do achado M. J. B., que informa haverem sido remetidas ao Arquivo da Torre do Tombo 72 unidades, assim identificadas: «São todas consulares, e todas ou quase todas denários; e con-

frontadas com a magnífica obra *Thesaurus Morellianus* se vê pertencerem às seguintes famílias; 1 à família Aelia, 1 à Aemilia, 1 à Atilia, 1 à Caecilia, 2 à Calpurnia, 1 à Claudia, 1 à Cloulia, 3 à Cornelia, 1 à Cossutia, 2 à Crepusia, 1 à Cupiennia, 1 à Egnatia, 2 à Fabia, 1 à Fannia, 1 à Farsuleia, 2 à Flaminia, 3 à Furia, 1 à Herennia, 1 à Junia, 1 à Lucretia, 1 à Lutatia, 1 à Mamília, 2 à Manlia, 2 à Marcia, 1 à Maria, 2 à Minatia, 1 à Norbana, 2 à Porcia, 1 à Rubria, 1 à Rutília, 1 à Satriena, 1 à Saufeia, 1 à Sentia, 4 à Sergia, 1 à Thoria, 2 à Titia, 1 à Tituria, 1 à Valeria, 1 à Vargunteia, 7 à Vibia, 1 à Volteia. Soma 63; 8 incertas, 1 do mesmo tamanho, propriamente hispânica, com caracteres desconhecidos» (112).

O número de numismas encontrados foi, contudo, superior ao remetido àquele Arquivo, como o afirma o P.^e Manuel Fernandes dos Santos (113), citando um manuscrito de Pinho Leal em seu poder, datado de 1858 (Arq. Paroq. Mac. 10, doc. 9), que assim descreve o achado: «Em 1845 (114) andando um lavrador a roçar mato no monte do crasto, deu a enxada uma pancada oca e sonora. Admirado o homem, examina e quase à flor da terra achou enterrada uma espécie de ânfora de prata (da capacidade de quartilho e meio) contendo uma argola de ouro de peso de duas décimas, uma espécie de crescente de prata de umas 5 ou 6 onças e 102 medalhas de prata de vários imperadores romanos».

62

MOITA, CONC. DE ANADIA

«Na vizinha povoação da Moita também se encontraram, há cerca de dez anos, vestígios da civilização e ocupação romanas. Quando um grupo de operários procedia à exploração de barro cerâmico nuns terrenos próximos da igreja matriz, deu-se com restos de habitações. No interior dum dos compartimentos deparou-se com uma canalização feita de tijolo vermelho, um pote de barro preto e outro de ferro que se desfz facilmente, contendo este último umas trinta moedas de prata

(112) *Panorama*, vol. II, série 2.^a, Lisboa, 1843, p. 135. Ao transcrever procedemos à correcção dos nomes de algumas famílias.

(113) *A Minha Terra. Breves apontamentos sobre Romariz*, Porto, 1940, pp. 18-19.

(114) Haverá aqui engano, como o nota o P.^e M. Fernandes, pois o *Panorama*, de 1843, situa o achado neste último ano.

muito bem conservadas. Tivemos ocasião de ver dez destas moedas que foram identificadas como pertencendo ao período republicano» (115). O exame destas dez unidades foi feito em 8 de Outubro de 1958, a pedido do Sr. Dr. Joaquim da Silveira, pelo Sr. Dr. J. M. Bairrão Oleiro, a quem devemos, além da primeira notícia do achado, também a atenção de querer valorizar o nosso «Subsídio» cedendo-nos a sua classificação. O grupo oscila entre os anos 109 a.C. e 66 a.C. (116), distribuído como se descremina no seguinte quadro:

Família	N.º de Bab.	Família	N.º de Bab.
Procilia	2	Rutilia	1
Herennia	1	Plaetoria	3
Mínuçia	19	Licinia	16
Marcia	12	Talvez da Gargilia (85-	
Antonia	1a	-83 a.C.) ou da Ogulnia	
Calpurnia	11a	(mesma data)	

TESOUROS DO DISTRITO DE VISEU

63

BARRA, FREG. DE TREVÕES, CONC. DE S. JOÃO DA PESQUEIRA

«Há fortes razões para acreditar que esta povoação já existia no tempo dos romanos e aqui se têm encontrado por várias vezes diferentes moedas do «povo rei». Só no sítio da Barra, se acharam, em 1761, meio alqueire dessas moedas, todas de cobre, e de vários imperadores» (117).

(115) José Rodrigues, *O Couto de Aguiç. Subsídios para a sua história*, Anadia, 1959, p. 12.

(116) Cronologias de H. A. Seaby, *Roman Silver Coins* (vol. I, Republic to Augustus, London, 1952), segundo Edward A. Sydenham, *The Coinage of the Roman Republic*, London, 1952. V. introdução da primeira ob. e *supra* n. 78.

(117) Pinho Leal, *ob. cit.*, vol. IX, Lisboa, 1880, p. 738.

64

CÁRQUERE, CONC. DE RESENDE

Em Cárquere foram encontradas moedas romanas. Destas moedas conservou o pároco do lugar, Rev. P.^e Antonio Pereira da Fonseca Namora, mais de cem, nas quais Eugênio Jalhay reconheceu «uma provavelmente de Galieno e outras dos imperadores Constantino Magno, Magnêncio, Graciano, Valente, Valentiniano II, Magno Máximo, Arcádio, Constante e talvez Constantino III» (118).

65

CONCELA, FREG. DE SANTIAGO DE PIÃES, CONC. DE CINFÃES

«Cinfães, 9—Quando, ontem, de tarde, diversos trabalhadores procediam por conta do respectivo empreiteiro, a escavações para extracção de pedra, destinada aos trabalhos de pavimentação da E.N. n.º 222, no sítio da Concela, da freguesia de Piães, deste concelho, depararam, numa cavidade do lagedo, com grande quantidade de pequenas moedas antigas, algumas de prata, que se presume serem romanas. Não é ainda conhecida a quantidade de moedas aparecidas, além das que podem estar extraviadas na terra das escavações, sendo vários os trabalhadores que estão na posse de algumas, que são de variadas cunhagens, não se sabendo se a família Bravo, a quem pertence o terreno, vai reivindicar a posse das mesmas, visto ter permitido ali apenas a extracção da pedra» (119).

66

CARIA, CONC. DE MOMENTA DA BEIRA

«Viseu, 10—...Há semanas, na velha terra de Caria (Moimenta da Beira), foram encontradas dezenas de moedas de prata romanas» (120).

(118) Eugênio Jalhay, «Lápides romanas da região de Cárquere (Resende)», *Brotéria*, vol. LII, fase. 1, Lisboa, 1951, p. 72.

(119) «Foram achadas preciosas moedas romanas na freguesia de Piães», *Comércio do Porto* de 10 de Março de 1961, p. 4.

(120) «Moedas romanas», *Diário de Lisboa* de 11 de Junho de 1957, p. 21. As nossas diligências no sentido de obter outros esclarecimentos não tiveram qualquer êxito.

67

MONTE COUTADO, FREG. DE CARIA, CONC. DE MOIMENTA DA BEIRA

«Há anos, no Monte Coutado, que faz a íngreme encosta de Caria para o Mileu, numa pedreira que ali se fazia, por conta da família Sousa, de Vila Cova, apareceram, debaixo da penedia, cerca de 2 quilos de moedas de prata, tendo dum lado a efigie do imperador romano, do reverso Roma. Parte dessas moedas, ainda as conserva a família Sousa» (121).

68

MONTE ENTRE RUA E CARIA, CONC. DE MOIMENTA DA BEIRA

«Em 18 de Maio de 1878, num monte entre Rua e Caria, andando uns operários a demolir os restos de um antigo muro, acharam nos alicerces uma grande quantidade de moedas de prata (umas 400) de vinte diversos tipos, mas todas romanas, e de valor (com referência ao seu peso) de 150 a 250 réis cada uma» (122).

Pelas indicações que dos tipos e das legendas se dá a seguir é possível proceder-se à classificação das 4 unidades descritas. Cremos correcta a identificação que delas dá Russell Cortez, que julga que o tesouro «bem poderia ter sido adrede escondido no decurso da campanha de Cassio Longino contra os *Medobrigenses*» (23). Trata-se de unidades da fam. Caecilia (Bab. n.º 50), fam. Calpurnia (Bab. n.º 11), fam. Fabia (Bab. n.º 11) e Julius Caesar (Bab. n.º 9).

69

VILA DA RUA, CONC. DE MOIMENTA DA BEIRA

«No fim de Janeiro de 1877, um jornaleiro que andava plantando videiras, achou a um metro de profundidade, um vaso de barro, coberto com uma pedra, e dentro dele alguns bocados de prata, em bruto, e do peso 2 I/2 quilogramas, e entre a prata, algumas moedas romanas,

(121) António Francisco d'Andrade, *Descrição e Historia do Concelho de Moimenta da Beira*, Viseu, 1926, p. 53.

(122) Pinho Leal, *ob. cit.*, vol. VIII, Lisboa, 1878, p. 255.

(123) F. Russell Cortez, «O tesouro monetário do lugar do Poio», *Nummus*, vol. I, n.º 1, Porto, 1952, pp. 14-15. O denário da fam. Fabia é o n.º 11 e não II.

do mesmo metal» (124). Poderá tratar-se, como sugere Russell Cortez, do espólio de um lavrante de prata ambulante, escondido a quando da campanha contra as populações serranas da margem esquerda do Douro» (125).

70

S. JOÃO, VILA DA RUA, CONC. DE MOIMENTA DA BEIRA

No sítio chamado S. João, a 500 metros da Vila da Rua, «em 1872, um proprietário destes terrenos, achou numa vinha grande quantidade de moedas de cobre, pesando todas uns 6 quilogramas. Muitas dessas medalhas são do tempo dos romanos, outras ainda anteriores ao seu domínio na Península. Umhas que se encontraram entre seis grossos tijolos, foram oferecidas à Câmara Municipal do Porto, que as teve em grande apreço, e as mandou colocar no seu museu. Algumas estavam tão oxidadas, que eram completamente ilegíveis. Os seis tijolos onde haviam sido guardadas estavam dispostos em forma de caixa (fundo, tampa e os quatro lados). Uma boa parte delas (medalhas) ainda estavam bem conservadas» (126).

71

SERNANCELHE

Em Sernancelhe, «junto do cemitério, num campo pertencente ao doutor António de Sobral, quando aí se procedia ao desaterró para a construção duma casa, apareceu um *dolium*, cheio de moedas de cobre da época dos romanos» (127).

72

CALDE, CONC. DE VISEU

Em Calde foram encontradas em Maio de 1944, por António Rouxinol, cerca de 270 denários republicanos, todos diferentes ou, pelo

(124) Pinho Leal, *ob. cit.*, vol. VIII, Lisboa, 1878, p. 254.

(125) F. Russell Cortez, *art. cit.*, p. 15-16.

(126) Pinho Leal, *ob. cit.*, vol. VIII, Lisboa, 1878, p. 254.

(127) Ab. Vasco Moreira, *Terras da Beira. Cernancelhe e seu alfoz*, Porto, 1929, p. 88.

menos, formando colecção assaz variada, logo vendida por 300\$00. A maior parte dos exemplares foi depois adquirida pela Casa da Moeda e outros foram oferecidos ao Prof. Doutor Lúcio de Almeida, da Universidade de Coimbra.

Um dos numismas ostentaria a legenda *Sabinus*, pelo que concluímos seria de T. Vettius Sabinus (fam. Yettia, n.º 2 de Bab.). Outros foram identificados como de M. Tullius, C. Norbanus e C. Memmius C. f. Imperator (128).

73

CITÂNIA DA RAPOSEIRA, MANGUALDE

Na citânia da Raposeira encontrou-se, além de outro material arqueológico, «um púcaro fino de barro preto cheio de moedas de cobre e prata, todas dos Antoninos, desde Nerva a Trajano e Adriano... Infelizmente toda esta abundante riqueza duma civilização extinta constatada na citânia da Raposeira se sumiu e perdeu... É certo que muitos objectos foram transportados para os museus de Belém e Guimarães e bastantes moedas do tempo dos imperadores romanos ainda se conservam em Mangualde numa das salas do palácio Anadia (129).

74

QUINTA DOS LOBOS, MOURAZ, CONC. DE TONDELA

«Viseu, 10— ... Agora cabe a vez a Mouraz (Tondela), onde na Quinta dos Lobos, do sr. Pedro Madeira, foram encontradas cerca de uma centena de moedas romanas de cobre, algumas datando da era de Constantino.» (130).

(128) Cf. «Um rico manancial para arqueólogos e numismatas existe na Aldeia de Calde (Viseu)», *O Século* de 21 de Novembro de 1945, p. 1 e F. Russell Cortez, *art. cit.*, pp. 13-14.

(129) Valentim da Silva, *Concelho de Mangualde (Antigo concelho de Azurara da Beira)*, Porto, 1945, pp. 30-31. Em 1959 foi o nosso prezado amigo Dr. António de Oliveira informado, no próprio palácio Anadia, que nenhuma das referidas moedas aí se encontrava.

(130) V. *supra* n. 120.

TESOUROS DO DISTRITO DA GUARDA

75

SEQUEIRA, FREG. DA HORTA, CONC. DE VILA NOVA DE FOZ COA

Há cerca de 12 ou 14 anos, operários que procediam ao rompimento da estrada Porto a Barca de Alva encontraram, no lugar de Sequeira, numa caixa feita de granito, mais de cem moedas pequenas, todas de cobre, do Império. O tesouro dispersou-se, conservando o Sr. Dr. João Gouveia, de Numão, bastantes exemplares, «iguais ou semelhantes aos que vêm fotografados» na monografia da autoria de João Albino Pinto Ferreira (131). Estes últimos são do século iv (132).

76

CASTELO DE NUMÃO, CONC. DE VILA NOVA DE FOZ COA

Em notícia sobre a exposição numismática levada a efeito na cidade da Guarda em 1954, informa o seu redactor que nela «avultava uma quantidade de antoninianos provenientes do castelo de Numão» (133). Estas moedas parece terem alguma relação com uma colecção de 164 peças de bronze existente no Museu Regional da Guarda, adquirida por oferta e proveniente de achado, ou achados, de Numão ou Freixo de Numão.

Não se trata, contudo, só de antoninianos, cujo número não chega a atingir a meia centena. Entre aqueles cuja identificação é possível verificámos a seguinte distribuição: Valeriano I, 1 exemplar; Mariniana, 1 ex.; Gallienus, 21 ex.; Salonina, 1 ex.; Claudius II, 13 ex.; Tetricus I ou II, 1 ex.; Probus, 2 ex.; Numerianus, 2 ex.; Diocletianus, 2 ex.; Maximianus, 2 ex.. Muito rápido foi o nosso exame das restantes

(131) *Antiguidades de Numão*, Porto, 1953, pp. 14-15. Informação do Sr. Dr. João Gouveia, por carta de 27 de Janeiro de 1959 e por intermédio do Sr. Dr. J. A. Pinto Ferreira.

(132) As fotografias não possibilitam com segurança mais completa e precisa atribuição, sendo possível, contudo, identificar um numisma como de Gratianus.

(133) Adriano Vasco Rodrigues, «Notícia sobre a I.^a Exposição Numismática da Guarda», in *Nummus*, vol. II, n.º 7, Porto, 1954, p. 205.

unidades, a maioria das quais oferece reais dificuldades à identificação (mau estado de conservação, deficiente manufactura, descentragem dos cunhos, corte de legendas, faces esmagadas). Nelas se encontram representados Licinius I (3 ex.), Constantinus I, Delmatius, Constans, Constantius II, Magnentius, pelo menos, além de Constantinopolis.

Até ao presente não foi possível apurar a origem exacta da totalidade dos numismas. Afigura-se-nos que não são originários de um só depósito, o que o próprio estado de conservação também sugere (134).

77

QUINTA DE PEDRIÇA, BARCA DE ALVA, FREG. DE ESCALHÃO,
CONC. DE FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO

«Figueira de Castelo Rodrigo — Na quinta da Pedriça, pertencente ao Sr. Dr. Rui Bordalo Machado, médico em Lisboa, trabalhadores rurais que andavam a apanhar pedra miúda para a construção da ponte sobre o Douro acharam apreciável quantidade de moedas de cobre» (135).

78

MENOITA, FREG. DE PERA DO MOÇO, CONC. DA GUARDA

«Arrifana (Guarda), 18 — Na povoação da Menoita (Pera do Moço), quando o sr. José João, seu filho Joaquim João e seu genro José Cardoso escavavam uma terra de centeio, em procura de minério, descobriram uma panela, à profundidade de cinquenta centímetros, que estava cheia de moedas antigas. Foram recolhidas 280 moedas todas com effigies diferentes, lendo-se em algumas delas o número 122 em algarismos

(134) Cumpre-nos registar aqui, com a renovação dos nossos agradecimentos, a atenciosíssima colaboração que encontrámos no Sr. Director do Museu Regional da Guarda, Dr. Joaquim Bernardo, quando da nossa visita ao Museu, em Março de 1961.

(135) «Achado de moedas», *Diário de Notícias* de 24 de Dezembro de 1953, p. 9. Ao transcrever corrigimos as inexactidões da notícia relativamente ao nome da quinta e ao do seu proprietário. Deste obtivemos, por carta de 15 de Janeiro de 1959, a indicação de supor que de facto haviam sido encontradas muitas moedas de cobre naquela sua propriedade, julgando que bastantes estariam na posse do Sr. Eng. José Zagalo, o empreiteiro das obras e patrão dos operários que as encontraram. As nossas ultteriores diligências não tiveram qualquer êxito.

romanos e a inscrição de César. Descobre-se também numa ou noutra a palavra Roma. São de uma liga parecida ao alumínio, a cunhagem é imperfeita, com muitas saliências e algumas são ovais. Assemelham-se aos antigos tostões de níquel e foram adquiridas pela quantia de 500\$00 pelo sr. José Alves Martins, daquela localidade» (136).

No Museu Regional da Guarda vieram a dar entrada mais de uma centena de exemplares do achado, parte dos quais teve o Sr. Dr. J. M. Bairrão Oleiro oportunidade de classificar. Graças à generosa colaboração que mais uma vez nos quis dispensar, podemos aqui registar, no quadro a seguir, a classificação das 102 unidades examinadas.

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Anónimo	176	1	Fannia	1	1
Acilia	8	2	Farsuleia	1	2
Aemilia	7	2	Fonteia	9	2
	10	1		17	1
Annia	2	2	Fufia	1	1
Antonia	1	6	Furia	19	1
Appuleia	11	1	Herennia	1	1
Calpurnia	11	3	Hosidia	1	1
	12	1	Julia	5	4
	24	2		9	3
Carisia	2	1		11	3
Cassia	6	2		12	2
Cipia	1	1		16	1
Claudia	1	2	Junia	15	1
	6	1		16	1
	15	3	Manlia	4	1
Considia	7	1	Marcia	24	1
Cordia	1	1		28	2
Cornelia	19	1	Minucia	1	1
	50	1		9	1
		1		19	2
Crepusia	1	3	Mussidia	6	1
Cupiennia	1	1	Plautia	14	1
Fabia	1	1	Pub. ou Poblícia	8	1

(136) «Valioso achado de moedas romanas», *O Século* de 26 de Fevereiro de 1942, p. 8.

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Pub. ou Poblicia	9	1	Sergia	1	1
Porcia	3	1	Sicinia	1	1
Postumia	9	1	Sulpicia	1	1
Proclia	1	1	Thoria	1	1
	2	1	Titia	1	1
Quinctia	2	1	Tituria	1	1
Renia	1	1		5	1
Roscia	1	1	Vibia	1	1
Roscia?	3	1		16	1
Rubria	2	1	Volteia	1	1
	3	1	Inatribuíveis		3
Scribonia	8	1			

79

ALDEIA DO BISPO, CONC. DA GUARDA

Entre as aquisições efectuadas pela expedição científica da Sociedade de Geografia de Lisboa em 1881 à Serra da Estrela mencionam-se «107 moedas romanas, encontradas na Aldeia do Bispo e oferecidas pelo sr. António Ferreira dos Santos, da Guarda» (137).

80

ALVOCO DA SERRA, CONC. DE SEIA

«Em Alvoco da Serra têm por vezes aparecido denários romanos muito bem conservados, e há poucos anos acharam-se mais de mil dentro de uma pia de granito coberta com uma lasca de xisto. Uma

(137) *Expedição Científica à Serra da Estrela em 1881. Secção de Archeologia. Relatório do Sr. Dr. Francisco Martins Sarmento*, Lisboa, 1883, p. 14. Da Sociedade de Geografia de Lisboa obtivemos, em 21 de Fevereiro de 1959, a informação de que a quantidade de moedas romanas existente no seu museu é superior a 107, não sendo possível individualizar as recolhidas pela expedição.

destas moedas pode ver-se no museu numismático da Câmara Municipal do Porto, oferecida pelo ilustre abade de Miragaia Dr. Ferreira dos Santos» (138).

TESOUROS DO DISTRITO DE COIMBRA

81

POCARIÇA, CONC. DE CANTANHEDE

Depois de se referir a achados de ossadas no sitio do Beato, em Maio de 1926, diz V. de Sá Fragoso: «Já algumas dezenas de anos antes se haviam encontrado no mesmo sítio muitas moedas de cobre, romanas... Posteriormente, em Outubro daquele ano de 1926, apareceram, muito perto do mesmo sítio, 31 moedas ou denários de prata de vários imperadores romanos» (139).

82

PROPRIEDADE DA RIBEIRA, FREG. DE ALDEIA DAS DEZ, CONC. DE OLIVEIRA DO HOSPITAL (140)

83

FRAGA DA SAFRINHA, MOURA DA SERRA, FREG. DE AVÔ, CONC. DE OLIVEIRA DO HOSPITAL

Numa manhã de certo dia de 1902, o pequeno pastor Salvador da Cruz, ocupado a guardar cabras na Fraga da Safrinha, sobranceira ao ribeiro da Horta Fundeira, do Soito Bichoso, a cerca de cem metros a nascente de Moura da Serra, encontrou, ao esgaravatar a terra duma das fendas das fragas, uma moeda. Tendo corrido a casa a mostrá-la, logo acorreu a mãe que recolheu as restantes unidades, as quais se encontravam dentro de uma bolsa de malha de prata, a desfazer-se.

(138) Adelino de Abreu, *Serra da Estrella (Guia do Touriste)* 2.^a ed., Lisboa, 1905, p. 78.

(139) Viriato de Sá Fragoso, *A Freguesia da Pocariça do concelho de Cantanhede*, Porto, 1939, p. 13.

(140) V. *infra*, p. 107.

Pelas informações recolhidas entre as pessoas que do achado tiveram conhecimento directo, conclui-se que este foi de 210 denários, de tamanho aproximadamente igual e do mesmo cunho. Foram vendidos, não se conhecendo actualmente mais que um exemplar, propriedade de Monsenhor A. Pereira de Almeida e que proporcionou a J. de Castro Nunes o artigo donde extraímos todas as elementos que registamos.

Trata-se do denário de Augustus que pela descrição (141) se verifica corresponder ao n.º 119 de Cohen (142). Quanto à sua cronologia nota Castro Nunes, recorrendo a Michael Grant (143), que a moeda comemora sucessos de 14 a.C., data que se pode fixar como a mais certa para a sua emissão. Salienta que é admissível que o tesouro mantenha alguma relação com o rescaldado das campanhas que desde 61, contra os lusitanos da Estrela, se alongam até 19 a.C., contra os cántabros e astures. Como igualmente sugere o espólio já recolhido no castro da Lomba do Canho, em Arganil, tais campanhas também terão afectado esta zona (144).

84

COJA, CONC. DE ARGANIL

O achado, que está registado num apontamento feito à margem do *Registo Paroquial* de Benfeita, pelo P.º Florindo, verificou-se no local do actual mercado, no decurso de umas obras. Data provável: fins do século xix (145).

85

SERRA DO CONDÃO, FREG. DE POMARES, CONC. DE ARGANIL (146)

- (141) Anv: AVGVSTVS DIVI F. Cab. à dir.
Rev: IMP X. Touro investindo à dir.
- (142) 1.ª ed., vol. I, Paris. 1859, p. 55.
- (143) *Roman Imperial Money*, London, 1954.
- (144) João de Castro Nunes, «Um tesouro monetário romano aparecido na região há meio século», *A Comarca de Arganil* de 12 de Maio de 1959, pp. 1 e 3.
- (145) Informação do Rev.º Augusto Nunes Pereira, pároco de S. Bartolomeu (Coimbra), dada em Coimbra em 8 de Janeiro de 1959.
- (146) V. *infra* p. 109.

CONIMBRIGA, FREG. E CONC. DE CONDEIXA-A-NOVA

Entre os materiais proporcionados pelas escavações da campanha iniciada nas ruínas de Conimbriga em 28 de Junho de 1930 e dirigida pelo Prof. Doutor Vergílio Correia, em talhão pouco antes adquirido pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, conta-se um conjunto de dez áureos imperiais, os mais modernos de Arcádio e Honorio. O pequeno tesouro, que se conserva naquela Faculdade, foi recolhido na terra que se acumulava no interior de um compartimento, a pouca distância do pavimento da habitação (147).

CABEÇA DA CORTE, FREG. DE POMBALINHO, CONC. DE SOURE

No lugar de Cabeça da Corte, da freg. de Pombalinho e perto das povoações de Poço dos Cães e Malavenda, ou, com menos probabilidade, nesta última povoação, em data não possível de determinar com rigor mas que se julga anterior a 1920, foi encontrado, por Francisco Simões, ao proceder à extracção do pé de uma árvore, um depósito de denários, dentro de um recipiente de barro, e constituído, pelo que se supõe, por 440 peças, a maior parte, pelo menos, da República.

Os numismas, que foram propriedade do Visconde de Santiago da Guarda, foram herdados pelo Sr. Dr. Artur Vieira da Mota, já falecido, que os vendeu, se não todos pelo menos na sua quase totalidade. De uma grande parte é hoje detentor o Sr. António Augusto Pedro, de Coimbra, que nesta cidade fez a sua aquisição. Esperamos vir a ser-nos facultada a oportunidade para proceder à classificação deste lote, formado por espécimes todos diferentes, de magnífica manufactura e em perfeito estado de conservação, como pudemos verificar por decalques (148).

(147) Cf. Vergílio Correia, *Conimbriga. Notícia do «Oppidum» e das escavações nele realizadas*, Coimbra, 1936, pp. 8-9. Informação complementar devemos ao Sr. Prof. Doutor Mário Brandão.

V. no próximo vol. desta publicação a identificação das peças do tesouro.

(148) Informação obtida em Coimbra, em 1959, por intermédio de pessoa interveniente na aquisição das moedas para esta cidade e depois completada pelo Sr. Dr. Alfredo da Silveira, graças ao Sr. Doutor Salvador Manuel Dias dos Santos

TESOUROS DO DISTRITO DE CASTELO BRANCO

88

CENTUM COELI, BELMONTE

Verificaram-se «aparecimentos há cerca de quarenta anos de moedas romanas junto do monumento de *Centum-Coeli*, incluindo duas imperiais de ouro, actualmente na posse de uma senhora da família Padez»(149). Estes dois numismas são de Marcus Aurelius e Honorius (150).

89

BARROCA DA LAJE, BORRALHEIRA, FREG. TEIXOSO, CONC. DA COVILHÃ

No dia 10 de Dezembro de 1953, quando duas meninas brincavam na Barroca da Laje, junto de um penedo, numa propriedade de Manuel Lino Roseta, uma das crianças, ao alargar um buraco, foi surpreendida pelo achado de moedas de ouro e outras preciosidades de ourivesaria. Novas moedas e outros idênticos objectos foram logo a seguir encontrados por companheiros das pequenas. Entretanto, chegou até Teixoso o eco do famoso achado e a Guarda Nacional Republicana veio a apreender o espólio exumado, que foi depositado no cofre da Câmara Municipal da Covilhã.

Como delegado da Junta Nacional de Educação, foi este espólio examinado pelo Director do Museu Etnológico, que dos elementos

Arnaut, em Fevereiro de 1962. Sob a epígrafe «Achado arqueológico», registou *O Século* de 3 de Novembro de 1931, p. 2, o achado, que se verificou, contudo, em data bem anterior à da notícia.

(149) José Monteiro, «Entre Estrela e Gardunha. Notas de vária história», *Jornal do Fundão* de 21 de Fevereiro de 1954, p. 5, n. 47. Neste mesmo art. se dá notícia de diversos outros achados — tesouros ou moedas dispersas? — em Alpedrinha, Vale de Prazeres, Vale da Torre, Donas, Telhado, Alearia e Peroviseu, todos lugares de Entre Estrela e Gardunha.

(150) Em Agosto de 1951, no decurso de uma excursão arqueológica efectuada na Beira Baixa, recolheu o Sr. Dr. J. M. Bairrão Oleiro em Orjais, em casa das senhoras Alçada Padez, o seguinte apontamento, que amavelmente nos facultou:

1—Anv.: M ANTONINVS AVG IMP II; rev.: SALVATI AVGVSTOR TR P XVIII COS III.

2 — Anv.: D N HONORIVS P F AVG; rev.: VICTORIA AVGGG COMOB.
Fica por esclarecer se as moedas pertencem efectivamente a um tesouro.

colhidos deu publicidade nas páginas de *O Arq. Port.* (151), onde colhemos todos os elementos que aqui se arquivam.

Das moedas diz o Prof. Manuel Heleno: «Reuniram-se 40 *auri*, mas sabe-se do desvio de outros, alguns de grande raridade, e, segundo se diz, de Adriano com os pais, de Lúcio Vero, de Lucila e de Septímio Severo».

Apresentamos a seguir a identificação das 40 unidades descritas, que, com os restantes objectos apreendidos, deram entrada no Museu Etnológico.

Imperador	N.º de Cohen 1	Imperador	N.º de Cohen 1
Nero	59	Antonino	248
Tito	18		322
	121 a)		361
Trajano	13	Faustina Mãe	4
	92		33
Adriano	60		45 b)
	172		54
	174		95 c)
	184		112
	204	Marco Aurélio	8
	256		198
	270		203
	284		156
	358		163
	358	Faustina Jovem	57
	420		79
	372 ou 373		89
Antonino	78	Septímio Severo	227
	78		102
	132	Geta	d)

á) Mas sem CENS.

í) Mas Venus apoiada num ceptro e com maçã na mão.

c) Mas o vulto da imperatriz voltada à esq..

d) «P. SEPTIMIVS. GETA. CAES. Seu busto voltado à esquerda. R — PONTIF. Duas figuras sentadas, Baco e Ariadna; aos pés uma pantera, em frente Sileno, flautista e Maenadas dançando. No exergo COS. Não descrito por Cohen. Da mais alta raridade».

(151) «Manuel Heleno, «O tesouro da Borrallheira (Teixoso)», *O Arq. Port.*, nova série, II, Lisboa, 1953, pp. 213-223.

90

QUINTA DE MADEIRA, FREG. DE FERRO, CONC. DA COVILHÃ

«Ferro (Covilhã), 23. — No sitio da Quinta de Madeira, desta freguesia, apareceram numa surriba cerca de duzentas moedas romanas em prata de diferentes tipos e em perfeito estado de conservação. Têm a efigie de vários imperadores romanos, algumas delas de Octaviano César Augusto» (152).

91

CARREGAL, FREG. DE ÁGUAS, CONC. DE PENAMACOR

«Realmente comprei umas moedas de prata romanas (72 exs.) do tempo de César Augusto, todas diferentes, encontradas no sítio do Carregai, limite de Águas, por João Antunes Prim. Estas moedas vendi-as ao Sr. Tenente-Coronel Elias Garcia» (153). Diz-nos ainda o nosso informador que o achado se deve ter verificado em 1928 e se registou quando se agricultava o terreno, devendo o conjunto encontrar-se em qualquer vaso que se terá partido com os trabalhos da lavoura.

92

BARROCA DO ANTERO, PENAMACOR

É de autoria de Mário Ramires a primeira informação que nas páginas de *Nummus* memorou o achado. Deu relação dos oito denários que apresentamos no quadro a seguir (154).

(152) «Foram achadas cerca de 200 moedas romanas de prata», *Diário de Notícias* de 24 de Janeiro de 1951, p. 2. Por carta de 16 de Janeiro de 1959 informou-nos o Reverendo P.^e António Nunes, pároco de Ferro, que os numismas haviam sido vendidos ao Sr. Trigueiros, de Escalos de Baixo, de quem não conseguimos quaisquer esclarecimentos.

(153) Informação do Sr. Prof. José Martins Leitão, por carta de 8 de Maio de 1959. Ao Sr. Prof. José Manuel Landeiro devemos uma primeira notícia do achado e a indicação do Sr. Prof. José Martins Leitão como a pessoa indicada para nos esclarecer.

(154) Cf. Mário Ramires, «Achados numismáticos. Achado de Penamacor», *Nummus*, vol. I, n.º 4, Porto, 1953, p. 272.

Famílias, Imperador	N.º de Bab.	N.º de Cohen 2 (a)	N.º de exs.	Famílias, Imperador	N.º de Bab.	N.º de Cohen 2 (a)	N.º de exs.
Antonia	51	}	1	Cassia	10		1
Barbatia	2			Junia	15		1
Julia	96			Mussidia	4		1
Calpurnia	11		1	Vibia	1		1
	24		1	Oct. Augusto		137	1

(a) No texto não se indica a edição. Informou-nos o autor tratar-se da segunda.

Posteriormente, novos elementos foram através da mesma revista trazidos a público, desta vez da autoria de João Lopes F. Guedes que, além de pormenorizar as circunstâncias em que o achado se verificou, apresentou ainda a classificação de 76 unidades.

«Em princípios de 1948, quando cavava o terreno, segundo julgo, Antonio da Costa Azevedo, de Aldeia do Bispo, encontrou na «Barroca do Antero», também conhecida por «Barroca da Traquina», não longe da «Barroca do Ouro» e ambas ñas proximidades da Carreira de Tiro de Penamacor, alguns denários romanos» que, segundo sua própria informação, eram 74 e se encontravam espalhados próximo de um penedo de metro e meio de altura. Foram ainda encontrados no mesmo lugar mais 5 unidades, por soldados da Carreira de Tiro, que as entregaram ao oficial Director da mesma Carreira.

Estes 79 denários não devem constituir a totalidade do conjunto ocultado, salienta F. Guedes. Efectivamente, entre os 76 denários que apresentou não se encontram alguns dos que M. R. classificara já, mesmo considerando o desaparecimento de 3 unidades daquele primitivo total. Por outro lado, «é ponto assente que o «grosso» do tesouro foi descoberto pelo António da Costa Azevedo e que outras pessoas conhecedoras do facto rebuscaram o terreno e encontraram mais algumas moedas».

Os 76 numismas classificados—14 propriedade do autor, 57 na posse da Câmara Municipal de Penamacor e 5 na posse do Sr. Capitão José Esteves Robalo Cordeiro — distribuem-se como segue (155).

(155) Cf. João Lopes F. Guedes, «Achados numismáticos. Achado de Penamacor», *Nummus*, vol. III, n.º 10, Porto, 1955, pp. 201-203. Por lapso o artigo é atribuído a Ferreira Gambetta. No número seguinte publicou-se a correção.

A) DENÁRIOS CONSULARES

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Sem marca	5	1	Lucrecia	2	1
Anónimo	176	1	Marcia	28	1
	226	1	Mussidia	4	1
Aemilia	10	3	Naevia	6	1
Antonia	1	2	Papia	1	1
Antia	1	1	Plautia	14	1
Carisia	4	1	Pompeia	9	1
Cípia	1	2		22	1
Claudia	15	1		27	1
Coilia	3	1	Porcia	10	1
Considia	2	2	Postumia	9	1
Cornelia	28	1		13	1
	63	1		14	1
Crepusia	1	1	Procilia	2	1
Fulvia	1	1	Roscia	1	1
Julia	9	1	Rutilia	1	1
	10	1	Scribonia	8	2
	11	1	Titia	1	1
Licina	18	1	Titinia	7	1
Livineia	10	1	Vibia	1	1
Lollia	1	1	Volteia	3	1

B) DENÁRIOS NÃO CONSULARES


Triúnviro e Imperador	N.º de Cohen 2 (a)	N.º de exs.	Imperador	N.º de Cohen 2 (a)	N.º de exs.
Marco António	27	1	Oct. Augusto	144	2
	35	1		146	1
	47	1		198	1
	49	1		208	1
	58	1		262	1
Oct. Augusto	51	2	265	1	
	97	1	280	1	
	122	1	321	1	
	124	1	397	1	
	137	7	406	1	

(à) No texto não se indica a edição. Por informação do autor sabemos tratar-se da segunda.

ALCAIDE, CONC. DO FUNDÃO

Na «Cova da Beira», em Alcaide, foi por 1913 encontrado um pequeno conjunto de denários ibero-romanos num terreno da quinta do conselheiro João Franco. O conjunto foi partilhado.

Ao examinar dois dos exemplares, conservados pelo Sr. Capitão França, de Castelo Branco, mostrou J. Leite de Vasconcelhos particular interesse por um deles, que lhe foi ofertado. O outro foi examinado por Mário Ramires, que publicou a sua identificação, acompanhada de notícia das atrás registadas circunstâncias do achado. «Corresponde à seguinte descrição de A. Vives y Escudero:

Ceca 44. ^a	ARSE	(Arsaes)
	Primera emisión	
N.º 1 A) — Cabeza barbuda, entre arado y delfin		
R) — Jinete con dardo, debajo		
Denário		Lám. XLVII-1» (156).

SENDINHO DA SENHORA, FREG. DE AMIEIRA, CONC. DE OLEIROS

«Em Março de 1949, quando o proprietário Antonio Farinha procedia com alguns cultivadores ao arroteamento de uma terra nas proximidades de Sendinho da Senhora, povoação da freguesia de Amieira, foram encontrados a granel, junto a uma linha de água, cerca de 100 denários romanos.

...Dos 79 denários que ficaram na posse do proprietário, todos eram da República, tendo podido examinar 76 com a seguinte classificação» (157).

(156) Mário Ramires, «Achados numismáticos», *Nummus*, vol. I, n.º 4, Porto, 1953, p. 273.

(157) João Lopes F. Guedes, «Achados numismáticos. Achado de Sendinho da Senhora», *Nummus*, vol. II, n.º 7, Porto, 1954, p. 199.

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Acilia	8	3	Licina	18	1
Aelia	4	1	Marcia	24	1
Aemilia	8	3 (a)	Memmia	9	1
Caecilia	43	1		10	1
	45	1	Naevia	6	1
	47	1	Plaetoria	4	1
	50	1		5	1
Calpurnia	12	2	Plautia	13	2
Carisia	1	1		14	1
	3	2	Pompeia	5	1
Cassia	10	1		9	4
Considia	2	1	Pomponia	14	1
	7	1	Postumia	7	1
Cordia	3	2		11	1
Cornelia	33	1	Proclia	1	1
Crepusia	1	2	Rustia	1	1
Egnatia	2	2	Scribonia	8	4
Farsuleia	1	1	Sulpicia	7	1
Furia	23	1	Thoria	1	1
Herennia	1	1	Titia	2	1
Hostilia	2	1	Valeria	11	1
Julia	9	6	Vibia	18	1
	11	10	Anónimo	226	1

(a) Um exemplar é de chumbo.

Tivemos conhecimento deste achado em Coimbra, em 3 de Dezembro de 1958, por informação do Sr. Dr. Francisco Morais, pouco depois falecido, que há cerca de dez anos havia comprado à volta de 10 quilos de moedas, todas médios bronzes, provenientes de Idanha-a-Nova. Então não conservava mais que três, com que quis gentilmente presentear-nos. Oportunamente, informou-nos, fora a parte restante da totalidade que adquirira partilhada em fracções, maiores ou menores, por vários dos seus amigos, um dos quais, o Sr. Dr. Júlio Condor-

cet Pais Mamede, adquiriu 20. Embora não directamente, também daquele lote o Sr. Dr. Raul Miranda obteve numismas que, por terem sido misturados com quantidade apreciável de outros, não são agora de possível segura identificação. O intermediário da aquisição informou, contudo, pertencerem a Theodosius I, Arcadius e Honorius.

No quadro a seguir registamos a distribuição e identificação, por Cohen (1.^a edição), dos exemplares que nos foram ofertados e dos 20 atrás referidos, cujo exame nos foi amavelmente facultado (158).

Imperador	N.º de Cohen	N.º de exs.	Imperador	N.º de Cohen	N.º de exs.
Valentinianus I	43	1	Honorius	44	6
Gratianus	2	5	Arcadius		4
Theodosius	41	3	Inatribuíveis		2
Magnus Maximus	14	2			

96

IDANHA-A-VELHA (PROXIMIDADES), CONC. DE IDANHA-A-NOVA

Não temos deste conjunto mais elementos que a seguinte menção: «Denários de C. Renius, L. Thorius Balbus, M. Titinius, Manius e Fonteius — mostrados em 1946 pelo padre Jalhay a Mateu y Llopis». (Em nota «Hallazgos monetários», *Ampurias*, vol. IX-X, Barcelona, 1948, p. 77) (.59).

97

**HERDADE DO POÇO DO SALVADO, ATALAIA, MONSANTO,
CONC. DE IDANHA-A-NOVA**

«Numa excursão que fiz a Monsanto em 1916... adquiri dois denários consulares e fragmentos de um vaso de prata que os continha...

(158) V. *infra* classificação pp. 148-149.

(159) F. Russell Cortez, *art. cit.* p. 13.

O referido vaso achou-se por 1900 no sítio da Atalaia, no couto ou «herdade» do Poço do Salvado, a uns 5 quilómetros de Monsanto, para o nascente: além das duas moedas que adquiri, continha mais 71, que não examinei, mas que pelas informações, deviam ser igualmente consulares» (160).

98

FREG. DE MONFORTE DA BEIRA, CONC. DE CASTELO BRANCO

Na freguesia de Monforte da Beira foram encontrados, juntamente com xorcas de prata, denários da República romana (161).

99

«CASTELO DO CHÃO DO TRIGO», FREG. DE PERAL,
CONC. DE PROENÇA-A-NOVA

No sítio chamado «Castelo do Chão do Trigo», pequeno outeiro quase circundado pelo ribeiro de Esteves, «pelo ano de 1712 um homem, que cultivava umas terras próximo, desenterrou debaixo dumas pedras mais de trezentas dessas moedas de prata com a efigie dos imperadores romanos e que tinham o peso de um tostão, preço por que as vendeu» (162). O achado ficou registado nas *Memorias parochiaes de 1758*, que o situam «haverá quarenta anos» e precisam se encontrarem as moedas dentro de uma «pedra betumada» (163).

(160) J. L. de V., «Estudos sobre a época do ferro em Portugal», *O Arch. Port.*, vol. XXIV, Lisboa, 1920, p. 106.

(161) *Ibid.*, p. 104.

(162) P.º Manuel Alves Catharino, *Concelho-de-Proença a Nova*, Lisboa, 1933, p. 218.

(163) Pedro A. de Azevedo, «Extractos archeologicos das *Memorias parochiaes de 1758*», *O Arch. Port.*, vol. VI, Lisboa, 1901, p. 110.

TESOUROS DO DISTRITO DE LEIRIA

100

PELMÁ, CONC. DE ALVAIÁZERE

Em Pelmá, «em 1751, andando a abrir-se os alicerces de urna casa, numa das aldeias da serra de Alvaiázere, pertencente a esta freguesia, se acharam oitenta e tantas moedas, de ouro, prata e cobre, romanas, dos imperadores Vitélio, Vespasiano, Tito, Nerva e Trajano» (164).

101

TESOURO DO CASAL COUVEIRO, FREG. E CONC. DA BATALHA

No sitio do Casal Couveiro, na propriedade de Manuel Duarte, da freg. de Reguengo do Fetal, Emilia de Oliveira Tomé encontrou uma panela do barro contendo à volta de 5 000 moedas em prata, em Fevereiro de 1941. Parte destas moedas foram também encontradas por Francisco Vieira da Costa, da mesma freguesia. São na sua maioria de Augusto (165).

Foi-nos proporcionado pelo nosso atencioso informador o exame de 4 denários: 2 de Augustus, n.º 87 de Cohen (1.ª ed., vol. I, 1859, p.52); 2 de Tiberius, n.ºs 2 e 6 de Cohen (id., p. 119) (166).

102

QUINTA DE S. PAIO, CONC. DE PORTO DE MÓS

Na extremidade sul das ruínas de um vasto cemitério existente na Quinta de S. Paio, localizada a dez quilómetros para oeste de Porto de Mós, «apareceu grande quantidade de moedas de prata, romanas. Foi talvez a maior e mais variada colecção de moedas romanas que se

(164) Pinho Leal, *ob. c/7.*, vol. VI, Lisboa, 1875, p. 550.

(165) Informação, por carta de 19 de Janeiro de 1959, do Pároco de Reguengo do Fetal, Rev.º José Vieira de Oliveira.

(166) V. classificação *infra* p. 150. Do conjunto também o Sr. Dr. Joaquim Padrão, da Batalha, obteve 7 denários, 5 de Augusto e 2 de Tibério, conforme nos informou por carta de 13 de Março de 1959.

tem achado em Portugal, até aos nossos dias; quase tudo «bigatus» e «quadrigatus»... São dos imperadores Marco Atílio Régulo, que foi consul, em 496 da fundação de Roma — 257 antes de J.C. — e de Fábio Máximo Serviliano, consul romano na Lusitânia, pelos anos do mundo 3 860 (144 antes de J.C.) e foi um dos generais romanos derrotados pelo nosso grande Viriato (o Antigo). Estas são as mais antigas; as mais modernas são de Aureliano, que reinou desde 270, de J.C., até 275 K

Estas medalhas foram vendidas a diversas pessoas, mas quem comprou a maior porção foi um ourives, que as derreteu!... A maior parte destas moedas foram descobertas em 1855».

Se se desse imediato crédito na sua totalidade à descrição que se transcreve, seríamos levados a concluir que estaríamos, efectivamente, em face de um pouco vulgar e deveras interessante tesouro, pois abranteria numismas de pelo menos quatro séculos. Mas os pormenores da notícia são susceptíveis de, com bom fundamento, abalar esta primeira aceitação.

Em face das inexactidões em que o texto é fértil e à falta de indicações inequívocas, muito duvidoso se torna estarmos na presença de um conjunto oculto por 270/275 ou muito pouco depois. Com tais incorrecções não parece de todo impossível que tenha sido tomado pelo

¹ [Nota do texto] «No espaço destes 530 anos, raros foram os consules romanos que pudessem cunhar moeda, dos quais se não achassem aqui algumas ou muitas.

As «sarrilhas» eram grosseiras, porém os cunhos de todas eram perfeitíssimos, e em belo estado de conservação.

As mais notáveis eram de Marco Atílio Régulo, Quinto Fábio Máximo Serviliano, Sexto Pompeu, Júlio César, Marco Cícero, Tito Graco, Tibério Semprônio, Marco Metelo, Caio Mário, Quinto Sertório, Pompeu Magno, Marco Cépio, Cipião Asiogenes, Cipião Africano, Emiliano, Marco Emílio Paulo e Aureliano.

Além das moedas destes ilustres capitães, ainda muitas outras de vários cidadãos romanos, de que fala a história» (167).

imperador Aureliano o que bem poderia ser um membro da família Aurelia. Depois, não se nos dá a garantia de que toda a colecção seja oriunda de um só e mesmo achado, deixando mesmo a convicção do contrário, quando se diz que «a maior parte destas moedas foram descobertas em 1855». Assim, se é correcta a atribuição de moedas ao imperador Aureliano, outra alternativa fica possível: pode o conjunto ser formado por unidades de um depósito, provavelmente dos finais da República, a que se terão reunido algumas peças doutra origem, possivelmente unidades encontradas avulso. Inclínamo-nos para esta conclusão, que outros pormenores de Pinho Leal não contrariam: as moedas dizem-se ser de prata, «quase todas bigatus e quadrigatus», os incorrectos nomes das personagens citadas não são, à excepção de Aureliano, nomes imperiais (168).

103

ALCOBAÇA

«Na noite de 11 de Dezembro de 1774 houve em Alcobaca uma inundação pasmosa e nunca dos seus habitantes lembrada: fez horrorosos estragos em homens, animais, paredes, pontes e caminhos. Junto à ponte, que vai para Leiria, que inteiramente destruiu, apareceram em cavernas profundíssimas muitas medalhas e dinheiros antigos, além de muitas pedras e metais, que pareciam queimados com fogo de enxofre» (169). Pelo contexto conclui-se que se trata de moedas romanas.

104

CERCA, COLUMBEIRA, FREG. DE ROLIÇA, CONC. DE BOMBARRAL

«Já há anos, quando se procedia à abertura de um poço numa propriedade do Sr. Francisco Simão, na Cerca, encontrou-se um púcaro de barro com muitas moedas. Algumas foram levadas para o Museu Etnológico pelo Dr. Leite de Vasconcelos» (170).

(168) As dúvidas que a atribuição do tesouro a cronologia à volta de 270/275 nos sugere impedem-nos de o integrar no conjunto dos tesouros da segunda metade do século ui d. J. C. de que adiante nos ocuparemos.

(169) Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *Elucidario*, vol. I, 2.^a ed., Lisboa, 1865, p. 51.

(170) Informação, por cartas de 27 de Novembro de 1958 e 12 de Janeiro de 1959, do Sr. Dr. Joaquim de Albuquerque, do Bombarral, a quem devemos ainda a

Antes de ter chegado até nos esta informação, já tínhamos deparado com uma referência de J. L. de Vasconcelos a frequentes achados, na lavoura, de moedas, quer de cobre quer de prata, na propriedade «a Cerca» (171). Não nos dá, contudo, notícia de qualquer tesouro, o que certamente não deixaria de referir se ao tempo tivesse conhecimento dum achado dessa natureza.

Na parte final deste estudo se encontrará a descrição dos 5 médios bronzes mencionados em nota. No quadro a seguir se resume a sua classificação por Cohen, 1.^a ed..

Imperador	N.º de Cohen	N.º de exs.
Theodosius	41	1
Magnus Maximus	14	2
	17	1
Inatribuível		1

COLUMBEIRA (PROXIMIDADES), CONC. DE BOMBARRAL

Um depósito de cerca de 980 numismas de prata, denários, foi encontrado em 1958 dentro de um vaso de barro, ao proceder-se a escavações, não arqueológicas, nas proximidades da Columbeira. O achador, de Roliça, que não foi possível identificar, vendeu-os a um ourives das Caldas da Rainha, que por sua vez os tem vendido avulso (172).

Ao colecionador e estudioso Sr. Ten.-Coronel João Lopes F. Guedes somos devedores não só da primeira notícia do achado mas também da classificação, da sua autoria, dos 122 denários da sua colecção

atenção de nos ter confiado para exame 5 médios bronzes sobreviventes do conjunto, hoje integrados na sua colecção.

(171) J. L. de V., «Hierologia lusitanica», *O Arch. Port.*, vol. XXIV, Lisboa, 1920, pp. 284-285.

(172) Informação do Sr. Dr. Joaquim de Albuquerque, do Bombarral, por cartas de 20 e 27 de Novembro de 1958.

provenientes deste conjunto e adquiridos ñas Caldas da Rainha, em Setembro e Outubro de 1958. Ainda mercê da não menos generosa colaboração de um outro esclarecido coleccionador, o Sr. Dr. Joaquim de Albuquerque, pudemos fotografar e examinar outros 43 exemplares da mesma origem e adquiridos do mesmo modo, que pertencem à sua colecção. Reunimos na lista a seguir os elementos daquela e da nossa classificação. Dos denários desta última, que assinalamos com *, apresentamos ainda descrição na última parte deste estudo (173).

Famílias	N.º de Bab.	Famílias	N.º de Bab.
Anónima	6	Claudia	1
	226	*	1
*Anónima?			2
Aburia	6	Coelia	3
*Aelia	4	Cornelia	1
Aemilia	7		19
*	7	*	19
*Afrania	1		24
Antestia	1	*	50
*	9	Cosconia	1
Appuleia	1	Crepusia	1
*	1v	Curiatia	2
*	1v	Curtia	2
Aquillia	1	*	2
Aurelia	19	Cupiennia	1
	20	Domitia	7
*	21	*	14
*Baebia	12	Decimia	1
Caecilia	38	*Fabia	1
*Calidia	1		13
Calpurnia	8		14
	9	*	14
*	11v	Fannia	1
	11vs.	*Flaminia	1
Cassia	1	*Fonteia	1
*	1	*	7 ou 8

(173) V. *infra* pp. 152-156.

Famílias	N.º de Bab.	Famílias	N.º de Bab.
Fulvia	1	Porcia	3
Fundania	1		4
Furia	18	Postumia	1
*	18	Quinctia	2
Gellia	2v		6
Herennia	1v	*	6
Julia	1	*	6
	4	Scribonia	1
	5	Sempronia	2
	5v	Sentia	1
Junia	15	Sergia	1
*	15	*	1
	18	Servilia	1
Lucilia	1		6
*	1		14
*	1	*	14
Lucretia	1	Spurilia	1
Lutatia	2	Terentia	10
Maenia	7	Thoria	1
*Mallia	2	*	1
Marcia	1	*	1
	8	Titia	2
	12	*	2
	19v	Titinia	1
Memmia	1	*Tituria	2
*	1		4
	2	*	4
	8		6
Minucia	3		6v
	9	Trebania	1
	19	Tullia	1
*	19	*	1
Opimia	16	Valeria	7
*Plutia	1		8
Pompeia	1	Vargunteia	1
*Pomponia	7	Vibia	1
	7v	*	1
Porcia	1	*	2 ou v

TESOUROS DO DISTRITO DE SANTARÉM

106

FREG. DE VALHASCOS, CONC. DE SARDOAL

Entre a colecção de objectos arqueológicos ofertados em Junho de 1910 pelo Dr. Matos e Silva a J. L. de Vasconcelos para o Museu Etnológico, menciona este, proveniente do Sardoal, «um precioso pedaço de linho romano aparecido com moedas de prata do século ui (antonianos) dentro de um vaso de bronze, que porém quase se desfez na ocasião do aparecimento», além de 12 das referidas moedas» (174).

Relativa a este achado deve ser ainda uma outra referência do mesmo A.: «Em Abrantes adquiri vários objectos para o Museu Etnológico, entre eles... 190 moedas romanas de prata do século III, que faziam parte de um tesouro aparecido por 1880 e tantos, de panelas, no Sardoal, e me foram oferecidos para o Museu pelo Dr. Ramiro Guedes» (175).

Pelas informações que, através do Sr. Dr. J. M. Bairrão Oleiro, pudemos obter, concluímos que as duas referências de J. L. de Vasconcelos dirão respeito ao tesouro encontrado por um homem do campo na freguesia de Valhascos e dispersado por diversos compradores, entre os quais o Sr. Dr. Ramiro Guedes. Exemplares da mesma proveniência, conservados por seu pai, que se recorda do achado, possui o Sr. Dr. Bairrão Oleiro, mas integrados no conjunto dos seus numismas, sem que seja possível individualizá-los.

107

«VILA DE CHÃO FRIO», ÁGUA BRANCA, FREG. DE S. FACUNDO,
CONC. DE ABRANTES

«Neste sítio arqueológico [Vila de Chão Frio] ao abrirem, em 1944, um poço, que se fazia pela primeira vez, depararam, a quatro metros de profundidade, com inumerável quantidade de moedas romanas, anteriores ao Império... Por minha parte obtive, ainda, algumas dessas moe-

(174) J. L. de V., «Chronica», *O Arch. Port.*, vol. XV, Lisboa, 1910, p. 250.

(175) J. L. de V., *De Terra em Terra*, vol. I, Lisboa, 1927, pp. 158-159.

das que, em maior quantidade, foram oferecidas ao dono da propriedade e a um sr. major Farinha, de Abrantes, segundo me disseram» (176).

108

PEGO, CONC. DE ABRANTES

«No lugar de Pego, Abrantes, encontrou-se grande porção de moedas romanas de bronze» (177).

109

ANTIGA ESTRADA ABRANTES-MOURISCAS, CONC. DE ABRANTES

«Na margem da antiga estrada Abrantes-Mouriscas, perto duma ponte que dizem romana e quando do arranque de uma azinheira, encontraram-se bastantes áureos» (178).

110

MOURISCAS, CONC. DE ABRANTES

«Em Mouriscas, numa velha parede, que hoje margina uma horta, encontrou-se grande porção de denários» (179).

III

CASAL DA CAVEIRA, TORRES NOVAS

«No Casal da Caveira ou Caveiras, Torres Novas, encontrou-se grande quantidade de moedas romanas de bronze, do Império, entre as quais muitos grandes bronzes à flor do cunho. Vi grande porção delas na posse do médico Dr. Perdigão, actualmente exercendo clínica em Serpa ou Moura» (180).

(176) Mário Saa, *As grandes vias da Lusitania. O Itinerario de Antonino Pio*, vol. I, Lisboa, 1956, p. 265.

(177) Informação do Sr. Hipólito da Costa Cabaço, por carta de 22 de Março de 1959. Não conseguimos até ao presente quaisquer outros dados acerca deste achado.

(178) *Ibid.*, *id.*

(179) *Ibid.*, *id.*

(180) *Ibid.*, *id.*

112

CHARNECA, TORRES NOVAS

«No Museu Etnológico recolhi últimamente um modesto tesouro monetário, que provem do sítio da Charneca, arredores de Torres Novas, e que me foi cedido por um comerciante desta vila em 1908. Fazia parte de um tesouro maior, que se dispersou há muitos anos e que estava contido num vaso de barro, igualmente hoje desaparecido. Às minhas mãos chegaram apenas cinco «denarii» romanos e um ibérico, de Osea».

Aqueles 5 denários são assim identificados, pelo catálogo de Babelon: família Crepusia, n.º 1; fam. Fonteia, n.º 10; fam. Furia, n.º 18; fam. Poblícia, n.º 9; fam. Thoria. O denário ibérico é identificado nos seguintes termos: «Corresponde ao tipo descrito nos *Monumenta linguae Ibericae* de Hübner, n.º 47, p. 52 sgs., e é figurado por Heiss, est. XIII, n.º 1 (texto a p. 152). Tem por detrás da nuca do personagem do anverso: ; e no reverso, por baixo do cavaleiro: = *Klsthn* (Celsitani ?). As letras, tanto numa página como na outra, são ponteadas. — Esta moeda foi cunhada pelos fins da República, talvez no tempo de Sertório: Vid. Heiss, pp. 153-155» (181).

113

TORRES NOVAS

«Também proveniente de Torres Novas, mas de cuja origem nada sei, vi na loja de um antiquário de Lisboa os seguintes denários da República, de que tomei rápida nota:

1) de Cn(aeus) Cornelius Blasius, ano de 99 a.C. (cf. Babelon, I, 396); 2) de C(aius) Vibius Pansa, ano de 90 a.C. (cf. Babelon, I, 538); 3) de L(ucius) Calpurnius Piso Frugi, ano de 89 a.C. (cf. Babelon, I, 289); 4) de Q(uintus) Antonius Balbus, ano de 82 a.C. (cf. Babelon, I, 158)» (182).

(181) J. L. de V., «Achados de moedas romanas da Republica», *O Arch. Port.*, vol. XIV, Lisboa, 1909, p. 58.

(182) *Ibid.*, p. 59. Tratar-se-á de um tesouro? V. *supra* n. 78.

114

ALCOBERTAS (PROXIMIDADES), CONC. DE RIO MAIOR

«Lê-se n' *O dia* de 26 de Julho:

«Um tesouro. — Nas proximidades das Alcobertas, freguesia do concelho do Rio Maior, quando um carro de bois passava na estrada que conduz àquela povoação, desabou uma pedra à beira da mesma estrada, caindo nesse momento uma grande porção de moedas de prata da época romana. Mais tarde voltaram ao mesmo local e ainda encontraram mais dinheiro e diferentes objectos de ouro antiquíssimos, e alguns de bastante valor arqueológico. Consta-nos que as autoridades de Rio Maior tomaram conta do caso» (183).

TESOUROS DO DISTRITO DE LISBOA

115

FERRARIAS, FREG. DE RAMALHAL, CONC. DE TORRES VEDRAS

«Sobre moedas romanas acrescentarei que no sítio das Ferrarias, próximo ao Ramalhal, no local onde aparecem pedaços de jorra de ferro, têm sido achadas várias moedas e de uma vez foi encontrada uma bilha de barro com cerca de 8 quilos de moedas de cobre que foram espalhadas pelos habitantes daqueles lugares vizinhos e de que já hoje dificilmente se obtém um exemplar por seus possuidores as terem extraviado devido ao pouco apreço que lhes ligaram» (184).

116

PINHAL DO ALVARINHO, CAMARNAL, FREG. E CONC. DE ALENQUER

«Camarnal — Alenquer. No pinhal do Alvarinho, na margem da estrada da Boa Viagem, há uns 60 anos, quando 3 rapazes arrancavam um cepo de pinheiro, encontraram duas grandes taças de prata, parece que artisticamente cinzeladas, cheias de denários romanos, uns 12 a 14 litros pouco mais ou menos. Os rapazes destruíram as taças com

(183) J. L. de V., «Noticias várias», *O Arch. Port.*, vol. I, Lisboa, 1895, p. 223.

(184) Julio Vieira, *Torres Vedras antiga e moderna*, Torres Vedras, 1926, pp. 6-7.

os alviões e encheram os barretes com moedas, a que chamavam botões. A Marquesa de Castelo Melhor, proprietária do terreno, conseguiu obter parte das moedas mas a maior parte foi vendida em Alenquer a um ourives ambulante. Vi só três destas moedas. Eram da República e de 125 a.C.»(185).

117

QUINTA DA BANDEIRA, TOJAL, CONC. DE LOURES

Alguns dias antes do Natal de 1777 foram casualmente encontrados perto de 3 alqueires de moedas de cobre por trabalhadores ocupados na lavoura, na Quinta da Bandeira, lugar e freg. de S. João do Tojal. Pouco valor atribuíram os lavradores aos numismas, que venderam a peso, a maior parte a um caldeireiro. Pessoa com outra compreensão pôde ver duas moedas, uma das quais apresentava a legenda *gloria romanorum* (186).

Esta legenda é característica do Baixo Império (187). Estamos provavelmente em face dum desses tão vulgares tesouros em que as mais modernas unidades são de Theodosius, Arcadius e Honorius ou tendem para esta cronologia.

TESOUROS DO DISTRITO DE SETÚBAL

118

SETÚBAL (BAIRRO DO TROINO)

«Setúbal, 20. (Pelo telefone). — Nas importantes obras de saneamento da cidade, ao proceder-se à escavação de uma vala na antiga rua Direita, no velho bairro de Troino... foi encontrado, na profun-

(185) V. *supra* n. 177. Mário Saa, *ob. cit.*, vol. III, Lisboa, 1960, p. 95, também refere o achado.

(186) Cf. Pedro A. de Azevedo, «Notícia de hum thesouro que se achou no anno de 1777», *O Arch. Port.*, vol. III, Lisboa, 1897, p. 251.

(187) Cunharam com esta legenda os seguintes imperadores: Constantinus I, Crispus, Constantinus II e todos os seus sucessores até Julianus II, Jovianus e todos os seus sucessores até Theodosius, Eugenius, Honorius, Attalus e Valentinianus III. Cf. Cohen, 1.^a ed., vol. VII, Paris, 1868, p. 455.

didade de um metro e trinta, um pote de barro, com o diâmetro de 25 centímetros e 50 de alto, repleto de moedas, muitas das quais irreconhecíveis mas entre as quais se pode ler o nome de Constantino que foi imperador romano de 306 a 357 da nossa era» (188).

No dia seguinte outras moedas se encontraram: «...Tendo sido, acertadamente, ordenado que em volta do local se fizessem, agora com os necessários cuidados, outras escavações, ontem foi ali encontrada uma nova ânfora de barro... mas esta intacta e contendo 42 quilos de moedas idênticas às achadas na véspera» (189).

Em referência às moedas da primeira ânfora dá o Dr. José Marques da Costa a indicação de ter visto moedas de Constantino I, Constantino II, Constante, Constâncio, Magnêncio e de Juliano (190). É ainda o Dr. Marques da Costa autor de uma comunicação apresentada ao I Congresso Nacional de Arqueologia sob o título *Novos elementos para a localização de Cetobriga: Os achados romanos na cidade de Setúbal*, na qual se fez referência ao vultoso achado monetário do bairro de Troino. Informou-nos que se encontram na posse da Câmara Municipal de Setúbal 18181 moedas, as mais antigas de Constantino Magno e as mais modernas de Juliano 11.

119

TRÓIA, SETÚBAL

Num dos compartimentos duma casa da chamada rua da Princesa, nas ruínas romanas de Tróia, encontraram-se em 1850, nas escavações a que ali procedeu a Sociedade Arqueológica Lusitana, «duas ânforas, estando uma inteira, em posição vertical, e a outra quebrada, contendo 1 838 moedas de cobre do Alto e Baixo Império e cunhadas em Antioquia, Constantinopla, Cartago, Roma, Leão, Aquileia, etc.» (191).

(188) «Apareceu um pote com moedas romanas do tempo de Constantino», *Diário de Lisboa* de 20 de Maio de 1957, p. 8.

(189) «Um importante achado de moedas romanas», *O Setubalense* de 22 de Maio de 1957, pp. 1-2.

(190) Marques da Costa, «As moedas romanas de Setúbal-IV. Notas de Reportagem», *O Setubalense* de 3 de Junho de 1957, p. 3.

(191) A. I. Marques da Costa, «Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal», in *O Arch. Port.*, vol. XXIX, Lisboa, 1933, p. 25.

TESOUROS DO DISTRITO DE ÉVORA

120

BORBA (OU DA SUA REGIÃO) (192)

121

HERDADE DA RIBEIRA, FREG. DE S. ROMÃO,
CONC. DE MONTEMOR-O-NOVO

«O Académico Fr. Afonso da Madre de Deus Guerreiro comunicou uma medalha do imperador Teodósio, das que se acharam na Herdade da Ribeira, freguesia de S. Romão, termo da vila de Montemor-o-novo». (Das *Actas da Academia da História Portuguesa*, sessão de 3 de Agosto de 1725) (193).

122

ÉVORA

«Évora. — Nas obras que se estão a realizar, para construção do edifício da filial do Montepio Geral, no local onde esteve o palácio dos condes da Esperança, na praça do Geraldo, alguns trabalhadores acharam dezenas de moedas antiquíssimas. Um numismata de Lisboa, acidentalmente nesta cidade, adquiriu determinado número daquelas moedas» (194).

123

S. MANÇOS, CONC. DE ÉVORA

Em S. Manços foram encontrados por uns operários que procediam à demolição de um prédio, por 1953 ou 1954, denários da República,

(192) V. *infra*, p. 106.

(193) J. L. de V., «Miscelânea Arqueológica», *O Arch. Port.*, vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 356.

(194) «Moedas antigas», *Diário de Notícias* de 19 de Maio de 1954. Trata-se de moedas romanas, como o explicitaram outros órgãos da imprensa, p. ex., *Jornal de Notícias* de 23 de Maio de 1954.

logo dispersos a 2\$50 cada um e tão prontamente que o próprio dono do prédio só disso teve conhecimento depois do facto consumado (195).

124

REGUENGOS DE MONSARAZ(?)

Por informação do Sr. Ten.-Coronel João Lopes F. Guedes, tivemos conhecimento de ser possuidor de um tesouro o Sr. José Soeiro, de Vila Viçosa. Ficaram sem resposta as cartas que ao detentor do conjunto dirigimos (196).

125

HERDADE DE PERNES, PORTEL

«Portel. — Quando se procedia ao arranque de pedra para a construção duma estrada na herdade de Pernes, propriedade do sr. Murteira, foi descoberta grande porção de moedas de prata do tempo dos Romanos» (197).

TESOUROS DO DISTRITO DE BEJA

126

SANTA VITÓRIA, CONC. DE BEJA

Devemos ao Prof. Abel Viana a notícia deste achado (198), verificado há cerca de 8 anos e constituído por «muitas dezenas de médios bronzes, todos do Baixo Império: Constâncio, Valentiniano, Arcádio, Honorio, etc».

(195) Informação do Sr. Ten.-Coronel João Lopes F. Guedes, por carta de 2 de Dezembro de 1958.

(196) O nosso colega e amigo José Vicente Roma Maurício, que a nosso pedido o procurou, em Janeiro de 1959, não obteve senão respostas muito vagas. Foi informado esperar-se a identificação dos numismas, solicitada a pessoa conhecedora.

(197) «Achado de moedas do tempo dos Romanos», *Diário de Notícias* de 11 de Março de 1953.

(198) Por postais de 9 de Novembro de 1958 e 29 de Março de 1961.

Pelo nosso atencioso informador foram fotografadas 33 unidades, das quais se publicará a classificação num dos próximos vols. de *Arquivo de Beja*.

127

HERDADE DA TORRE, FREG. DE PÍAS, CONC. DE SERPA

«Nos principios de Janeiro de 1942, os trabalhadores da herdade encontraram para cima de duzentas moedas de cobre e uma tábua de mármore. Logo a notícia correu ligeira até nós, e, na mira de encontrar alguma inscrição, partimos pressurosos para o local, juntamente com José Figueira.

Lá estavam guardadas algumas dessas moedas de cobre (infelizmente só trinta e oito, pois os operários levaram quase tudo), todas romanas e do Baixo Império. Referem-se aos imperadores Graciano, Arcádio, Teodósio, Honório, Maximino e Valentiniano [no texto Valenciano]. As moedas foram encontradas dentro de um vaso de barro partido pelos trabalhadores. As sobreviventes do conjunto foram ofertadas ao Museu de Moura (199).

128

HERDADE DA GRALHEIRA, FREG. DE S. JOÃO DOS CALDEIREIROS,
CONC. DE MÉRTOLA

Do achado, ocorrido em Março de 1958, fez divulgação a imprensa diária (200). Também ficou memorado nas páginas dos dois últimos vols. do *Arquivo de Beja*, onde o tão incansável e meritório investigador que é Abel Viana já inseriu, de colaboração com o Sr. Dr. F. Belard da Fonseca, além da notícia das circunstâncias da descoberta também a classificação e fotografia de parte das unidades que lhe foi permitido fotografar. O estudo das restantes fotografadas será publicado num dos próximos vols. da mesma publicação.

«Quando o feitor da referida herdade fazia um pequeno buraco no solo para firmar um estaca da rede das ovelhas, achou uma vasilha

(199) Fragoso de Lima, «Estudos na Bética Portuguesa. Estação romana da Herdade da Torre (Pias)», *Jornal de Moura* de 24 de Julho de 1943, p. 1.

(200) Por ex., *O Primeiro de Janeiro* de 24 de Abril de 1958, p. 7—«Importante achado de moedas romanas de prata».

de barro dentro da qual estavam cerca de mil moedas de prata-dinheiros republicanos, e também uns quantos dos primeiros tempos do Império. Conseguimos fotografar 396 exemplares... Da classificação feita pelo Sr. Dr. F. Belard da Fonseca se arquivam desde já aqui as seguintes indicações: nos exemplares republicanos se menciona a Família monetária, número de registo no catálogo de Babelon, o nome do monetário e data de cunhagem; nos exemplares posteriores à República se indicam somente os números do catálogo de Cohén» (201).

Pelo texto transcrito fica o leitor a conhecer os elementos que no estudo poderá encontrar. Limitámo-nos a ordenar no quadro a seguir os 126 exemplares classificados.

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Acilia	8	4	Cordia	4	1
	8v	1	Cornelia	58	1
Annia	3v	1		63?	1
Antia	1	1	Crepusia	1	1
Antonia	1	1	Curtia	2	1
Appuleia	1v	1	Fonteia	9	1
Aquillia	2	1		17	1
Aurelia	20	1	Herennia	1	1
Baebia	12	1	Hosidia	1	2
Calpurnia	24v	3	Hostilia	4v	1
Carisia	4	2		5	1
Carisia?	3?	2	Junia	15	1
Cassia	10	1		16?	1
Claudia	2	1	Livineia	11	1
	5	1		13	1
	15	3	Lollia	2	1
Considia	2	1	Mallia	2	1
Cordia	1	2	Mamília	6	1
	2	3	Marcia	24	1
	2?	1		28	1

v = Variante.

(201) Abel Viana, «Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo», *Arquivo de Beja*, vol. XV, Beja, 1958, p. 45; cf. classificação pp. 46-47. Cf. ainda «Notas Hist...», *Arq. de Beja*, vol. XVI, Beja, 1959, pp. 46-48.

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Naevia	6	1	Vibia	16	1
	6v	3		18	1
	4	1		24	1
Plaetoria	3	3	Vibia?	3?	1
Plautia	11	1	Volteia	4	1
	12	2	?		4
	13	1			
	14	1			
Pomponia	10	1	Triúnviros	N.º de	N.º
Porcia	4	1	e	Cohen	de
Postumia	9	1	Imperador		exs.
	11	1			
	14	1	Pompeio	17	1
Proclia	1	2	Júlio César	12	1
Roscia	3	1		14	1
Rutilia	1	1		18	1
Satriena	1	2		35	1
Servilia	6	1		39	2
	14	1		48	1
Sicinia	1	1		49	6
	5	1	M. António	27? a)	2
Thoria	1	1		48	1
Tituria	6	1		leg?	1
Valeria	11	2		?	1
	17	1	Augusto	64	1
Vettia	2	1		115	2
Vibia	1	1		117	2
	2	2		119	1
	3	1		123	1

a) Talvez 27 ou seguintes.

MÉRTOLA (PROXIMIDADES)

...«Se achou no ano de 1634 à margem de um rio, cerca da vila de Mértola, urna panela de prata com mais de oito mil meda-

lhas, ou moedas do mesmo metal todas do tamanho da nossa de dois reais» (202).

O autor da notícia descreve uma das moedas. Não obstante as incorrecções desta descrição, Abel Viana identifica-a como pertencendo à gens Fabia, n.º 11 de Babelon (Numerius Fabius Pictor, 110 a.C.) (203).

130

Na margem do Guadiana, por baixo de alicerce antigo, próximo de Mértola, foi encontrada uma vasilha contendo denários consulares, em 1941, segundo parece. As moedas foram vendidas a um ourives ambulante que vendeu 66 a um comprador de Lisboa e ainda 666 ao Museu Regional de Beja.

Nestas últimas, na sua quase totalidade muito perfeitas e bem conservadas, à flor do cunho, encontram-se representadas «além de algumas moedas das chamadas «incertas» nada menos de sessenta e nove famílias, a saber: Aburia, Acilia, Aelia ou Allia, Aemilia, Afrania, Antestia ou Antistia, Appuleia, Aquillia, Atilia, Aufidia, Aurelia, Baebia, Caecilia, Caesia, Calpurnia, Cassia, Cipia, Claudia ou Clodia, Cloulia, Coelia, Cornelia, Cosconia, Curtia, Decimia, Didia, Domitia, Fabia, Fannia, Flaminia, Fonteia, Fulvia, Furia, Gellia, Herennia, Julia, Junia, Lucretia, Lutatia, Maenia, Maiania, Marcia, Memmia, Minutia, Opeima, Papiria, Pinaria, Plautia, Pompeia, Pomponia, Porcia, Postumia, Quinctia, Renia, Saufeia, Scribonia, Sempronia, Sergia, Servilia, Sestia, Silia, Spurilia, Terentia, Thoria, Trebania, Tulia, Urbinia, Valeria, Vargunteia e Veturia».

Não foi possível apurar qual o número exacto ou mesmo aproximado dos numismas. Terá sido de «alguns milhares» (204).

131

MARGEM DO VASCÃO (PROXIMIDADES), CONC. DE ALMODOVAR (205)

(202) Pedro A. de Azevedo, «Noticias Archeologicas», *O Arch. Port.*, vol. VII, Lisboa, 1902, p. 67. A noticia transcrita por Azevedo é de *Notas de Manoel de Faria y Sovsa al Nobiliario del Conde D. Pedro*, p. 34.

(203) Cf. Abel Viana, «*Denarii* do Museu Regional de Beja», *Arquivo de Beja*, vol. XII, Beja, 1955, pp. 159-161.

(204) Cf. Abel Viana, «Notas históricas...» e «*Denarii* do Museu Regional de Beja», *Arquivo de Beja*, vol. XII, Beja, 1955, pp. 25, 162-163.

(205) V. *infra* p. 109.

TESOUROS DO DISTRITO DE FARO

132

RENCOVO, CALDAS DE MONCHIQUE

No Rencovo, perto dum caminho situado a 300 metros das termas de Monchique, «um trabalhador encontrou há tempos um vaso cerâmico cheio de moedas romanas. Ainda pudemos examinar algumas. Eram bronzes de Honorius, Gratianus e Arcadius» (206).

133

SANTO ESTEVÃO, CONC. DE SILVES

Ao proceder-se a uma escavação em Santo Estêvão, lugar situado a 5,5 km a leste da cidade de Silves, foi encontrada uma apreciável quantidade de moedas romanas, todas juntas, em número à volta de 1200(207).

134

CONC. DE PORTIMÃO

«No concelho de Portimão apareceu mais um tesouro de oitocentas e tantas moedas, igualmente dentro dum vaso que foi inscientemente partido pelo achador.

Por intermédio do Sr. J. Gualdino Pires vieram à minha mão quatro exemplares do tempo de Valeriano, Graciano, Teodósio e Honório, isto é, dos séculos m e iv: o exemplar de Valeriano é de prata baixa, os outros de bronze» (208).

(206) Abel Viana, José Formosinho, Octávio da Veiga Ferreira, «Restos de caminhos romanos nas Caldas de Monchique», *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*, ano III, n.ºs 29-30, Lisboa, 1948, p. 160.

(207) Informação por carta, de 4 de Abril de 1961, do Sr. Mário Saa, autor de *As grandes vias da Lusitania. O Itinerário de Antonino Pio*, que no vol. IV, a publicar brevemente, incluirá uma referência ao achado.

(208) J. L. de V., «Antigualhas», *O Arch. Port.*, vol. XIII, Lisboa, 1908, p. 352.

135

BOCA DO RIO, SALEMA, FREG. DE BUDENS, CONC. DE VILA DO BISPO

«Em 1935, um sobrinho da professora oficial de Salema, quando brincava nas ruínas romanas da Boca do Rio, achou um vaso com cerca de setecentas moedas de cobre... Consideravelmente maquiadas, lá foram para o Museu de Lagos, cabendo-me apenas uma dezena delas. São médios bronzes de Honorio» (209).

136

SISMARÍA, FREG. E CONC. DE ALBUFEIRA

«Albufeira, 19. — C. — O sr. Manuel Alexandre, do sítio da Sismada, a dois quilómetros, pouco mais ou menos, desta vila, andando no amanho de terras numa sua propriedade, encontrou um vaso de barro em forma de gomil (ou ânfora) contendo perto de 21 quilos de moedas de cobre com efigies de vários imperadores romanos dos séculos II, III, IV e princípios de V da nossa era, tais como: Maximino, Aureliano, Constantino, Máximo, Valentiniano, Graciano, Honorio, Teodósio, Arcádio, etc., etc.» (210).

137

MARIM, FREG. DE QUELFES, CONC. DE OLHÃO

«Marim — Do Algarve participou o Doutor João Vidal da Costa e Sousa, superintendente dos tabacos daquele reino, e correspondente da Real Academia das Ciências, muito aplicado ao estudo numismático, que a 28 do mês passado um trabalhador, que abria uma vala no sítio de Marim, termo da cidade de Faro, em alicerces de antigos edifícios,

(209) Abel Viana, «*Denarii do Museu Regional de Beja*», *Arquivo de Beja*, vol. XII, Beja, 1955, p. 144, n. 20. Do mesmo lugar informara já Estácio da Veiga — «*Antiguidades Monumentaes do Algarve*», *O Arch. Port.*, vol. XV, Lisboa, 1910, p. 218 — se terem achado «numerosas moedas romanas, havendo muitas do Baixo Império».

(210) «*Vestígios de dominação romana*», *O Século* de 29 de Maio de 1931, p. 7.

achara cem medalhas de ouro do imperador Honorio. No *Segundo Suplemento* se porá a descrição delas». «{*Suplemento a Gazeta de Lisboa.*, n.º XLIII, 27 de Outubro de 1786)».

A descrição contida neste segundo suplemento (28 de Outubro de 1786) é a seguinte, em nomenclatura numismática mais precisa e sob forma mais abreviada:

Anv.: — D N HONORIVS P F AVG. Busto diad.

Rev.: — VICTORIA AVGGG. Fig. militar com lábaro na mão dr. e na esq. urna Victoria pondo-lhe uma coroa, o pé esq. sobre um cativo; no campo MD; no exergo COMOB (211).

Em Cohen, 1.ª ed., (vol. VI, pp. 477-478) não se cita esta descrição.

138

SERRA DE TAVIRA

«Em Fevereiro de 1840, se tinha achado na serra de Tavira urna porção de medalhas de prata, do tamanho dos nossos antigos tostões, com bustos, em relevo, de vários imperadores romanos, da primeira época do Império. Estavam todas muito bem conservadas e as legendas muito legíveis. Quase todas foram vendidas em Tavira e Faro» (212).

TESOURO DE DISTRITO NÃO IDENTIFICADO

139

SERRA (213)

(211) Cf. Pedro A. de Azevedo, «Archeologia do século passado», *O Arch. Port.*, vol. IV, Lisboa, 1898, pp. 102-103.

(212) Pinho Leal, *ob. cit.*, vol. IX, Lisboa, 1880, p. 503.

(213) V. *infra* p. 111.

AS INVASÕES DA HISPÂNIA
DA SEGUNDA METADE DO SÉC. III D. DE J.C.
SEGUNDO OS TEXTOS E A ARQUEOLOGIA

As invasões germânicas são um dos aspectos mais destacáveis desse momentoso período que é na história do Império o século m, nomeadamente a obscura época que medeia entre o assassinato de Alexandre Severo em 235 e o advento de Diocleciano, em 285. No mesmo momento em que se põe suficientemente à prova a falta duma base sólida do poder imperial, os bárbaros irrompem impetuosamente pelas fronteiras, rolam ao assalto das ricas cidades não convenientemente defendidas e outros centros de população, deixam atrás de si todo um cortejo de destruições que atestam a sua energia selvagem. Sobrevem profunda crise económica, a vida difícil de muitos centros e a ruína definitiva doutros.

A Hispânia, ainda que não tão exposta, não fica isenta das calamidades que afligem outras províncias. Solidária da sorte da Gália, vai também ser assolada pela vaga invasora. Do que foram esses acontecimentos algum eco chega até nós nas fontes escritas. Mas bem mais eloquentes do que estas são os próprios materiais sepultados durante séculos e que a moderna investigação arqueológica, epigráfica e numismática vem fazendo sair do anonimato.

Antes de nos ocuparmos dos acontecimentos em solo hispânico vejamos, muito sumariamente, o complexo de factos em que devem ser enquadrados.

Valeriano associou, logo após a sua aclamação, seu filho Galieno, observando-se uma total divisão de poderes e responsabilidades entre os dois Augustos. Ao mais novo fica o encargo da defesa das fronteiras do Reno e do Danúbio, devendo marcar-se o início da sua actividade no seu primeiro ano de reinado. Também Valeriano, que toma sob si a defesa do Oriente, actúa nessa missão desde o seu primeiro ano de governo.

A pressão exercida pelos bárbaros é geral e as diversas fronteiras encontram-se igualmente em risco de eminente invasão. Ao lado da

actividade militar defensiva lança Galieno mão de outro recurso de oportunidade que se lhe oferece: a negociação diplomática. Procurando antes de mais ganhar tempo estabelecem-se acordos com chefes bárbaros, ao mesmo tempo que ao serviço da defesa do Império se aproveitam ou fomentam as rivalidades entre esses potentados.

Apesar de toda essa actividade não podem evitar-se novas incursões e subtrações de território. Na fronteira renana, por 260, francos e alamanos ocupam respectivamente o território dos actuais Países Baixos e uma parte dos Campos Decumatas e a Récia. Já antes, por 258/259, os alamanos haviam cruzado o território da actual Suíça, levado as suas hordas até à Itália, donde foram repelidos. Relativamente à fronteira danubiana, a situação parece nunca ter sido demasiado grave até à sublevação de Ingénio.

No Oriente as maiores dificuldades para Valeriano derivam da actividade do rei persa Sapor e a ela teve o Imperador de, desde o início, consagrar a sua melhor atenção. A terceira campanha do soberano oriental veio a ser absolutamente desastrosa para o Imperador e também para o Império: em circunstâncias ainda algo obscuras, que parece não excluïrem a traição, Valeriano, não obstante o seu exército de 70 000 homens, é derrotado e feito prisioneiro. Esta captura, cuja data não está ainda hoje estabelecida de maneira indiscutível, o ano de 260 parecendo ser o que melhor se ajusta à totalidade das fontes disponíveis, apresenta, segundo A. Balil, o problema cronológico provavelmente mais notável e discutido de toda a história do século m. É a base de uma série de usurpações nas duas partes do Império e do período chamado dos *Triginta Tyranni*, a origem do enfraquecimento do *limes* ocidental e o começo das grandes incursões germânicas (214).

O mal das usurpações não é absolutamente novo, mas antes de 260 as personalidades que emergem desse mar continuamente agitado que é a vida do Império são figuras demasiado modestas e o seu campo de soberania muito restrito. Sucedem-se agora os usurpadores que chegam a dominar em apreciáveis extensões do Império e a lograr mesmo alguma espécie de reconhecimento. Surgem Ingénio e Regaliano. Ao mesmo

(214) Cf. Alberto Balil, «Las invasiones germánicas en Hispania durante la segunda mitad del siglo III d. de J. C.», *Cuadernos de Trabajos de la Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma*, TX-Sección primera, Roma, 1957, p. 111. Passaremos a citar A. Balil /.

tempo que o primeiro surge a rebelião de Postumo e também a de Macriano.

A data do início da usurpação de Postumo será anterior a 10 de Dezembro de 260, segundo Patti ou, segundo outros, entre 10 de Dezembro de 260 e 28 de Janeiro de 261 (215). O resultado mais imediato desta sublevação foi o cerco de Colónia e, com a rendição desta cidade, possivelmente na segunda metade de 261, a morte de Salonino, que Galieno associara como César desde fins de 257. A rebelião, apesar de Galieno não ter aceitado passivamente o desenrolar dos acontecimentos, vem a resultar eficiente e o *Imperium Galliarum*, que virá a contar por alguns anos a Hispânia e a Britânia, sobreviverá até Aureliano. Pesados desastres lhe estavam, contudo, reservados: a Gália vai ser assolada pela invasão e com ela também a Hispânia.

Segundo Balil, alamanos e francos transpõem o *limes* nas imediações de Colónia, depois de 260. Um dos contingentes invasores dirige-se sobre Avenches e Lião e nesta última cidade fracciona-se em dois grupos. Um deles saqueia o norte e centro da França, enquanto o outro pela estrada do Ródano atinge Aries e a Narbonense e daqui passa à Hispânia (216).

Ainda que contestada, uma segunda irrupção dos germanos aquém Pirinéus tem sido relacionada com a «grande invasão» da Gália da segunda metade de 276, segundo alguns autores originada pelo desguarnecimento da fronteira do Reno operado por Floriano, proclamado por Junho/Julho de 276, logo no início do seu breve reinado de três meses, para empenhar tais forças na sua luta contra Probo. Os desastres provocados pelos invasores foram de proporções catastróficas, superando todos os anteriores da história do país. Não são alguns bandos que passam o rio para logo regressar com o despojo dum curta incursão. Trata-se de «miríades de homens decididos a ir até ao fundo das terras» que passam o Loire, vão a Poitiers, a Bordéus, até aos Alpes, atingem os Pirinéus, deixando atrás de si extensíssimo cortejo de destruições que confirmam a profunda impressão registada nas fontes literárias.

A cronologia final da invasão é-nos dada pelas campanhas de Probo

(215) *Ibid.*, p. 120.

(216) *Ibid.*, p. 123.

para reparar o desesperado estado da província, exactamente a tarefa mais imediata que o novo soberano se propôs após a sua vitória sobre Floriano. Graças à sua enérgica e feliz intervenção, que absorve todos os meses úteis de 277 contra os alamanos e parte do ano seguinte contra os francos, a fronteira é cerrada e a defesa reorganizada, os bárbaros vadiando em território gaulês aprisionados ou exterminados e, como consequência do estado de segurança, a vida pôde renascer, a tal ponto que «Probus pareceu à Gália um Deus descido à terra para a salvar» (217).

É agora oportuno ocuparmo-nos do objecto preciso deste capítulo.

Não são muitas nem suficientemente extensas ou precisas as fontes textuais que podem subsidiar o estudo das invasões germânicas na Hispânia na segunda metade do século m. d. J.C..

As fontes clássicas que no primeiro trabalho monográfico (218) consagrado ao tema foram citadas são as seguintes :

a) Eutrópio IX, 8: «...*Germani usque ad Hispanias penetraverunt et civitatem nobilem Tarraconam expugnaverunt*».

b) Orosio, *Hist.* VII, 22, 7-8: «*Germani ultiores abrassa potuerunt Hispania*».

c) *Chron. Hier.* «...*Germanis Hispanias obtinentibus Tarraco expugnata est*».

d) *De Caesaribus* XXXIII, 3 «... *cum ...Francorum gentes, direpta Gallia Hispaniam possiderent, vastato ac paene direpto Tarracensium oppido, nactisque in tempore navigiis, pars in usque Africam permearet*».

Complementarmente, vieram nos trabalhos posteriores a ser assinaladas outras fontes: uma outra passagem de Orósio (VII, 22, 7-8) refere ainda como a destruição de Tarragona era ainda visível no seu tempo (219); Avieno {*Ora Marit.* 270-272) ocupa-se da destruição e

(217) Cf. para esta invasão Camille Jullian, *Histoire de la Gaule*, vol. IV, Paris, 1924, pp. 598-602 e para, a sua cronologia Alberto Balil, «Hispania en los años 260 a 300 d. d. J. C.», *Emerita*, vol. XXVII, fas. 2, Madrid, 1959, pp. 278-279 (passaremos a citar A. Balil II).

(218) Blas Taracena, «Las invasiones germánicas en España durante la segunda mitad del siglo III de J. C.», *Actas del Primer Congreso Internacional de Pireneístas*, Zaragoza, 1950.

(219) Cit. por A. Balil I, *cit.*, p. 124, n. 64.

decadência de Cádiz (220); Ausónio (*Epist. XXV*, 58-59) falará da destruição de Lérida (221); as actas do martirio dos santos Frutuoso, Augúrio e Eulogio não contendo qualquer alusão referível à destruição da Tarragona funcionariam como *terminus post quem* para a cronologia desta destruição (222).

Como se verifica, não nos habilitam estas fontes a grandes ilações. Explícitamente apenas se nos dá Tarragona como vítima de invasão e apenas o *De Caesaribus* nos acrescenta a passagem dos bárbaros às terras africanas. Tudo ou quase tudo fica por precisar: a cronologia dos acontecimentos, as rotas de invasão, a extensão das suas consequências.

Dada esta escassez, laconismo e imprecisão das fontes literárias, não admira que estas invasões tenham regularmente passado despercebidas ou não merecido mais que fugacíssimas referências, mesmo das grandes obras históricas que se têm ocupado do Império ou deste período. A própria *Historia de España* dirigida por Menéndez Pidal apenas no prólogo (vol. II), quer na primeira edição, (Madrid 1935) quer na segunda (Madrid, 1955), lhes faz ligeira referência. Tais obras históricas, não tendo outro recurso que o das pobres fontes já apontadas, não poderiam efectivamente dispensar grande atenção a acontecimentos literariamente tão deficientemente abonados.

Outras fontes incomparavelmente mais ricas de conteúdo e precisão têm vindo, entretanto, aqui, como em muitos outros campos, a proporcionar uma algo surpreendente revelação: acontecimentos que se julgaria pouco mais que circunscritos a uma cidade têm visto o seu âmbito geográfico progressivamente bem documentado numa apreciável extensão, interessando pelo menos todo o Levante e possivelmente a Bética. Com a moderna investigação arqueológica sucessivos novos elementos têm sido revelados e associados numa conexão que resulta expressiva. Puderam assim surgir estudos monográficos que nos dão

(220) *Ibid.*

(221) *Aut quae deiectis iuga per scruposa ruinis/arida torrentem Sicorem despectat Ilerda?* Cit. por M. Tarradell, «Sobre las invasiones germánicas del siglo III d. J.C. en la Península Ibérica», *Estudios Clasicos*, vol. III, n.º 15, Madrid, 1955, p. 102.

(222) Cit. por M. Tarradell, *art. cit.*, p. 107.

já, pelo menos, esses movimentos invasores nas suas linhas gerais e, num ou noutro ponto, mesmo dados precisos.

São seus autores investigadores da nação vizinha. Porque os dados portugueses que se situam no período cronológico dentro do qual se tem discutido o tema das invasões devem ser valorizados à luz das fontes do território espanhol e, naturalmente, este nosso ensaio se encontra alicerçado nesses estudos, damos notícia de tais trabalhos, apenas com o pormenor conveniente ao propósito de integrar os dados para o nosso território no conjunto dos elementos já revelados para Espanha.

Pertence a Blas Taracena (223) o primeiro destes estudos. Depois de citar as já referidas fontes textuais, salienta o Autor que na ausência de tesouros monetários a cronologia dos acontecimentos e particularmente a tomada de Tarragona se não podem precisar. Contudo, frente à disparidade de datas apontadas para a tomada desta cidade, crê mais aceitável a proposta por Leon Homo, 258/259 (224).

Uma novidade traz Blas Taracena: ter-se-ia verificado uma outra penetração germânica aquém Pirinéus além da referida nas fontes conhecidas. Apesar do absoluto mutismo de tais fontes em relação ao território peninsular, em oposição à sua eloquência ao narrar os tão infelizmente notáveis acontecimentos da Gália, mutismo que levaria a supor não terem os invasores trazido até nós as suas devastações, julga Taracena poder documentar-se a penetração dos protagonistas da «grande invasão» de 276.

Os elementos sobre os quais alicerça a sua ilação são as destruições e os dois tesouros que encontrou nas suas escavações da *villa* de Liédena (junto a Sangüesa) (225) e no palácio de Clunia (Peñalba de Castro),

(223) *Art. cit.*

(224) Foi exactamente a propósito do problema cronológico da tomada de Tarragona que surgiu o segundo estudo dedicado ao tema das invasões: José Sánchez Real, «La invasión germánica del 259», *Boletín Arqueológico* (pub. de Real Sociedad Arqueológica Tarraconense), año LI, Tarragona, 1951. Para seu esclarecimento julgou o Autor oportuno destacar a importância do tesouro de Altafulla (Tarragona), publicado no mesmo ano da comunicação de Taracena. A invasão teria ocorrido de 258 a 260 e mais provavelmente no ano de 259. O Autor segue, contudo, uma cronologia já superada para início da usurpação de Póstumo. V. A. Balil *I, cit.*, p. 116 ss., a problemática desta cronologia e respectiva bibliografia. V. ainda a p. 126, n. 68, a correcta cronologia do tesouro.

(225) Moedas de Otacilia Severa (244/249) a Quintilius (270).

Burgos) (226). Estes dois tesouros, f acilmente conectáveis com os do mapa 3 de Koethe (227) que, cobrindo o dec enio 270/280, mostra que tais achados abundam na zona ocidental e sudoeste da Gália, assinalando passagem até Roncesvalles, documentariam a penetra o desta grande massa de invasores em Espanha, exactamente por aquela passagem. Nestas condi oes, os bárbaros, franqueada a passagem ocidental dos Pirinéus em 276, teriam prosseguido nas suas devastadoras deambula oes por alguns anos pelo norte da Espanha, até serem lentamente aniquilados.

Como se verifica,   reduzida e circunscrita   região navarra a documenta o arqueológica reunida por Taracena. M. Tarradell (228) traz uma documenta o já bem mais abundante e de âmbito geográfico muitíssimo mais vasto.

Na costa mediterrânica, a zona de maior densidade de achados, o testemunho mais setentrional   o da destrui o de Ampurias ou de grandes zonas da cidade, pelo menos, o que concorda com os dados conhecidos para o sul da Gália e apresenta continuidade para sul: Baetulo (Badalona) sofre no século m grave destrui o de que não conseguiu refazer-se; Barcelona deve ter sido t mbe m fortemente afectada; entre Barcelona e Tarragona há indícios na *villa* de Calafell, talvez destruída nesta época, e em Altafulla; Ilerda, perto da costa,   possível tenha sido t mbe m devastada pelos francos; em Sagunto, bem já ao sul de Tarragona, há sinais de destrui o nesta época; Tosai de Manises, nas proximidades de Alicante, parece não ter ficado isenta destes desastres.

Da zona meridional da Península são escassos os dados que se apontam: o achado de moedas de Gallienus no Cerro de Judas (Llanos del Ciego, Cazorla) testemunhar , pelo menos, intranquilidade das popula oes; a destrui o importante verificada em Baelo (Bolonias), na costa do Estreito de Gibraltar, parece dever atribuir-se aos germanos. Por

(226) Moedas de Gallienus (253/268) e Carinus (283/285). Veremos adiante que este tesouro não pode ligar-se às invasões.

(227) Harald Koethe, «Zur Geschichte Galliens im dritten Viertel des 3. lahrhunderts», 32 *Bericht der r misch-germanischen /Commission*, 1942 (1950), pp. 199-224. O art. termina por tr s mapas que registam para os dec enios 250/260, 260/270 e 270/280 os achados de tesouros verificados na Gália.

(228) *Art. cit.*

investigações do próprio Autor puderam assinalar-se graves destruições em várias cidades do norte de Marrocos, o que comprovará a passagem do *De Caesaribus*, ainda que parte destas destruições possam ter origem em acontecimentos doutra natureza, dadas as notícias de contemporâneas revoltas dos indígenas contra os colonos romanos.

Relativamente à zona de achados que levara Taracena a admitir a segunda invasão, a de 276, acrescenta-se uma outra fonte ainda não relacionada com estes sucessos: um tesouro encontrado nos arredores de Sangüesa, com moedas de Gordianus Pius a Postumus.

Admitindo que possam também ligar-se às invasões, cita ainda Tarradell os dois tesouros portugueses então conhecidos, os da freguesia de Vilarinho (Santo Tirso) e da margem do Vascão (Almodôvar), de que adiante nos ocuparemos.

Depois da sistematização de todos estes dados, o estudo de Tarradell faz breve referência às cidades que vieram a levantar muralhas como consequência do estado de intranquilidade provocado pelos bárbaros — muralhas desta época são, pelo menos, as de Barcelona, Zaragoza, Lugo e Coria — e dedica algumas considerações ao problema da cronologia das invasões. Quanto à invasão ligada a Tarragona conclui não ser possível chegar por enquanto a conclusões precisas (229). Já relativamente à cronologia dos acontecimentos na zona navarra a sua opinião é decidida: os achados de Clunia, Liédena e arredores de Sangüesa constituem um testemunho dificilmente recusável de uma entrada pelos Pirinéus ocidentais, correspondendo com vários tesouros ocultos entre 270 e 280 no sudoeste da Gália (230).

Novos dados arqueológicos e novas conclusões em face dos problemas do número e cronologia das invasões traz A. Balil no seu já várias vezes citado estudo de 1956(231).

(229) O já referido tesouro de Altafulla não admite o significado cronológico que o Autor lhe pretende atribuir. Cf. A. Balil *I, cit.*, p. 126, n. 68.

(230) M. Tarradell é ainda autor de dois outros estudos publicados in *IV Congreso Arqueológico Nacional. Burgos 1955* (publ. 1957) e *Actas del I Congreso Español de Estudios Clásicos, Madrid, 1956* (publ. 1958). Segundo A. Balil *II, cit.*, p. 270, n. 1, onde colhemos notícia destes estudos, não trazem novidades quanto à posição do Autor tal como foi exposta no seu primeiro trabalho.

(231) Este estudo (A. Balil *I, cit.*) constitui, sem dúvida, o mais notável dos trabalhos dedicados às invasões. Concebido dentro de um programa de proporções muito mais latas e rigorosas que os anteriores, intentando a integração das inva-

A maioria dos elementos coligidos diz respeito, tal como no estudo precedente, à costa mediterrânica. Além de tesouros de Castellón de la Plana, Tarragona e Serrania de Ronda, são dados proporcionados por exames estratigráficos, reutilização de materiais diversos e inscrições, indícios de incêndio e destruição, abandono e adaptação de edifícios a novas funções, obras de defesa, redução de zonas urbanas, interrupção de achados monetários, transferência de povoações para lugares mais defensáveis. Estes elementos, alguns dos quais já apresentados por Tarradell, são relativos aos seguintes lugares: Ampurias, Gerona, Tossa de Mar, «Can Sans» em San Andrés de Llavaneras (Barcelona), Mataró (Iluro), Badalona, Sabadell (Barcelona), San Cugat del Vallés (Barcelona), Barcelona, estações a sul de Barcelona (Sitges, Villanueva, Geltrú e Calafell), «Eis Munts» em Altafulla (Tarragona), Tarragona, Sagunto, Denia, Cullera, Alicante, Itálica, Málaga, Bolonia.

Interessando já outras zonas geográficas citam-se novos achados monetários: do sul de Espanha — tesouros de Valverde del Camino (Huelva), Peal de Becerro (Jaén), Linares (Jaén) e Sevilla, estes dois últimos contudo de cronologia posterior à das invasões; da região de Palencia — tesouro de Valsadormín; do noroeste peninsular — dois tesouros de Bares (Lugo) e um da Galiza (232); de Portugal — tesouros de Serra e das Fragas do Piago (233).

Tratando do problema da cronologia das invasões, a do reinado de Galieno é dada agora como cronologicamente precisável: mercê dos tesouros de Altafulla e Castellón de la Plana tem de situar-se num momento que é mais provável localizar por 262 que por 260 ou 261 (234). Penetrados pelos Pirinéus orientais e seguindo as grandes vias, os bárbaros atingem Tarragona (235) e o Levante, afectam a Bética em propor-

sões da Hispânia dentro do quadro histórico do Império no século m, e apoiado numa abundantíssima documentação bibliográfica traz substanciais correcções, particularmente quanto à cronologia dos acontecimentos.

(232) Este tesouro, citado na última nota do trabalho, não é explicitamente identificado no estudo de 1959. Talvez se trate do tesouro de Algara (Ayunt. de Castro, Coruña) citado neste último estudo (A. Balil II, *cit.*, p. 270, n. 2).

(233) Cf. para a identificação deste tesouro A. Balil II, *cit.*, p. 282, n. 1.

(234) In A. Balil II, *cit.*, p. 271, confirma-se esta cronologia: um outro tesouro da zona de Tarragona parece abonar a data de 262 ou mesmo mais tarde.

(235) J. Sánchez Real é autor de um segundo estudo — *Las invasiones germánicas* (publ. por Instituto de Estudios Tarraconenses Ramón Berenguer IV), Tarra-

ções ainda não precisáveis e passam à África. A extensão desta incursão até à zona ocidental dos Pirinéus é duvidosa pois os elementos disponíveis não possibilitam resposta segura.

Quanto à segunda invasão, admitida por Taracena e Tarradell, apresentam-se graves reservas. Os elementos valorizáveis levá-la-iam a colocar pelos primeiros anos de Probo mas tal cronologia pode suscitar a interrogação se realmente existiu tal invasão ou se aqueles elementos devem antes relacionar-se com a campanha de Probo contra os usurpadores hispânicos (236).

gona, 1957 — ainda dedicado exclusivamente a Tarragona e suscitado pelo estudo de A. Balil I, *cit.* Não obstante, contudo, a atribuição de certos materiais a invasões de ulterior cronologia (275 a 360), continua a admitir-se uma invasão por 259/262 que, segundo o Autor, não provocou destruições no interior da cidade. Submete-se assim também a crítica o depoimento das fontes textuais que dão Tarragona como vítima de destruição. Segundo o Autor, as devastações que Orósio observou não podem ser originadas pela invasão *sub imperatore Galieno*. Tais ruínas são fruto duma destruição, mas operada pela invasão ocorrida por 360. V. crítica a esta argumentação in A. Balil II, *cit.*, p. 270, n. 2.

(236) In A. Balil II, *cit.*, p. 278 ss., discute-se em pormenor a improbabilidade desta invasão. A propósito dos tesouros portugueses voltaremos à frente a esta questão.

OS TESOUROS MONETÁRIOS PORTUGUESES
DO PERÍODO 260-282 D. DE J.C.

Com o capítulo precedente não se pretendeu mais, como se observou, que precisar exactamente os elementos em conexão com os quais os que no presente capítulo se reúnem devem ser valorizados. Vejamos, pois, quais os nossos elementos que caem dentro da cronologia dos acontecimentos documentados para o território espanhol.

Trata-se do grupo de sete tesouros (237) que a seguir registamos e cuja composição em quadro de conjunto se resume, dando ainda em esboço do país a sua localização (238).

I

FRAGAS DO PIAGO, FREG. DE SALTO, CONC. DE MONTALEGRE

Em 11 de Fevereiro de 1954 ocupavam-se alguns trabalhadores na pesquisa de volfrâmio em regime de sociedade no penhascoso morro conhecido por Fragas do Piago, da freg. de Salto, nas proximidades das minas da Borralha, quando pelo trabalhador Mário Gonçalves Ferreira foram encontradas algumas moedas, no interior de uma espécie de pequena gruta formada por penedos. Depois de terminada a tarefa diária e agora com a colaboração dos outros associados, foi o local escavado. Recolheram-se intactas duas vasilhas de barro grosseiro contendo idênticos numismas e encontraram-se os fragmentos de uma

(237) É crível outros achados de idêntica ou próxima cronologia destes sete se tenham encontrado no país. O tesouro da freg. de Valhascos (v. *infra* p. 78) era formado por antoninianos do século m e em estudo de 1955 pôde Mário Ramires afirmar haver em circulação no nosso meio numismático uma certa quantidade de antoninianos do mesmo período do tesouro das Fragas do Piago, com certeza originários doutros achados não referenciados (cf. «O tesouro de antoninianos das Fragas do Piago», *ob. cit.*, p. 87).

(238) Omite-se neste esboço o tesouro de Serra pela falta de qualquer outra indicação que permita a identificação do lugar.

terceira, naturalmente aquela que recolhera os primeiros encontrados, ao remover-se a terra.

Transportadas as vasilhas e as moedas para casa do proprietário do terreno, o Sr. Domingos José Martins, de Paredes, levou este o achado até ao conhecimento das autoridades e da imprensa. Com a intervenção da G.N.R., alguns dias depois, procedeu-se ao arrolamento das 2 820 unidades conservadas por este proprietário, o que, aliado à sua compreensão, permitiu ao numismata Mário Ramires a feliz oportunidade do seu estudo e publicação (239).

A totalidade das moedas do depósito, todas antoninianos, era contudo superior à quantidade arrolada. Algumas, poucas, teriam sido já destacadas do lote, outras ficariam dispersas na terra e foram depois recolhidas por rebuscadores. Esta circunstância explicará a proveniência de mais dois pequenos grupos, um de quatro outro de dezassete unidades, que o A. pôde também examinar e não deve ainda ser estranha à existência de outras que pudemos localizar. Queremos referir-nos a um total de 36 (240) cujo exame nos foi em fins de 1958 amavelmente facultado pelos seus proprietários e ainda às que em Agosto de 1960 vimos expostos no Museu de Pio XII, no Seminário de S. Tiago, em Braga (241).

De notar que no conjunto daqueles 36 antoninianos figura um imperador não registado na classificação de M. R. (242). Esta constatação tem o interesse de fazer recuar até 246 a data de cunhagem do exemplar mais antigo do depósito ou, pelo menos, do «grosso» classificado.

No quadro a seguir registamos a distribuição das 2 820 unidades

(239) Mário Ramires, «O tesouro de antoninianos das Fragas do Piago», *Nummus*, vol. m-2, n.º 9, Porto, 1955, pp. 75-93.

(240) Sete pertencentes ao Sr. Dr. Manuel Braga da Cruz e 29 ao Sr. Dr. Albino Ferreira, ambos de Braga.

(241) Informou-nos da sua origem o Reitor do Seminário e organizador do museu, Reverendo Dr. Luciano dos Santos. Voltámos a visitar este museu em Setembro do ano corrente e tomámos então nota dos 68 exemplares expostos: 1 de Valerianus I, 35 de Gallienus, 6 de Salonina, 1 de Quietus, 22 de Claudius II (3 de consagração), 3 de Quintilius.

(242) Pelo seu argênteo aspecto este antoniniano contrasta nitidamente com todos os outros que pudemos observar e, pelas indicações de M. R., distinguir-se-ia dentro do conjunto, não surpreendendo, por isso, que tenha sido destacado.

arroladas, bem cómodas 17 posteriormente classificadas (243) e das 36 que examinámos, perfazendo o total de 2 873 (244).

	Lugdunum	Colonia	Mediolanum	Roma	Siscia	Viminatium	Cyzicus	Antiochia	Asia	Lugar duvidoso (245)	Inclassifcáv.	TOTAL
Philippus				1								1
Trebonianus G.				1				1				2
Volusianus			1	1								2
Emilianus				1								1
Valerianus I				29		2		3		3		37
Mariniana				2								2
Gallienus			148	1 252	146				6	22	15	1 589
Salonina	1		28	144	3				3			179
Salonino	1		2	7				1				11
Macrianus II								2				2
Postumus	2	1										3
Victorinus		2								1		3
Claudius II			130	762	17		2	1		6	24	942
Quintillus			1	51	3					1	1	57
Aurelianus			8	8	1		3					20
Severina										2		2
Tacitus							1					1
Inatribufveis											19	19
TOTAL	4	3	318	2 259	170	2	6	8	9	35	59	2 873

(243) O A. não dá classificação do outro lote de 4.

(244) V. classificação *infra* pp. 127-139.

(245) Reunimos sob esta designação as unidades classificadas por M. Ramires sem indicação de lugar de emissão e as que se tornam para nós de atribuição duvidosa, pela circunstância de não dispormos de outro elemento bibliográfico que o vol. V de *R.I.C.* e devido às faltas que este volume apresenta.

II

BORBA (OU SUA REGIÃO)

Não foi possível, pelo menos até ao presente, averiguar suficientemente as circunstâncias do encontro do tesouro, pelo que fica por precisar o local e a data do achado e ainda imprecisável o número exacto de numismas. Ter-se-á verificado em 1956 ou 1957 na própria vila de Borba ou, com mais probabilidade, na região vizinha e o total terá sido cerca de seis centenas, parte do qual veio a ser posto à venda no estabelecimento do antiquário Artur Manuel Costa Jorge Paixão, em Borba

Mercê de uma informação do Sr. Tenente-Coronel João Lopes

F. Guedes tivemos conhecimento do achado e pusemo-nos em contacto com o Sr. Paixão, a quem em Março de 1959 fizemos a aquisição de 68 unidades. Neste mesmo mês as restantes 200 conservadas por este antiquário foram adquiridas pelo Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, feliz aquisição que nos veio a proporcionar a oportunidade do seu exame, por nos terem sido postas à disposição.

Pudemos assim examinar 268 numismas, ignorando o destino das restantes (246). Tudo quanto sabemos é terem sido vendidos exemplares da mesma proveniência a diversos compradores. Que tais antoninianos, no conjunto bastante semelhantes pelo estado de conservação, pertencerão todos a um mesmo depósito afigura-se-nos fora de dúvida. Efectivamente, e além da homogeneidade cronológica da sua distribuição, as moedas apresentavam-se com muito idêntico aspecto superficial pela película que mostravam aderente, certamente derivada do contacto directo com a terra.

Ficaram por atribuir 4 unidades, muitíssimo cerceadas pelo que não apresentam elementos suficientes para permitir uma identificação com a necessária segurança. No quadro seguinte resumimos a classificação que noutra lugar apresentamos (247).

(246) Agradece-se a colaboração de quem puder completar a nossa informação, nomeadamente quanto à totalidade encontrada e à identificação doutros exemplares.

(247) V. *infra* pp. 157-165.

	Gallienus (rein. exclus.)	Salonina (rein. exclus.)	Claudius II	Quintillus	Tetricus I	Aurelianus	Inclassificáv.	TOTAL
Mediolanum	1		2					3
Roma	114	11	93	7		2		227
Siscia	2		2	1				5
Lugar duvidoso (248)	16		5		3			24
Inatribuív.	3		2				4	9
TOTAL	136	11	104	8	3	2	4	268

III

**PROPRIEDADE DA RIBEIRA, FREG. DE ALDEIA DAS DEZ,
CONC. DE OLIVEIRA DO HOSPITAL**

Num terreno, ao tempo propriedade do Sr. Francisco do Amaral, na chamada propriedade da Ribeira, em Aldeia das Dez, ai por 1910, numa espécie de gruta junto das ruínas de urna casa abandonada e ao preparar-se o terreno para plantar videiras, um trabalhador atingiu com a picareta uma lousa que cobria uma panela de barro. Aos jornaleiros depararam-se então 12 a 15 quilos de pequenas moedas, todas de cobre e semelhantes no aspecto.

O pouco valor atribuído aos numismas facilitou o vulgar destino dos achados desta natureza: a sua breve dispersão pelas mãos de múltiplos detentores. Em casa do proprietário do terreno algumas se conservaram esquecidas, contudo, durante largos anos. Esta feliz circunstância permitiu que em 1940 o nosso informador guardasse 257 unidades do conjunto encontrado naquele terreno de seu pai (249)

(248) V. *supra* n. 245 a justificação desta designação para as moedas que classificámos.

(249) Informação do Sr. Dr. Antero do Amaral em 2 de Outubro de 1958.

e, graças à inextinguível colaboração que nos dispensou, o nosso exame deste lote (250).

Todos os exemplares são antoninianos. O seu estado de conservação garante razoável legibilidade.

Julgamos pertencer a este depósito monetário um grupo de 13 outros antoninianos que igualmente tivemos oportunidade de classificar e fotografar (251). É a seguinte a distribuição da totalidade examinada (252).

	Volusianus	Valerianus I	Gallienus (rein. conjunto)	Salonina (rein. conjunto)	Gallienus (rein. exclusivo)	Salonina (rein. exclusivo)	Salonina (reinado?)	Valerianus II	Claudius II	TOTAL
Mediolanum		1			15	1				17
Roma	1	5	5	8	138	21		2	56	236
Siscia			1		1					1
Asia										1
Lugar duvidoso (253)					11					11
Inatribuíveis					3		1			4
TOTAL	1	6	6	8	168	22	1	2	56	270

(250) São hoje propriedade do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra 35 das unidades, por gentilíssima oferta do Sr. Dr. Antero do Amaral.

(251) São propriedade do Reverendo José da Costa Melo, Pároco de Penalva de Alva, freguesia também do concelho de Oliveira do Hospital, que amavelmente nos proporcionou todas as facilidades para o seu estudo. Semelhantes pelo aspecto aos outros examinados, provieram, indubitavelmente, de um tesouro encontrado na região e foram adquiridos em Aldeia das Dez. Embora não seja possível obter absoluta precisão quanto à data e local do achado, tudo leva a supor que estamos em face de outra fracção do depósito da Propriedade da Ribeira, tanto mais que por informação doutra origem sabemos que as moedas se terão espalhado pela zona geográfica vizinha do local do achado.

(252) V. classificação *infra* pp. 140-147.

(253) V. *supra* n. 245 a justificação desta designação para as moedas que classificámos.

IV

MARGEM DO VASCÃO (PROXIMIDADES), CONC. DE ALMODOVAR

«No concelho de Almodovar, próximo da ribeira de Vascão, uma cavalgada, dando uma patada no chão, pôs a descoberto um vaso de barro que continha centenas de moedas romanas. O vaso foi desprezado pelo dono da cavalgada... e as moedas foram vendidas ou dadas a curiosos. Nas mãos de alguns vi exemplares de moedas de Galieno, Cláudio II, Severina, Quintilo e Aureliano. Todas elas de prata baixa» (254).

V

SERRA DO CONDÃO, FREG. DE POMARES, CONC. DE ARGANIL

Na serra do Condão «encontrou-se, numa rocha de lousa, uma pedra em quadro, que, betumada, fechava um caixão cavado na mesma rocha. A água, fazendo aparecer a rocha, amoleceu o cimento, que herméticamente calafetava a tampa, e esta, tirada por um pastorinho... mostrou dentro um pequeno tesouro, contendo muitas moedas romanas, que o pastorinho ao recolher levou a seu amo... De Postumus foi a moeda mais moderna que vimos» (255).

(254) J. L. de V., «Antigualhas-3. Tesouros de moedas romanas», *O Arch. Port.*, vol. XIII, Lisboa, 1908, p. 352. Em resposta ao nosso questionário obtivemos, por carta de 11 de Fevereiro de 1959, do Sr. Arquitecto Gonçalo Lister Franco notícia de um achado do qual pôde ver 7 bronzes quinários, de Galieno e Cláudio II, dois dos quais, do primeiro destes imperadores, possui. O número de numismas aparecido foi relativamente grande, cerca de 5 000, e quanto ao local julga o nosso informador ter sido na zona do Ameixial, lugar que não pode precisar com absoluta segurança, devendo tratar-se da freguesia deste nome do concelho de Loulé. Nada de mais preciso se pôde acrescentar, sendo impossível determinar a data em que terá ocorrido. Dada a localização de Ameixial, exactamente debruçada sobre a ribeira de Vascão e confinando com o limite do concelho de Almodovar, somos levados a admitir que a informação que recolhemos poderá, efectivamente, dizer respeito à casual descoberta que acabamos de transcrever.

(255) Devemos ao Sr. António Lopes de Moraes a indicação da publicação onde colhemos a notícia deste tesouro: A. M. Seabra de Albuquerque, «Numismática», *A Voz do Mondego*, n.º 10, de 13 de Outubro de 1870, e n.º 11, de 22 de Outubro de 1870, pp. 68-69. Reunimos no quadro a seguir as indicações do A. sobre 14 das

LAJE, FREG. DE VILARINHO, CONC. DE SANTO TIRSO

«Numa bouça (256) pertencente ao Sr. Dr. Rebelo Barbosa, de Santo Tirso, procedendo-se a escavações, foi encontrado um grande vaso de barro dentro do qual estava um outro da mesma matéria cheio de moedas antigas, literalmente cobertas de verdete e formando por assim dizer uma massa compacta, de forma que impossível se tornava separá-las umas das outras e tirá-las pela boca da vasilha. Partiu-se esta, e as moedas, aderentes umas às outras, apresentavam o feitio da vasilha destruída. Depois de alguns esforços, conseguiu-se fragmentar o bloco das moedas e destacar algumas, reconhecendo-se que eram

peças do depósito. Webb (*R.I.C.* V-2, pp. 572-573) não atribui qualquer espécime a Macrianus I nem regista o nome da legenda. *

		Anverso	Reverso	Metal
1	Philippus II	M IVL PHILIPPVS CAES.	IOVI CONSERVAT.	prata
2	Otacilia	MARCIA OTACIL SEVERA AVG.	PVDICITIA AVG.	boa prata
3	Gallienus	IMP C P LIC GALLIENVS P F AVG.	ORIENS AVG.	prata
4		GALLIENVS AVG.	AETERNITAS AVG.	*
5		IMP C ...IENVS AVG.	Loba aleita Rom. e Remus	*
6		IMP C LIC GALLIENVS AVG.	FORT... ED...	*
7		GALLIENVS P F AVG.	GERMANICVS MAX V.	prata
8		GALLIENVS AVG.	Lábaro entre 2 cativos.	*
9	Salonina	CORN SALONINA AVG.	CONCORDIARVM AVG.	prata
10		SALONINA AVG.	PVDICITIAE.	cobre
11	Macrianus I	MARC TVL MACRIANVS P AVG.	IOVI CONSERVATORI.	prata
12	Macrianus II	IMP C FVL MACRIANVS P F AVG.	ROMAE AETERNAE.	prata
13	Quietus	IMP C FVL QUIETVS P F AVG.	ROMAE AETERNAE.	prata
14	Postumus	IMP C POSTVMVS P F AVG.	VICTORIAE AVG.	

* Uma destas moedas é de ouro.

(256) Nota do texto: «Chamada Laje, freguesia de Vilarinho, concelho de Santo Tirso».

romanas, de cobre. As moedas são em grande quantidade, calculando-se em cerca de 5 000. Procedendo-se à limpeza de algumas (umas 130), notou-se que são do tempo dos imperadores romanos Galieno e Probo, sendo muitas de bilhão e achando-se em perfeito estado de conservação». «(*O Popular*, de 22 de Agosto de 1900)» (257).

VII

SERRA (?)

«Tesouro composto de bronzes de vários imperadores, dos quais o mais moderno era Galieno» (258).

(257) Pedro A. de Azevedo, «Notícias várias-7. Achado archeologico», *O Arch. Port.*, vol. V, Lisboa, 1900, p. 342.

(258) A. Balil /, *cit.*, p. 142. Ao A., que do tesouro teve conhecimento por uma informação de don José García de Soto, devemos a indicação, por carta de 1 de Junho de 1959, que nenhum outro dado pode acrescentar.

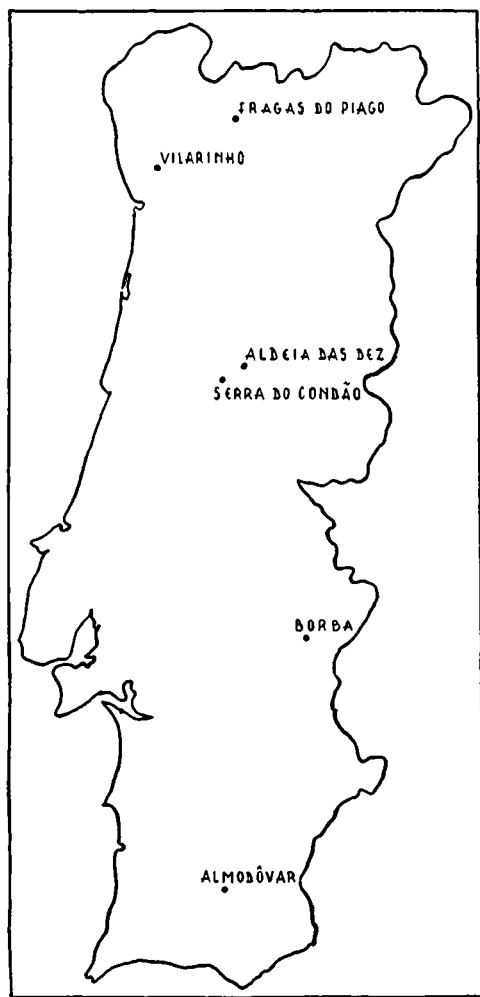
COMPOSIÇÃO DOS TESOUROS PORTUGUESES DO PERÍODO 260-282

Tesouros	Filipe I 244-249 (259)	1	
	Otacília		
	Filipe II 244-249		
	Treb. Galo 251-253	2	
	Volusiano 252-253	2	1
	Emiliano 253	1	
	Valeriano 253-259	37	6
	Mariniana	2	
	Galieno 253-268	1 589	136 174 ×(260)
	Salonina	179	11 31
	Salonino	11	
	Valeriano II		2
	Macriano II 260-261	2	
	Quieto 260-261		1
	Póstumo 259-268	3	1
	Vitorino 268-270	3	
	Cláudio II 268-270	942	104 56 ×
	Quintilo 270	57	8 ×
	Tétrico I 270-273	3	
	Aureliano 270-275	20	2 ×
Severina	2	×	
Tácito 275-276	1		
Probo 276-282		×	
Inatribuíveis	19	4	
TOTAL	2 873	268 270 14	

(259) A cronologia de cada reinado é a indicada em *R.I.C.*.

(260) x — Número indeterminado de unidades.

(261) Atribuem-se duas unidades a Macrianus II por considerar que haverá erro na atribuição de uma unidade a Macrianus I (v. *supra* n. 255).



Distribuição geográfica dos tesouros portugueses do período 260-282

A julgar pelos dados disponíveis, que circunstâncias poderão explicar este razoável número de tesouros e a sua distribuição geográfica? Que significado poderão assumir em conexão com o que conhecemos para o território do país vizinho? A não se justificarem pelas invasões germânicas, que outros acontecimentos poderão ter provocado o seu ocultamento?

Começemos por analisar a cronologia de cada tesouro e a cronologia relativa dos conjuntos.

A unidade mais moderna do depósito das Fragas do Piago é a de Tacitus classificada em Cohen 2 com o n.º 140 (262). Corresponde em *R.I.C.* ao n.º 207 (V-1, p. 347), de Cyzicus (263), mas o recurso a esta segunda obra não permite atribuir-lhe outra cronologia que a do próprio reinado. Este começou em Novembro/Dezembro de 275 (264) e o de seu irmão e imediato sucessor em Junho/Julho de 276 (265). Segundo Webb, a cunhagem de antoninianos foi abundante (266), mas é de notar a curta duração do reinado. Se se atenta ao lugar do achado, uma zona montanhosa e de difícil acesso, algo deslocada em relação aos grandes centros e vias, tem de presumir-se que, em condições normais, uma moeda proveniente de Cyzicus não deve ter atingido tal lugar senão com certo atraso sobre o momento de emissão. Do terceiro e período final do reinado de Aurelianus apenas no tesouro se registam as duas unidades cunhadas em nome de Severina (267).

Serão de 273 os dois mais modernos numismas do conteúdo

(262) Cf. Mário Ramires, «O tesouro de antoninianos das Fragas do Piago», *ob. cit.*, p. 86. V. extracto da classificação *infra* pp. 127/139.

(263) A descrição do Autor da classificação não apresenta qualquer marca, ao contrário de *R.I.C.* O tipo do reverso é, contudo, exclusivo de Cyzicus. Por outro lado, a moeda é classificada como de 2.ª classe, apresentando, portanto, deficiências que afectam a sua legibilidade.

(264) Segundo *P.I.R.2 II*, p. 251 ss. cit. por A. Balil *II, cit.*, p. 279, n. 2.

(265) Cf. A. Balil *II, cit.*, p. 280.

(266) Cf. *R.I.C.* V-1, p. 320. Parecem-nos, contudo, raras ou de muito pequena densidade as moedas de Tacitus, mesmo em conjuntos de milhares de peças. V. a composição de alguns tesouros: J. Gricourt, G. Fabre et M. Mainjonet, J. Lafaurie, *Trésors monétaires et plaques-boucles de la Gaule romaine: Bavai, Montbouy, Chécy*, Paris, 1958, p. 65 e planche I (depois da p. 122); A Balil *I, cit.*, pp. 127-128 (n. 72), pp. 129-130 (n. 76) e p. 142 (n. 113).

(267) As unidades cunhadas em nome de Aurelianus pertencem 12 ao I período e 8 ao II.

examinado do tesouro de Borba ou da sua região. Os dois exemplares de Aurelianus, ordenados na nossa classificação sob os n.ºs 263 e 264 (268), pertencem ao primeiro dos três períodos em que *R.I.C.* V-1 divide a cunhagem deste imperador. Jean Gricourt localiza os dois primeiros períodos em 270/1 e 272/3, respectivamente. Gabrielle Fabre e Monique Mainjonet situam os mesmos períodos em 270/1 e 271/4(269). Se a proclamação de Aurelianus é algo anterior à morte de Quintilius e o assassinato deste ocorreu provavelmente em Abril/Maio de 270 (270), o primeiro período abrangerá assim os três últimos trimestres de 270 e todo o ano de 271 ou parte deste ano.

Por *R.I.C.* V-2 também não é possível determinar a cronologia de qualquer dos três espécimes de Tetricus I, ordenados sob os n.ºs 260, 261 e 262 (271). É muito provável que correspondam respectivamente aos anos 273, 270/1, 272 (272).

Relativamente ao tesouro de Aldeia das Dez, as unidades mais modernas da fracção examinada são as de Claudius II classificadas sob os n.ºs de ordem 224, 250 e 251 (273), que pertencem à 4.ª emissão de Roma, datada de 269/270 (274) ou, com mais precisão, fins de 269/começo de 270 (275). O ocultamento não pode, portanto, ser anterior a fins de 269.

(268) *V. infra* classificação pp. 164-165.

(269) Cf. J. Gricourt..., *ob. cit.*, pp. 106-107, 158.

(270) Cf. A. Balil II, *cit.*, pp. 276-277.

(271) *V. infra* classificação p. 164.

<272) Cf. J. Gricourt..., *ob. cit.*, pp. 111, 112 e 174. Espécimes descritos como os que classificámos sob os n.ºs de ordem 260, 261 e 262 são assim classificados, respectivamente: 6.ª emissão de Colonia, data 273 (E.-774); 2.ª emissão de Treveri, data 270/1 (E.-783); 7.ª emissão de Treveri, data 273 (E.-789). Em *R.I.C.* a classificação da cunhagem dos Tetrici não é feita por locais de emissão, pelo que se não pode garantir a absoluta correspondência das três unidades aos n.ºs 774, 783 e 789 de E. (= G. Elmer, «Die Münzprägung der gallischen Kaiser in Köln, Trier u. Mailand», *Bonner Jahrbücher*, t. 146, Darmstadt, 1941).

(273) *V. infra* classificação pp. 146-147.

(274) Todas as 56 moedas de Claudius II são de Roma, constituindo 17 tipos diferentes de reverso, assim distribuídos cronologicamente: 3 de 268-1.ª emissão; 10 de 269-2.ª e 3.ª emissões; 3 de 269/270-4.ª emissão. Cf. J. Gricourt..., *ob. cit.*, pp. 32-40, 88-94.

(275) Dado que o começo da 4.ª emissão se deve situar nos fins de 269, atendendo a que no mesmo ano têm lugar as 2.ª e 3.ª emissões, e que o imperador fale-

Tudo quanto acerca do tesouro do concelho de Almodôvar se pode concluir é a impossibilidade do seu ocultamento antes de 274/275. Mas basta atender à maneira como foi obtida a informação acerca da sua composição para reconhecer que poderá ser posterior (276).

Não podemos obter com precisão um *terminus a quo* para o achado de Serra do Condão, com base na deficiente descrição disponível (277). Não dispomos de elementos bibliográficos para poder precisar a cronologia do espécime de Gallienus do reinado exclusivo, ordenado naquela descrição sob o n.º 4, e do de Postumus. A outra unidade cunhada no mesmo período da primeira, a n.º 10, de Salonina, deve ser de 263 ou 264/5 (278).

Da notícia do tesouro da freguesia de Vilarinho, imprecisa como é vulgar nas notícias da imprensa, apenas se pode concluir com absoluta segurança a impossibilidade do esconderijo antes do trimestre final de 276 (279). Pode ter ocorrido de 276 a 282 ou ser mesmo posterior.

Sem qualquer indicação de reversos torna-se precária a nossa informação para o último dos tesouros, o de Serra. Fica possível o seu ocultamento de 253 a 268 ou pouco depois, não se afigurando possa

ceu no inverno pouco depois de iniciado o ano de 270 (cf. A. Balil II, *cit.*, p. 275), pode obter-se para a 4.ª emissão a cronologia de fins de 269, começo de 270.

(276) A cunhagem de Severina pertence toda ao último dos três períodos em que *R.I.C.* divide a cunhagem do reinado de Aurelianus (cf. V-1, p. 253). J. Gricourt..., *ob. cit.*, p. 106, atribui a este período a cronologia 274/5.

(277) V. *supra* p. 109.

(278) O n.º 3, se é efectivamente de prata, é o denário classificado com o n.º 349 (Roma) ou o com o n.º 677 (Asia) em *R.I.C.* (V-1, pp. 161 e 190), não datados. O n.º 10 é, muito provavelmente, um dos antoninianos classificados com os n.ºs 24 e 25 (Roma), *id.*, p. 194, que J. Gricourt (*ob. cit.* p. 86) atribui respectivamente a 263 e 264/5. (O E final da legenda deve ser fruto de erro de leitura, a leg. correcta devendo ser Pvdicitia). O espécime de Postumus não é citado em *R.I.C.*. A sua leg. do rev. só é neste catálogo atribuída a Lugdunum. Ora, no decurso do intervalo entre o terceiro e o quarto consulados, aquele assumido em 261 e este em 267, segundo Webb, ou 266 segundo outras autoridades, foi o estabelecimento desta cidade transferido para Colonia, transferência talvez ocorrida em 265 (cf. *R.I.C.* V-2, pp. 329 e 331). Se efectivamente Lugdunum cessou de laborar e só esta oficina cunhou tal rev., a moeda não poderá ser posterior a 267, pelo menos.

(279) O final do reinado de Florianus, proclamado por Junho/Julho de 276, deve situar-se por Setembro/Outubro do mesmo ano (cf. A. Balil II, *cit.*, p. 280).

ultrapassar muito o último ano do reinado de Gallienus dada a ausência das tão vulgares, mesmo nos tesouros de Espanha como nos nossos, peças de Claudius II.

O cotejamento das composições e das conclusões anteriores acerca da cronologia das moedas mais modernas não exclui a possibilidade de os quatro primeiros tesouros serem de próxima cronologia, o que não significa o sejam necessariamente. Todos estes conjuntos incluem peças de Claudius II e naqueles para os quais temos números verifica-se que os três grupos de unidades mais representativas coincidem exactamente sob Gallienus, Salonina e Claudius II. Os mais modernos numismas que examinámos dos tesouros de Aldeia das Dez e de Borba ficam, é certo, um pouco aquém do limite cronológico dos outros dois, mas o aspecto de tais exemplares induz a concluir que terão gozado de apreciável circulação.

Os tesouros de Serra e de Serra do Condão apresentam a característica comum de não ultrapassar a cronologia de Gallienus, enquanto o da freguesia de Vilarinho, o único para o qual se pode garantir a presença de moedas de Probus, é, muito possivelmente, o mais moderado de todo o grupo.

Não habilita só por si a uma completa interpretação do seu significado, debaixo do ponto de vista que aqui nos interessa, o simples estudo da composição de um conjunto monetário nos seus múltiplos aspectos, tais como número de unidades, natureza do metal e sua lei, aspecto metrológico, diversidade ou frequência de espécimes, aspecto relativamente à circulação, seriação cronológica das unidades. O exame das circunstâncias particulares de cada depósito, atendendo-se ao modo de acomodação do conteúdo, ao sítio restrito e preciso e ao meio geográfico e humano vizinho, e o estudo comparativo do achado com outros da mesma cronologia, da mesma natureza ou de natureza diversa, completam aquelas indicações e concorrem particularmente para determinar se o lugar é um lugar natural para acumulação e o conjunto se deve explicar pelo vulgar e natural intuito de entesourar ou ferrar, se a explicação se deve buscar numa circunstância anormal, seja qual for, que leva o proprietário à intenção do ocultamento em lugar reputado de segurança, em esconderijo temporário ou de emergência, ou se, finalmente, o ocultamento deve explicar-se excluindo qualquer intencionalidade da parte do proprietário e por circunstância meramente accidental.

Embora a nossa informação das condições dos achados só relativamente ao das Fragas do Piago seja completa, afigura-se natural que os ocultamentos deste tesouro e de outros cinco, pelo menos, estejam ligados a circunstâncias anormais que afectam a tranquilidade das populações (280). Em todos os tempos o homem que é obrigado a fugir à frente de uma horda invasora ou cujos haveres podem ser objecto de roubo no momento crítico em que a desordem campeia procurou garantir o seu pecúlio. O tesouro monetário converte-se nestas condições num documento histórico da maior importância, pela possibilidade que lhe é inerente de dar, pela data da sua mais moderna unidade, a cronologia dos acontecimentos aos quais se vincula ou fornecer, pelo menos, um *terminus a quo* para o seu ocultamento. Compreende-se, contudo, que só em face de um tesouro completo tais ilações cronológicas são seguras e que se justificam as maiores reservas na valorização cronológica que se pretende atribuir aos conjuntos que nos chegam sem garantia da sua integridade.

É preciso reconhecer, entretanto, que o tesouro não é, sem mais, prova bastante da ocorrência *in loco* dos sucessos de uma rebelião ou da passagem pelo lugar, ou vizinhanças do lugar do achado, de uma horda invasora. Efectivamente o tesouro exige, para revestir plenamente tal significado, ser esclarecido à luz de outros materiais, provenientes de destruições violentas. Só em circunstâncias muito excepcionais o tesouro poderá dispensar tal associação para poder funcionar como marco geográfico numa rota invasora ou assinalar perturbações sérias. Raros casos há em que a profusão e a distribuição de tesouros da mesma ou muito próxima cronologia se tornam por si sós inequívocas, traduzindo acontecimentos geográficamente bem determinados. Mas, se é certo que só por conveniente conexão com outros dados arqueológicos pode o tesouro identificar um lugar como vítima de acontecimentos anormais, o seu ocultamento pode bem testemunhar um clima de insegurança e traduzir o eco de acontecimentos desastrosos, geradores de estados de ansiedade, medo ou mesmo pânico, não obstante a distância do lugar do esconderijo ao teatro estrito de tais sucessos.

Vimos já que na actualidade é ponto relativamente seguro a data

(280) O tesouro de Serra do Condão, que inclui moedas de ouro, prata e bronze, pode justificar-se prescindindo desta explicação.

da invasão da Hispânia sob Galieno, em 262 ou pouco mais tarde. Embora seja muitíssimo deficiente a conclusão a que podemos chegar acerca da cronologia das poucas moedas que conhecemos do achado da Serra do Condão, não é impossível que se ligue a este acontecimento, se o ocultamento foi determinado por insegurança. Muito deficiente é ainda a indicação da composição do tesouro de Serra, que também não exclui a possibilidade de se ligar a esta invasão.

Os quatro primeiros tesouros, todos incluindo peças de Cláudio II, não se afigura que possam com ela relacionar-se. É certo que até ao presente não foi possível estabelecer-se a cronologia final da invasão. Mas sabemos terem os invasores passado à África, se não todos pelo menos em parte, e a diferença de anos é demasiado substancial para que se possa admitir como provável uma sobrevivência de bandos capaz de justificar estes ocultamentos.

Menos fácil é precisar a que acontecimentos se podem ligar. As unidades examinadas do tesouro de Aldeia das Dez são uma porção algo insignificante do total. Acerca do tesouro de Borba também há a lamentar só se conhecer uma parte, que será ,na melhor das hipóteses, metade do conjunto encontrado, sem que infelizmente se possa ter a garantia de que essa parte se deva considerar como uma boa amostra do todo. Igualmente precária é a nossa informação acerca do tesouro do concelho de Almodôvar. Muito conjectural é, portanto, tudo quanto se possa concluir para cada um destes tesouros, que só como elementos acessórios podem ser valorizados.

Importância particular assume dentro do conjunto de todos os tesouros o das Fragas do Piago, o único do qual se pôde fazer um estudo da quase totalidade das unidades (281), valorizado ainda pela circunstância de conhecer-se com absoluta precisão o local do seu depósito, que inequivocamente significa um ocultamento muito intencional. A sua cronologia leva-nos a voltar ao que constitui exactamente dentro do problema das invasões na Hispânia a maior divergência entre os investigadores que já citámos. Queremos referir-nos ao número de incursões: duas para Taracena, dificilmente recusável a de 276 para Taradell, esta mesma contestável e improvável para Balil.

(281) Atenda-se às circunstâncias em que se verificaram os extravios, em pequeno número e sem que tenha havido selecção.

Salienta este Autor que se não conhecem materiais proporcionados por destruições atribuíveis a este momento ou a uma invasão, não podendo atribuir-se a esta cronologia as destruições verificadas em Pamplona e não admitindo a interpretação de Taracena os materiais de Liédena e Clunia, que juntamente com os conjuntos monetários aí encontrados haviam sido o sustentáculo da posição deste Autor. Por outro lado, os tesouros conhecidos que se podem considerar posteriores a 275 explicam-se «sem que seja necessário recorrer à hipótese forçosa de uma invasão». As usurpações sob Probo e a actividade de piratas, esta para algumas terras de Portugal e Galiza, bem como, para os tesouros que avançam já pela primeira época tetrárquica, os mesmos factores que determinaram a própria presença de Maximiano na Hispânia, para lhes dar combate, explicam, segundo Balil, os ocultamentos dos 10 conjuntos dessa cronologia, de que dá relação (282).

Que o jazigo de Clunia não deve relacionar-se com a invasão, parece por demais manifesto (283). Menos evidente é o caso de Liédena. Segundo Balil, os novos estudos acerca desta estação mostram que o incêndio que destruiu a «primeira villa» foi um incêndio localizado (284).

Na relação daqueles 10 tesouros, onde se reúnem uns não incluindo peças de Probo com outros registando moedas deste imperador e ainda outros de ulterior! cronologia, encontram-se exactamente os tesouros portugueses da freguesia de Vilarinho (Santo Tirso), Fragas do Piago e concelho de Almodôvar. O tesouro espanhol de Liédena é o que pela cronologia mais se aparenta com os dois últimos.

(282) Cf. A. Balil *II, cit.*, pp. 280-288 e p. 295. No seu estudo de 1956 a posição do A. era mais moderada e algo interrogante (cf. A. Balil *I, cit.*, pp. 138-141).

(283) Forçadíssima se afigura imediatamente a interpretação de Taracena. A cronologia do tesouro, 283/285, e a da totalidade dos achados monetários proporcionados pela escavação, série com continuidade até Maximiano Hércules, são demasiado tardias. V. A. Balil *I, cit.*, p. 128, n. 72 e p. 140.

(284) Os estudos relativos a esta estação publicados depois de B. Taracena, por Maria Angeles Mesquíriz — «Sigillata hispánica de Liédena», «Estudio de los materiales hallados en la villa romana de Liédena (Navarra)» e «Los mosaicos de la villa romana de Liédena (Navarra)», *Príncipe de Viana*, respetivamente, año XIV, n.º LII e Lili, Pamplona, 1953, año XV, n.º LIV-LV, Pamplona, 1954, año XVII, n.º LXII, Pamplona, 1956 — não esclarecem esta questão. A. Balil *II, cit.*, p. 281, n. 2) informa dever algumas informações ao doutor Vásquez de Parga.

Deixemos por momentos os outros tesouros e vejamos o tesouro das Fragas do Piago, aquele que, obviamente, mais sólidas conclusões pode fundamentar.

As usurpações sob Probo situam-se já na segunda metade do reinado, depois da campanha contra os blémios. As fontes latinas memoram os nomes de Próculo e Bonoso, cujas rebeliões eclodiram na Gália, mas o teatro das usurpações não se resumiu a este território. A *Vita Probi* menciona o alastrar da rebelião (285), alastramento confirmado pelas outras fontes que, embora ocupando-se das campanhas do imperador, não nos dão uma cronologia precisa. A luta foi empresa de algum vulto, particularmente contra Bonoso, cuja rebelião eclodira em Colónia. Dela diz o biógrafo de Probo, podendo verificar-se a exactidão da informação, ter sido um *longum graveque certamen*. Dois anos foram precisos para o imperador extinguir os focos de insurreição e restaurar a sua autoridade.

G. Vitucci intentou precisar a cronologia destes sucessos recorrendo a vários documentos epigráficos nos quais o nome do imperador foi picado. Dado que não consta ter sido declarada depois da sua morte uma *damnatio memoriae*, esta *abolitio nominis* parece indubitavelmente ligada aos movimentos de insurreição. Confirmam a infoimação da *Vita* quanto à extensão das rebeliões e permitem precisar a cronologia, pois fornecem um *terminus post quem* para a abolição e, por aproximação, para a revolta. Tais documentos provêm sobretudo da Hispânia e África, esta não mencionada nos textos clássicos. Pelo menos duas inscrições da primeira província atestam seguramente a *abolitio nominis*. Vitucci, considerando que daquelas duas epígrafes uma é não anterior à segunda metade do ano 280 e a outra é provavelmente de data ainda posterior, e ainda que as inscrições africanas são de cronologia assaz vizinha, conclui que Probo teve de dedicar a esta luta o «verão de 280 e o de 281» (286).

Esta cronologia das usurpações, fundamentada exactamente sobre documentação da própria Hispânia, pode levar a certas interrogações quando se põe em confronto com a mais moderna unidade do tesouro

(285) *Vita Probi*, 18,5: *deinde cum Proculus et Bonosus apud Agripinam in Gallia imperium arripuissent, omnesque sibi iam Britannias, Hispanias et Bracatae Galliae provincias vindicarent, barbaris semel iuvantibus vicit.*

(286) Cf. Giovanni Vitucci, *VImperatore Probo*, Roma, 1952, pp. 69-73.

das Fragas do Piago e se tem presente que a data 280 se situa já no quinto ano de um reinado de grande feracidade monetária. Pode perguntar-se como justificar, a admitir-se uma relação de causalidade entre as usurpações e o tesouro, a ausência de moedas de Probo. É de admitir, porém, como já se observou, que a moeda mais moderna do depósito tenha atingido o lugar de esconderijo sofrendo certo atraso em relação à sua data de emissão. Por outro lado, a ausência de moedas de Probo também se nos não afigura muito grande dificuldade. O exame da composição doutros tesouros leva-nos a não ver nessa ausência o insuperável significado que à primeira vista poderia assumir (287).

Deve-se notar que em princípio se não verifica impossibilidade de relação cronológica entre a data da contestada segunda invasão e a da moeda mais moderna do tesouro. Dada a cronologia da duração da invasão na Gália, à sua sequência em terras peninsulares teria de atribuir-se, com mais probabilidade, a data de 276/7. Mas, quando se atende ao curto reinado de Tácito e ao atraso que para a moeda tem de conjecturar-se, a possibilidade de acordo cronológico torna-se muitíssimo problemática. A atribuição do tesouro a cronologia posterior parece muitíssimo mais provável.

Frise-se que a existência duma tal invasão tem de reconhecer-se muito improvável. O que conhecemos das catastróficas proporções da invasão na Gália e os tesouros desta província para o decénio 270/280, demarcando uma linha até Roncevaux (288), não excluem uma incursão pelos Pirinéus ocidentais. Mas Clunia não comporta a interpretação de Taracena e o tesouro dos arredores de Sangüesa, aduzido por Tarradell, carece também de significado provativo (289). Ainda mesmo que

(287) V., atendendo às circunstâncias diferenciais, os tesouros de Peai de Becerro (A. Balil *I, cit.*, pp. 129-130) e os três gauleses cotejados por J. Gricourt, *ob. cit.*, p. 65. Notar sobretudo a densidade das moedas de Probo.

(288) Observe-se que a indicação cronológica 270/280 é vaga. Importa averiguar a cronologia exacta dos tesouros gauleses que convergem para a passagem ocidental dos Pirinéus. Não dispomos de A. Blanchet, *Les trésors de monnaies et les invasions germaniques en Gaule*, Paris, 1906. C. Jullian, *ob. cit.*, p. 601, n. 7, cita de Blanchet os tesouros n.ºs 618 (Hasparren), 624 (Haute-Garonne), 614-5 (Landes).

(289) Não se possui do achado senão uma referência incompleta, o último imperador citado sendo Póstumo (cf. M. Tarradell, «Sobre las invasiones germánicas...», *cit.*, pp. 103-104, n. 20). Repare-se na ausência das tão vulgares moedas de Cláudio II.

Liédena não esteja de todo excluída da discussão do problema só novos achados poderão provar a invasão. Também só novos achados nas zonas do país vizinho que se estendem para além das províncias do norte de Portugal até Navarra poderiam fornecer elementos com os quais o tesouro das Fragas do Piago pudesse vir a conectar-se. Até ao presente não têm propoicionado tais elementos (290).

Só da Andaluzia se conhecem três tesouros que não incluem unidades posteriores a Probo, os tesouros de Peal de Becerro (Jaén), Santa Elena (Jaén) e um de Granada (província) (291). Imediatamente se verifica que a situação das Fragas do Piago é muito excêntrica em relação a esta zona onde se encontram os únicos tesouros que se poderão ligar às usurpações. Muitíssimo difícil se tomaria poder admitir alguma relação entre tesouros geográficamente tão separados, tanto mais que os tesouros de Espanha se concentram numa área restrita, se outros tesouros, particularmente o de Almodôvar, ainda que se não situe em zona de contiguidade imediata, não pudessem ser evocados para deixar aberta tal possibilidade.

Vimos já que, pelos dados disponíveis, não é impossível que os tesouros de Aldeia das Dez, Borba e concelho de Almodôvar se aparentem cronologicamente com o tesouro das Fragas do Piago. Por outro lado, ao reparar-se na situação geográfica destes lugares, verifica-se que se distribuem *grosso modo* por todo o país, pelo norte, centro e sul. Sem perder de vista que a nossa informação só para o tesouro das Fragas do Piago se pode considerar segura, também os dados que conhecemos quanto aos outros não podem deixar de levar a relacioná-los. Esta ligação empresta-lhes um significado que cada um por si não poderia isoladamente assumir e sugere uma explicação capaz de abraçar o conjunto dos quatro tesouros. As usurpações sob Probo aparecem-nos, dentro do condicionalismo do nosso conhecimento da história da Hispânia neste momento, como o acontecimento susceptível de fornecer essa explicação.

(290) Os dois tesouros de Bares já referidos e um outro de Algara (Ayunt. de Castro, Coruña) parecem corresponder ao reinado de Galieno e poderão explicar-se por pirataria (cf. A. Balil *I, cit.*, pp. 128-129 e A. Balil *II, cit.*, pp. 270 e 285). O tesouro de Valsadormín (Palencia), depositado no Museo Arqueológico Nacional, aguarda o seu estudo (cf. A. Balil *I, cit.*, p. 143 e A. Balil *II, cit.*, p. 281, n. 4).

(291) Cf. A. Balil *I, cit.*, p. 129 e A. Balil *II, cit.*, p. 282.

Resta-nos tratar do tesouro da freguesia de Vilarinho (Santo Tirso), cujo ocultamento tanto se pode ter verificado no reinado de Probo como posteriormente. Admite uma explicação diferente da que os outros tesouros sugerem. Pode explicar-se por pirataria, como já julgou Koethe (292). Exactamente para os finais do reinado de Probo está esta prática documentada em zonas que incluem a costa hispânica. Quando da sua estadia na Trácia, por 279/280, o imperador abriu o *limes* à entrada de diversos bárbaros como colonos — a *Vita Probi* cita bastamos, gépidas, greutungos e vândalos, Zósimo fala de francos — e regulou a sua instalação nesta província. Pouco depois alguns destes recém-alojados retomam a sua habitual vida de vagabundagem e saque, enquanto os francos embarcam, pilham a costa da Grécia, Sicília e África, costeiam as praias atlânticas e tornam à Germânia (293).

Como se acaba de verificar, a interpretação dos sete tesouros portugueses de que nos ocupámos levanta muita dificuldade. Por um lado não podem ser vinculados a materiais, por outro a nossa informação só para o tesouro das Fragas do Piago é precisa. Acresce que a conjugação dos nossos tesouros com os do país vizinho também se não revela imediatamente explícita. Deste condicionalismo decorre que cabe ao futuro a tarefa e a fortuna de tentar chegar a resultados mais sólidos que aqueles que agora nos são acessíveis. É natural que novos achados e o progresso da investigação arqueológica venham a proporcionar os elementos que fundamentem as certezas que no presente se não podem alcançar.

Neste momento uma conclusão pode salientar-se: não dispomos para o território nacional de elementos seguros enlaçáveis com as invasões germânicas da Hispânia na segunda metade do século m (294). Os tesouros

(292) Este A., *art. cit.*, considerou os dois tesouros portugueses então conhecidos, o do concelho de Almodôvar e o da freguesia de Vilarinho, ligados à acção de piratas. Como já observou A. Balil (*l. cit.*, p.140, n. 105), a explicação não é aceitável para o primeiro dos tesouros. Santo Tirso, pelo contrário, não fica longe do Atlântico, com o qual comunica pelo Ave que, a julgar pelo que se conhece de outros rios em épocas recuadas, ofereceria então condições de navegabilidade superiores às actuais.

(293) Cf. G. Vitucci, *ob. cit.*, p. 53.

(294) Não temos notícia que entre nós alguém tenha atribuído quaisquer materiais arqueológicos a estas invasões. Merece referência, todavia, uma dupla

de Serra do Condão e de Serra não podem fornecer tais elementos, o primeiro podendo explicar-se prescindindo da invasão, o segundo não se podendo localizar. Depois, ainda que se reconheça se encontrar sujeita a revisão a interpretação que nos é sugerida pelos tesouros de Aldeia das Dez, Borba, Fragas do Piago e Almodôvar, que não podem ter sido escondidos antes de 270, 273, 275 e 276, respectivamente, parece seguro, pelo menos no estado actual do nosso conhecimento das invasões, a exclusão destes tesouros de tais acontecimentos. Só uma cronologia do final da invasão do tempo de Galieno que se afaste substancialmente da data que hoje nos surge como quase segura para o seu início, ou a realidade de uma segunda invasão decorrente da invasão da Gália de 276, poderiam invalidar esta conclusão. Reconheça-se que neste momento uma tal cronologia final se afigura muitíssimo improvável e que a realidade de uma segunda incursão está comprometida. A menos que no futuro surjam tesouros portugueses de cronologia tal que admita relação com os de Serra do Condão e de Serra e que a distribuição geográfica dos tesouros no seu conjunto se revele explicativa, parece muito aventuroso querer tomar estes dois tão inseguros elementos como prova de relação, ainda que indirecta, entre o nosso território e a penetração de francos e alamanos na Hispânia. Não se confirma, portanto, pelo menos por agora, que as invasões germânicas da Hispânia na segunda metade do séc. in d. C. tenham afectado o actual território português.

sugestão de Pierre David, que pela primeira vez admitiu a atribuição das muralhas de Conimbriga ao século m e sugeriu, para explicar a existência do topónimo «francos» na região de Idanha, o estabelecimento de grupos destes invasores entre nós, por iniciativa própria ou fixados pelas autoridades administrativas (cf. *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VI^e au XII^e siècle*, Coimbra, 1947, pp. 76-77). A cronologia das muralhas de Conimbriga, problema ainda por esclarecer, é muito provável seja do século III, como para tal nos chamou a atenção o Sr. Dr. João Manuel Bairrão Oleiro, que desde há anos vem dirigindo as investigações em curso nesta importante estação.

CATÁLOGO DAS MOEDAS DE DIVERSOS ACHADOS

Anversos

Para a classificação das moedas imperiais adopta-se o processo utilizado em *R.I.C.* para a indicação da titulatura e efigie: cardinais para a primeira e maiúsculas para a segunda.

Para os imperadores

- A — Cabeça radiada à direita.
- B — Busto radiado à direita com couraça.
- C — Busto radiado à direita com paludamento.
- D — Busto radiado à direita com paludamento e couraça.
- E — Busto diademado à direita com paludamento.
- F — Busto radiado à direita com couraça e lança.
- G — Busto à esquerda com capacete radiado, escudo e lança.
- H — Cabeça laureada à direita.

Para a imperatriz

- A — Busto diademado à direita sobre crescente.

Reversos

Pôs-se o maior cuidado na descrição, que se dá completa, embora sob forma breve, recorrendo a algumas abreviaturas:

Cab.-cabeça	d.-direita	diad.-diademada	e.-esquerda
imp.-imperador	laur.-laureada	seg.-segurando	sent.-sentado

As marcas indicam-se como se exemplifica:

x I — no campo à esq. I x — no campo à dir. x — no exergo

A indicação de semelhança (*id.*) desde que não seguida de qualquer restrição aplica-se a todo o reverso anterior (tipo, legenda e marca). Quando toda a descrição se afigura duvidosa apresenta-se em *itálico*. De algumas moedas apresenta-se, dentro de parêntese e depois da descrição do reverso, a data de emissão.

Referências bibliográficas (295)

Omite-se a referência a *R.I.C.* em todos os exemplares que se não encontram inventariados nesta obra precisamente como se descrevem. Como se verificará, não são muito poucos os exemplares nestas condições. Não deve, todavia, exagerar-se o valor numismático destas «raridades». Trata-se, para a grande maioria, de exemplares que apresentam diferenças de pormenor em relação aos registados e, por outro lado, pudemos pelo nosso contacto directo com a obra corroborar a observação já feita ao vol. V: com faltas suficientes para justificar a sua utilização com as maiores precauções (296). Esta última circunstância concorreu também para a omissão de referência bibliográfica relativamente a outros exemplares para os quais nos não foi possível decidir com a necessária segurança, entre dois ou mais locais possíveis, o exacto local de emissão, razão pela qual se registam quanto a este lugar sob a designação de «atribuição duvidosa». Se nos fosse oferecida a possibilidade de consultar outra bibliografia certamente essa atribuição teria sido possível.

Número de exemplares

Com a intenção de dar além do número também alguma indicação acerca do estado dos numismas, adopta-se o cómodo processo, a que já se tem recorrido, da sua distribuição em classes: na primeira ordenam-se as unidades que apresentam legendas completas ou com muito pequenas deficiências e tipos bem legíveis, na segunda as de estado médio e na terceira as muito inferiores. Mais que um critério de perfeição de cunhagem é um critério de legibilidade.

Fotografias

Na impossibilidade de inclusão das fotografias de todas as unidades que examinámos e fotografámos, publicam-se as de exemplares dos tesouros de Borba (ou da sua região), da Propriedade da Ribeira (Aldeia das Dez) e das Fragas do Piago que, exactamente como se descrevem, não constam de *R.I.C.*.

(295) V. *supra*, n. 34 a legenda das abreviaturas.

(296) Cf. J. Gricourt..., *ob. citp.* 70, n. 4.

TESOURO DAS FRAGAS DE PIAGO (297)

Abreviaturas de oficinas:

Colonia	CP	Siscia.....	S
Lugdunum.....	L	Cyzicus.....	C
Roma	R	Antiochia	A
Mediolanum	M	Viminatium	V

As moedas que apresentam número seguido de maiúscula são as não inventariadas em Cohen (298), indicando-se assim a ordem que tais espécimes deveriam ocupar neste catálogo. Descrevem-se no final bem como as que a M. Ramires se afiguraram merecedoras de citação especial (299).

(297) V. *supra* pp. 103-105. A primeira parte desta classificação (pp. 127-136) é de Mário Ramires, apenas por nós adaptada ao processo de exposição que adoptámos. A segunda parte (pp. 137-139) é da nossa autoria.

(298) Nota ainda o A. que também não são referidas em *Roman Imperial Coinage* os seguintes antoninianos: Galieno 229-A, 269-A, 365-A, 522-A, 596-A, 932-A, 949-A, 987-A, 1 194-A e 1 322-A; Cláudio II 86-A, 96-A, 169-A, 214-A, 293-A, 314-A e 318-A; Quintilo 42-A.

(299) As 17 unidades classificadas posteriormente ao total arrolado são repetições de espécimes contidos neste total: Valeriano 140; Galieno 38, 40, 73, 157, 165, 269, 962, 1 221; Salonina 94; Salonino 12; Cláudio II 114, 144, 230 (2 exs.), 265; Quintilo 73.

N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda	N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda
TREBONIANUS GALLUS				38	5		R
13	1		R	«	41	T	R
125	1	...no ex.	A	40	3		R
VOLUSIANUS				55	2		R
20	1		R	57	3	\overline{Q}	R
133	1		M	72	30	\overline{Z}	R
EMILIANUS				73	40	H	R
60	1		R	«	1	I	R
VALERIANUS I				76	4	\overline{A}	R
53	5		R	77	13	«	R
65	2		R	89	4		R
68	1		R	92	2		R
75	1		V	98	1	\overline{MT}	M
86	1	Q	R	105	2		M
87-A	1	S		116	4	\overline{MT}	M
«	1	Q		144	4	XII	R
88	1	S		«	9	\overline{XII}	R
101	2		R	153	12	$\overline{\epsilon}$	R
135	8		R	154	28	«	R
140	3		R	157	13	\overline{X}	R
141	1		R	158	23	\overline{X}	R
146	1	T	R	162	43	\overline{XI}	R
152	1		A	165	21	T	R
224	2		R	«	1	Imp. dupla	
274	1		R	«	1	\overline{X}	R
MARINIANA				«	1	\overline{XI}	R
3	1	V	R	«	32	\overline{XII}	R
16	1		R	«	1	Id. mod. menor	
GALLIENUS				167	2	\overline{XII}	R
5	13		R	170	1		R
«	76	B	R	173	5		M
20	9		R	174	1		M
24	8		R	179-A	1		
«	5	VI		179-B	1		
25	1		R	181	1		S
«	12	VI	R	181-A	1		
«	1	s	M	183	1		S
35	11	\overline{MT}	M	«	1	T	R

N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda	N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda
GALLIENUS				361	12	N	R
184	1		R	365-A	1	P̄	R
186	1	P	M	382	16	XI	R
192	3	T̄	R	388	5		R
193	3	«	R	«	1	ς	R
217	1		S	389	4		R
221	1		M	«	1	ς	R
227	1		M	402	5	«	R
229-A	1		M	403	10	«	R
246	4		S	404	2	«	R
«	11	N	R	406-A	1	S	R
«	4	H	R	423	19		R
247	8	N	R	«	1		M
261	2	M̄S	M	«	1	S̄	R
265	1		S	«	1	V	R
«	1	II	S	«	1	S	M
269	3		R	424-A	1	Mod. 17 mm	
«	12	ς	R	425	10		R
269-A	79	«	R	428	1	ς̄	R
«	2	Efig. dif.	R	430	1		A
279	4	ς̄	R	458	1		M
280	2	«	M	465	1		M
281	1	«	M	487	1		M
«	1	S̄M	M	522-A	1		
296	2	V I	R	539	1		M
297	1	VI	R	542	1		M
317	2	ς̄	R	562	7	S	R
322	1	P	M	563	5	ς	R
326	3	P̄	R	586	32	B̄	S
327	3	«	R	593	2		R
331	10	XI	R	«	1	ς	R
341	24	ς̄	R	594	1	«	R
343	2	«	R	596	8	XI	R
332	1	«	R	596-A	1		
344	22	«	R	617	1		R
345	4	«	R	«	1	H	R
351	1		R	«	74	A	R
361	8	N	R	618	2		R

N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda	N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda
GALLIENUS				756	6	V	R
667	31	\overline{N}	R	766	2	S	R
668	5	«	R	773	5		R
670	2	ς	S	773	1	\overline{V}	R
685	1	S	M	774	2	«	R
«	3	\overline{S}	M	777	1		M
«	2	\overline{P}	M	«	1	P	M
690	18		M	778	1		M
699	3		R	785	1	\overline{P}	M
«	35	Z	R	786	1	ς	M
718	3	Δ	R	«	1	P	M
719	6	Δ	R	«	1	\overline{P}	M
720	1	Δ	R	«	4	\overline{MP}	M
721	1	«	S	819	5	\overline{MT}	M
727	5		S	«	2	«	M
«	2	Δ	R	820	1	\overline{MP}	M
«	3	Δ	R	826	2		M
«	1	T	R	851	4		S
«	2	T	R	854	4		S
«	1	S	S	«	4	N	R
«	1	S	S	859	8	\overline{MP}	M
«	1	V	R	«	1	P	M
«	6	V	R	862	15	X	R
«	1	I S	S	864	2	P N	S
«	8	S I	S	867	2	\overline{MT}	M
728	1		S	872	1		S
«	2	V	R	872-A	8		S
«	11	V	R	874	1		R
«	2	T	R	920	1		A
«	7	T	R	928	6	\overline{MP}	M
741	1		S	932	2		R
«	2	?	S	«	1	\overline{MS}	M
741-A	1		S	932-A	2	XII	R
744	1		M	«	1	\overline{XII}	
746	3		R	949-A	3	TENPO	
747	1		R	953	2	\overline{VI}	R
752	1	V	M	954	1	«	R
753	1		M	961	5		M

N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda	N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda
GALLIENUS				1 237	5	VI	R
961	48	H	R	1 249-A	1		R
961-A	1	«	R	1 272	1	GERM	R
979	38	\overline{H}	R	«	1	G M	R
«	1	\overline{A}	R	1 284	1		R
«	1	Dupla cunh.	R	1 288-A	1		R
980	1	\overline{A}	R	1 318	1		M
981	1	\overline{H}	R	1 322	17		R
878-A	1	$\overline{VII C}$	A	«	1	Flan de MB	R
983	2	\overline{XI}	R	1 338	1		R
1 008	10		S	1 350	1		S
«	47	ϵ	S	1 355	1		S
1 009	2		S	Inclassif.	15		
«	1	ϵ	S	SALONINA			
1 045	1		M	17	3	\overline{MS}	M
1 071	1	\overline{Z}	R	20	1		M
«	23	Z	R	24	2		S
«	3	S P	R	25	2	\overline{RP}	R
«	1	H	R	39	3		R
1 072	1	Z	R	«	33	Δ	R
1 076	2	T	R	40	3	«	R
1 109	1	$\overline{\cdot}$	A	44	2		R
1 118	1	T	R	51	1		M
1 119	13	«	R	55	1	\overline{MS}	M
1 134	1	ζ	M	56	7	N	R
1 135	3		M	58	6		R
1 162	2		R	60	18		R
1 194-A	1			68	1		R
1 198	1		R	70	11	$\overline{\Delta}$	R
1 221	2	P	R	77	4		R
«	11	P	R	«	1	P	R
«	17	«	R	«	1	P	R
1 236	23		M	78	1		R
«	2	\overline{S}	M	79	1		S
«	3	VI	R	84	2		R
1 237	2		M	92	3		R
«	1	\overline{P}	M	«	9	Q	R
«	1	*	A	94	9	\overline{VI}	R

N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda	N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda
SALONINA				10	1		R
94	6	Q	R	«	6	S	R
103	3		A	12	1	\overline{S}	M
121	2	VI	R	16	1	N	R
127	2	\overline{MS}	M	«	1	N	R
129	10		R	«	3	\overline{N}	R
«	4	H	R	«	2	III	R
134	1		L	17	1	Mod. 17 mm	R
137	1		R	21	40	Busto cour.	R
139	2		M	«	1	Busto vest.	R
143	18	Q	M	«	1	Dup. imp. anv.	
147	2	S	R	22	2		R
SALONINUS				«	2	Δ	R
5	1		L	25-A	3	\overline{H}	R
7	1	\overline{S}	R	«	1	H	R
«	1		R	25-A	1	Dupla imp.	R
12	3		R	46	39		M
56	1		R	50	66		M
63	2	P	M	69	1	\overline{P}	M
95	1		A	77	1	TENPO	M
MACRIANUS II				79	16	Busto vest.	R
11	1		A	«	1	Busto nu.	R
12	1		A	«	1	Busto cour.	R
POSTUMUS				«	3	B	R
213	1	P	L	80	8	«	R
215	1		CP	«	2		R
243	1		L	84	39		R
VICTORINUS I				«	1	XI	R
49	1	*	CP	86	4	XI	R
79	1	V	CP	86-A	1	XI	R
91	1			87	8		R
CLAUDIUS II				«	3	XI	R
3	4		R	88	2	\overline{S}	M
6	44		R	92	5	ϵ	R
«	6	S	R	96-A	1		
«	1	Incusa	R	97	1		S
7	1		R	98	1		A
10	4		R	103	1	\overline{SPQR}	C

N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda	N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda
CLAUDIUS II				204	7	H	R
104	3	Z	R	214	14		R
«	3	Z	R	214-A	1	...P COS II P P	R
«	1		R	216	2	Δ	R
109	7	F	R	220	2	XII	R
«	2		R	«	1	XII	R
110	7		R	«	1		R
«	2	F	R	223	2	T	M
114	37		R	226	1		R
«	1	Z	R	230	45		R
115	12	«	R	233	2	XII	R
«	1	Z	R	«	4		R
124	37		R	234	6	c	R
129	41		R	252	1	P	M
«	3	N	R	262	1		R
130	1	«	R	265	32		R
131	3	N	R	268	1	Dupla imp.	R
«	1	III	R	276	1	II	S
138	1		S	«	2	II	S
«	3	I	S	«	1	I	S
«	1	P	S	«	1		S
140	3	XII	R	281	22		R
«	2	XII	R	284	5	P	M
144	11		R	286	4		S
151	10	X	R	«	1	Q	S
152	13		R	293-A	47	Busto vest.	R
«	5	X	R	293-B	3	Busto cour. Δ	R
159	5	H	R	294	1	X	R
160	24		R	302	3	S	M
«	8	H	R	303	4	F	R
161	2	X	R	«	6	F	R
162	1	X	R	304-A	1	VICTORIA G M	R
169-A	1			313	43	Busto vest.	R
197	1		R	«	1	Busto cour.	R
«	1	II	R	«	4	ε	R
198	1		R	«	2	ε	R
200	1	P	M	314	12	«	R
202	4	T	M	«	1	ε	R

N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda	N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda
CLAUDIUS II				70	5	I	R
314	1	∅	R	«	1	I	R
«	4		R	«	3	I	R
314-A	1			71	1	∫	S
315	4	P̄	M	73	1	«	S
318	6	B	R	Inclassif.	1		
«	1	* II	S	AURELIANUS			
318-A	1	S		14	1	H	R
Inclassif.	24			19	1	T̄	M
QUINTILLUS				33	2	A	R
2	3	N	R	55-A	1	S	S
5	5	H	R	86	1	...atrás da efig.	C
12	1		M	95	1	S̄	M
17	1	A	R	«	1	T̄	M
«	3	V	R	97	1	S	C
28	7	ε	R	108	1	P̄	M
32	3	Z	R	140	1	Q̄	M
39	2	XII	R	168	1	H	R
42-A	1			171	2	S	M
49	4		R	223	1		C
52	1	H̄	R	243	1	Ressaltada	M
«	4	H	R	274	3	B	R
58	1		S	SEVERINA			
59	3	∫	R	14	2		
61	1	«	R	TACITUS			
63	4	XI	R	140	1		C

N.º	Anverso	Reverso
VALERIANVS I		
		1 IMP VALERIANVS AVG.
87 A	1 C	IOVI CONSERVAT S . Jupiter nu, de frente, olhando à e., com raio e ceptro.
87 A	1 C	Id., mas Q .
GALLIENUS		
		1 GALLIENVS AVG.
		2 IMP GALLIENVS AVG.
		3 IMP C P LIC GALLIENVS AVG.
179 A	1 B	FELICI AET. Felicitas de pé à e. com caduceu e coluna.
179 B	1 A	Id.
181 A	1 B	Como 181.
229 A	1 A	FIDES MILIT. Felicitas de pé à e. com duas insígnias.
269 A	1 A	Como 269, S.
269 A	Id., effígie de melhor estilo.	
365 A	2 A	IOVI CONSERVAT P̄. Jupiter semi-nu à e. com ceptro e raio.
406 A	1 G	IOVI VLTORI S . Jupiter nu de face, olhando à d. com manto solto na mão e. e raio.
424 A	1 A	LAETITIA AVG. Como 424. Peq. módulo.
522 A	1 F	LEG VIII A(VG) VI P VI F. Leão(?) à d. com radiação.
596 A	1 A	LIBERTAS AVG. Libertas de pé à e. com bolsa(?) e cornucópia(?) ou ceptro curto(?).
741 A	1 B	PAX AVG. Como 741.
872 A	1 B	PROVIDEN AVG. Como 872.
932 A	2 A	SALVS AVG. Como 932.
949 A	1 Como 949.	SEGVR TENPO. Como 949.
961 A	1 C	SECURIT PERPET H. Como 961.
979		SOLI CONS AVG. Cunhagem dupla.
987 A	1 C	SOLI INVICTO VII C. Sol nu à e., levantando a mão d. e com o manto e azorrague na e.
1 194 A	1 A	VICTORIAE AVG. Como 1 194.
1 249 A	1 Busto rad. à d. parecendo visto de 3/4, de dorso	VIRTVS AVG. Hercules nu à d., com a mão d. na anca e a e. com a maçã sobre rochedo.
1 288 A	3 Como 1 288	Como 1 288, mas a lança não parece invertida.
1 322 A		Flan de M. B. Como 1 322.

N.º	Anverso	Reverso
		CLAUDIUS II
		1 IMP CLAVDIVS AVG. 2 IMP C CLAVDIVS AVG.
25 A	1 A	APOLLINI CONS H. Como 24.
25 A	1 A	Id., mas H.
25 A	1 A	Id., dupla cunhagem.
86 A	1 A	FIDES EXERCI XI . Fides à e..
96 A	(IM)P CLAVDIVS C(AES?) AVG. C	FORTUNA RED. Fortuna de pé à e. com leme e cornucópia.
169 A	1 B	MRTS (ou NARTS) PACIFEIHO. Mars à e. com ramo, lança e escudo.
214 A	2 B	P M TR P COS II P P. Imp. à e. com ramo e ceptro curto.
268		Dupla cunhagem.
293 A	2 C	Como 293.
293 B	2 B	Como 293, A .
304 A	2 Como 304.	VICTORIA G M. Victoria à e. com coroa e palma.
314 A	DIVO CLAVDIO. A	VIRTVS AVG. Mars à e. com ramo e ceptro, adiante escudo.
318 A	1 B	VIRTVS AVG S. Soldado à e. apoiado em escudo e com lança.
		QUINTILLUS(?)
42 A	IMP C (M AVR CL QVINTI) LLVS AVG. C	LIBE(R) ou (RT) AVG. Figura feminina à e. com bolsa(?) e ceptro.
		AURELIANUS
		1 IMP C AVRELIANVS AVG.
55 A	1 C	CONCORDIA MILI S . Concordia à e. entre duas insgnias.

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
PHILIPPVS I						
1 IMP M IVL PHILIPPVS AVG.						
ROMA						
1	1 C	P M TR P III COS P P. Felicitas de pé à e. seg. caduceu e cornucópia.	IV-3,3	1		
VALERIANUS I						
1 IMP VALERIANVS AVG.						
2 IMP C P LIC VALERIANVS AVG.						
3 IMP C P LIC VALERIANVS P F AVG.						
ROMA						
2	1 C	IOVI CONSERVAT S . Jupiter de pé à e. seg. raio e ceptro.	V-1,94	1		
MOESIA (VIMINACIUM)						
3	2 C	RESTITVT (ou RESTITVTI) GENER HUMANI. Imp. cam. à d. levantando a mão d. e seg. globo.	V-1,55	1		
ASIA (ANTIOCHIA)						
4	3 C	PIETAS AVGG. Imps. de pé, em frente um do outro, sacrificando num altar; no campo coroa na parte superior.		1		
5	1 C	P M TR P V COS IIII P P. Imps. de pé, em frente um do outro, apoiados nos seus escudos; por trás duas lanças.		1		
SALONINA, rein. conjunto						
1 SALONINA AVG.						
ROMA						
6	1 A	FECVNDITAS AVG. Fecunditas de pé à d. seg. criança, a seus pés outra criança de pé.	V-1,26	1		
GALLIENUS, rein. exclusivo						
1 GALLIENVS AVG.						
2 IMP GALLIENVS AVG.						
ROMA						
7	1 B	AEQUITAS AVG VI. Aequitas de pé à e. seg. balança e cornucópia.		1		
8-9	1 A	APOLLINI CONS AVG H. Centauro cam. à e. seg. globo e troféu.	V-1,164	1	1	

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex Classes		
				1	2	3
10	2 A	APOLLINI CONS AVG. Grifo cam. à d.; marca ilegível no exergo.	V-1,165?	1		
11	1 A	DIANE (sic) CONS AVG ē. Corça cam. à e. e olhando para trás. <i>Est. II, n.º 2.</i>		1		
12	1 B	FELICIT PVBL T̄. Felicitas sentada à e. seg. caduceu e cornucópia.	V-1,192	1		
13	1 A	LIBERO P CONS AVG B̄. Pantera cam. à e.	V-1,230	1		
14	1 A	MARTI PACIFERO A . Mars de pé à e. seg. ramo de oliveira, lança e escudo.	V-1,236	1		
15	1 A	NEPTVNO CONS AVG. Pégaso (?) ou gri- fo (?) à d.; marca no exergo ilegível (exergo esmagado).		1		
16	1 B	PAX PVBLICA V̄. Pax sentada à e. seg. ramo de oliveira e ceptro.	V-1,260	1		
17	1 A	SECVRIT AVG VI. Securitas de pé à e. de pernas cruzadas, mão d. na cabeça e apoian- do-se numa coluna.		1		
18	2 B	VBERITAS AVG. Uberitas de pé à e. seg. bolsa e cornucópia.	V-I,287	1		
19	1 A	VIRTVS AVG. P. Mars de pé à e. seg. globo e lança.	V-1,317	1		
20	1 C	ASIA VIRTVS AVG * . Soldado de pé a e. seg. escudo e lança.	V-1,668	1		
21	1 A	ATRIBUIÇÃO DUVIDOSA PAX AVG. Pax cam. à e. seg. ramo de oli- veira e ceptro.		1		
SALONINA, rein. exclusivo						
1 SALONINA AVG.						
ROMA						
22	1 A	FECVNDITAS AVG Δ. Fecunditas de pé à e. seg. cornucópia, a seus pés criança.	V-1,5	1		

CLAUDIUS II

1 IMP CLAVDIVS AVG.

2 IMP C CLAVDIVS AVG.

3 IMP C CLAVDIVS P F AVG.

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
ROMA						
23	2 B	FELICITAS AVG. Felicitas de pé à e. seg. caduceu e cornucópia.	V-1,32 (300)	1		
24	2 B	FIDES EXERCI. Fides de pé à d. seg. duas insígnias, uma das quais transversal.	V-1,34		1	
25	1 A	GENIVS AVG F. Genius de pé à e. junto de altar seg. patera e cornucópia.	V-1,46		1	
26-7	2 C	IOVI VICTORI. Jupiter de pé à e. seg. raio e ceptro.	V-1,54	1	1	
28	2 B	MARS VLTOR. Mars cam. à d. seg. lança e troféu.	V-1,66	1		
29	2 A	PROVIDENT AVG XII. Providentia de pé à e. de pernas cruzadas, apoiada numa coluna, seg. ponteiro e cornucópia, a seus pés globo.	V-1,91	1		
30	2 B	Id., mas sem marca.	V-1, 91		1	
31	1 A	VICTORIA AVG F. Victoria correndo à d. seg. coroa e palma.	V-1,107	1		
32	2 B	VICTORIA AVG. Victoria de pé à e. seg. coroa e palma.	V-1,104	1		
33	1 B	P M TR P II COS P P Δ . Imp. cam. à d. seg. ceptro e globo. <i>Est. II, n.º 3.</i>				1
CYZICUS						
34	3 C	VICTOR GERMAN. Troféu entre dois cativos sentados.	V-1,247		1	
ATRIBUIÇÃO DUVIDOSA						
35	DIVO CLAVDIO A	CONSECRATIO. Águia à e.	V-1,266		1	
AURELIANUS						
I IMP C L DOM AVRELIANVS AVG.						
ROMA						
36	1 C	CONCORDIA AVG. A. Concordia de pé à e. junto de altar, seg. patera e cornucópia.	V-1,24		1	

(300) A menos que o erro seja apenas relativo ao n.º 33 e nesse caso haja no catálogo omissão deste espécime, está errada a descrição apresentada no texto (p. 214). A descrição correcta do rev. será, como se poderá verificar por pi. V, 80: «Felicitas stg. 1., holding caduceus and cornucopiae».

TESOURO DE ALDEIA DAS DEZ (301)

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3

VOLUSIANUS

ROMA

1	IMP CAES C VIB VOLUSIANO AVG. C	SALVS AVG. Salus de pé à d. alimentando de uma patera uma serpente que tem nos braços (251).	IV-3,184	1		
---	---------------------------------	--	----------	---	--	--

VALERIANUS I

- 1 IMP VALERIANVS AVG.
2 IMP C P LIC VALERIANVS P F AVG.

ROMA

2-3	2 C	ANNONA AVGG. Abundantia de pé à e. seg. espigas e cornucópia, a seus pés o modius (255/6).	V-1,69	1	1	
4	2 C	FELICITAS AVGG. Felicitas de pé à e. seg. caduceu e cornucópia (255/6).	V-1,87	1		
5-6	2 C	RESTITVTOR ORBIS. Imp. de pé à e. seg. lança e erguendo mulher ajoelhada (256/7).	V-1,117			2
MEDIOLANUM						
7	1 C	SECVRIT PERPET. Securitas de pé à e. apoiando-se sobre coluna e seg. lança (258).	V-1,256	1		

GALLIENUS, rein. conjunto

- 1 IMP C P LIC GALLIENVS AVG.
2 IMP C P LIC GALLIENVS P F AVG.
3 IMP GALLIENVS P F AVG GM.

ROMA

8	1 B	CONCORDIA EXERCIT. Concordia de pé à e. seg. patera e dupla cornucópia (254).	V-1,132			1
9	2 B	FELICITAS AVGG. Felicitas de pé à e. seg. caduceu e cornucópia (255/6).	V-1,135	1		
10	2 B	LAETITIA AVGG. Laetitia de pé à e. seg. coroa e âncora (256/7).	V-1,145	1		

(301) V. *supra* pp. 107-108.

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
11	2 B	PROVIDENTIA AVGG. Providentia de pé à e. apoiada numa coluna, seg. ponteiro e cornucópia, a seus pés globo (256/7).	V-1,162	1		
12	3 B	ORIENS AVGG. Sol radiado de pé à d. er-guendo braço d. e seg. chicote (257/8).	V-1,154	1		
13	2 D	ASIA ORIENS AVG. Imp. de pé à e. seg. lança e recebendo coroa do Sol de pé, à e. (259).	V-1,445	1		
SALONINA, rein. conjunto						
1 SALONINA AVG.						
ROMA						
14	1 A	FECVNDITAS AVG. Fecunditas de pé à d. seg. uma criança; a seus pés à e. outra criança de pé (256/7).	V-1,26	1		
15-20	1 A	IVNO REGINA. Juno de pé à e. seg. patera e ceptro (257/8).	V-1,29	3	3	
21	1 A	VENVS GENETRIX. Venus de pé à e. seg. maçã e ceptro, a seus pés Cupido (257/8).	V-1,36	1		
GALLIENUS, rein. exclusivo						
1 GALLIENVS AVG.						
2 IMP GALLIENVS AVG.						
3 IMP CAES GALLIENVS AVG.						
4 IMP GALLIENVS P F AVG.						
ROMA						
22-30	1 A	ABVNDANTIA AVG B . Abundantia de pé à d. esvaziando cornucópia.	V-1,157	3	6	
31	1 A	AEQUITAS AVG VI. Aequitas de pé à e. seg. balança e cornucópia. <i>Est. II, n.º 4.</i>		1		
32-3	1 B	Id., <i>Est. II, n.º 5.</i>		1	1	
34-40	1 A	AETERNITAS AVG I . Sol à e. de pé levantando mão d. e seg. globo. <i>Est. II, n.º 6.</i>		3	4	
41-2	1 A	Id., mas sem marca. <i>Est. II, n.º 7.</i>			2	
43-4	1 B	Id.			2	
45-7	1 A	APOLLINI CONS AVG Z̄. Centauro cam. à d. e retesando o arco.	V-1,163	2	1	
48-50	1 A	APOLLINI CONS AVG H̄. Centauro cam. à e. e seg. um globo e troféu.	V-1,164	3		

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
51-2	1 A	APOLLINI CONS AVG \bar{N} . Centauro cam. à e. e seg. um globo e troféu.	V-1,164		2	
53	1 A	APOLLINI CONS AVG $\bar{\Delta}$. Grifo sentado à e.	V-1,166		1	
54	1 A	APOLLINI CONS AVG $\bar{\Delta}$. Grifo cam. à e.	V-1,166		1	
55-6	1 A	CONSERVAT PIETAT XII. Imp. de pé à e. seg. patera e ceptro, a seus pés figura ajoelhada.	V-1,171		2	
57-8	1 A	DIANAE CONS AVG \bar{XI} . Antílope cam. à d.	V-1,181		2	
59	1 A	Id., mas marca não visível (exergo cortado).	V-1,181?		1	
60	1 A	DIANAE CONS AVG \bar{XI} . Antílope cam. à e.	V-1,181		1	
61-2	1 A	Id., mas XII.	V-1,181		1	1
63-4	1 A	DIANAE CONS AVG \bar{I} . Antílope cam. à e. <i>Est. II, n.º 8.</i>			1	1
65	1 A	Id., mas marca não legível (exergo cort. e esmagado).				1
66-8	1 A	DIANAE CONS AVG $\bar{\varepsilon}$. Corça cam. à d. e olhando para trás.	V-1,177		3	
69	1 A	Id., mas marca não visível (exergo cortado).	V-1,177?		1	
70-1	1 A	DIANAE CONS AVG $\bar{\chi}$. Veado cam. à d.	V-1,179		2	
72	1 A	DIANAE CONS AVG $\bar{\chi}$. Veado cam. à e.	V-1,179		1	
73	1 A	DIANAE CONS AVG $\bar{\zeta}$. Cabra cam. à e. <i>Est. II, n.º 9.</i>				1
74-88	1 A	FORTVNA REDVX ζ . Fortuna de pé à e. seg. leme sobre globo e cornucópia. <i>Est. II, n.º 10.</i>			7	8
89	1 A	HERCVLI CONS AVG. Javali correndo à d.; marca não legível (exergo cortado).	V-1,202?		1	
90	1 B	INDVLGENT AVG \bar{P} . Indulgentia sentada à e. seg. ramo e ceptro. <i>Est. II, n.º 11.</i>			1	
91-2	1 A	INDVLGENTIA AVG XI. Indulgentia de pé à e. de pernas cruzadas apoiada numa coluna seg. ponteiro e cornucópia; a seus pés roda.	V-1,206		1	1
93-4	1 A	IOVI CONS AVG $\bar{\zeta}$. Cabra cam. à e.	V-1,207		2	
95	1 A	IOVI CONS AVG $\bar{\zeta}$. Cabra cam. à d.	V-1,207		1	
96	1 B	Id.	V-1,207		1	
97	1 A	Id., mas marca ilegível (exergo esmagado).	V-1,207?		1	
98-9	1 A	IOVI CONSERVAT N. Jupiter de pé à e. seg. raio e ceptro. <i>Est. II, n.º 12.</i>			1	1
100-1	1 A	IOVI PROVPGNAT XI . Jupiter cam à e. seg. raio.	V-1,214		2	

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
102	1 B	IOVIS STATOR. Jupiter de pé seg. ceptro e raio.	V-1,216	1		
103	1 B	IOVI VLTORI S . Jupiter cam à e. seg. raio e ceptro.	V-1,221	1		
104	1 A	LIBERAL AVG S . Liberalitas de pé à e. seg. uma tessera e cornucópia.	V-1,227		1	
105	1 A	LIBERO P CONS AVG \bar{A} . Pantera cam. à e.	V-1,230		1	
106-9	1 A	LIBERTAS AVG XI. Libertas de pé à e. seg. barrete e ceptro transversal.	V-1,233	1	3	
110-4	1 A	MARTI PACIFERO A . Mars de pé à e. seg. ramo de oliveira, lança e escudo.	V-1,236	2	3	
115	1 B	Id.	V-1,236		1	
116	1 A	Id., mas H .	V-1,236	1		
117-20	1 A	ORIENS AVG Z . Sol cam à e. levantando a mão d. e seg. chicote.	V-1,249	3	1	
121-2	1 A	NEPTVNO CONS AVG \bar{N} . Pégaso(?) saltando à d. <i>Est. II, n.º 13.</i>		2		
123	2 A	PAX AETERNA AVG Δ . Pax de pé à e. seg. ramo de oliveira e ceptro transversal.	V-1,252	1		
124	3 A	Id.	V-1,254		1	
125-6	1 B	PAX AVG V . Pax de pé à e. seg. ramo de oliveira e ceptro transversal. <i>Est. II, n.º 14.</i>			2	
127-8	1 A	PROVID AVG X. Providentia de pé à e. seg. ponteiro e cornucópia, a seus pés globo.	V-1,267	1	1	
129	1 A	SECVRIT ORBIS \bar{V} I. Securitas sentada à e. com a cabeça apoiada na mão e. e seg. ceptro. <i>Est. II, n.º 15.</i>			1	
130-4	1 A	SECVRIT PERPET H. Securitas de pé à e. de pernas cruzadas, seg. ceptro e apoiando-se numa coluna.	V-1,280		5	
135	1 A	Id., mas H .	V-1,280		1	
136	1 A	SOLI CONS AVG H. Pégaso à d. saltando para cima.	V-1,283		1	
137	1 A	Id., mas \bar{A} ou \bar{H} .	V-1,283		1	
138-42	1 A	VBERITAS AVG ζ . Uberitas de pé à e. seg. cacho de uvas e cornucópia. <i>Est. II, n.º 16.</i>		1	4	
143	1 A	Id., mas VBERITAS ou VBERTAS.			1	
144-7	1 A	VICTORIA AET Z . Victoria de pé à e. seg. coroa e palma.	V-1,297	1	3	

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
148-9	1 B	VICTORIA AVG III T . Victoria cam. à e. seg. coroa e palma.	V-1,305	2		
150-1	1 A	VIRTVS AVG P. Mars de pé à e. seg. globo e lança.	V-1,317	1	1	
152-5	1 B	Id.	V-1,317	1	3	
156	1 B	VIRTVS AVG VI. Soldado de pé à e., a mão d. descansando sobre escudo e seg. lança.	V-1,325	1		
157	1 A	Id., mas marca no exergo não visível.	V-1,325?	1		
158-9	1 A	VIRTVS AVGVSTI X . Mars de pé à e. com pé sobre capacete, seg. ramo e lança. <i>Est. II, n.º 17.</i>		1	1	
MEDIOLANUM						
160	1 A	AETERN AVG. Sol de pé à e. mão d. erguida e e. seg. globo; cortada no exergo.	V-1,465 ^a ?		1	
161	1 A	APOLLO CONSER. Apollo à e. de pé seg. ramo de loureiro e manto.	V-1,468	1		
162-3	1 A	DIANA FELIX. Diana de pé à d. seg. lança e arco, a seus pés um cão.	V-1,473	1	1	
164	1 A	FIDES EXERC VIII P. Fides de pé à e. com águia legionária e insígnia.	V-1,478	1		
165-6	1 A	LAETITIA AVG. Laetitia de pé à e. seg. coroa e âncora. <i>Est. II, n.º 18.</i>		1	1	
167	1 B	PAX AVG. Pax caminhando à e. seg. ramo de oliveira e ceptro.	V-1,501		1	
168	1 G	PAX AVGVSTI S . Pax cam à e. seg. ramo de oliveira e ceptro transversal.	V-1,502		1	
169	1 A	PIETAS AVG S. Pietas de pé à e. junto de altar aceso levantando as duas mãos. <i>Est. II, n.º 19.</i>			1	
170	4 A	P M TR P VII COS. Imp. velado seg. patera e ceptro curto, sacrificando em altar à e.	V-1,458		1	
171	2 A	PROVID AVG. Providentia de pé à e. seg. ponteiro e ceptro, globo a seus pés; cortada no exergo.	V-1,509 ^a ?		1	
172	1 B	SECVRIT PERPET. Securitas de pé à e. de pernas cruzadas, seg. ceptro e apoiando-se numa coluna.	V-1,516		1	
173	1 A	Id.	V-1,516		1	
174	1 A	VIRTVS AVG S̄. Soldado de pé à e. com a mão descansando num escudo, seg. lança.	V-1,534		1	

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
SISCIA						
175	1 A	FORTVNA REDVX. Fortuna de pé à e. seg. leme e cornucópia.	V-1,572	1		
ATRIBUIÇÃO DUVIDOSA						
176	1 A	FELICIT AVG P . Felicitas de pé à e. seg. caduceu e ceptro.		1		
177	1 A	FORTVNA REDVX. Fortuna de pé à e. seg. leme sobre globo e cornucópia.		1		
178	1 A	LAETITIA AVG S̄. Laetitia de pé à e. seg. coroa e âncora.		1		
179	1 A	Id., mas sem marca.		1		
180	1 A	ORIENS AVG. Sol de pé à e. levantando a mão d. e seg. globo. <i>Est. II, n.º 20.</i>		1		
181-2	1 B	PAX AVG. Pax sentada à e. seg. ramo de oliveira e ceptro transversal.			2	
183	1 A	PAX AVG S . Pax cam. à e. seg. ramo de oliveira e ceptro. <i>Est. II, n.º 21.</i>		1		
184	1 A	VBERITAS AVG. Uberitas de pé à e. seg. cacho de uvas e cornucópia.		1		
185-6	1 A	Id., campo incompleto (marca não visível?).			2	
INATRIBUÍVEIS						
187	1 A	...TAS AVG. Tipo inidentificável.				1
188-9	1 A	Inidentificável.				2
SALONINA, rein. exclusivo						
1 SALONINA AVG.						
2 COR SALONINA AVG.						
3 CORNEL SALONINA AVG.						
ROMA						
190	1 A	FECVNDITAS AVG A. Fecunditas de pé à e. seg. cornucópia, a seus pés uma criança.	V-1,5ª	1		
191-2	2 A	Id.	V-1,5ª		2	
193-5	3 A	Id.	V-1,5ª	1	2	
196-7	1 A	Id., mas sem marca. <i>Est. II, n.º 22.</i>		1	1	
198-9	1 A	PVDICITIA Q. Pudicitia de pé à e. levantando o véu e seg. ceptro.	V-1,24	1	1	
200-1	1 A	Id., mas sem marca.	V-1,24		2	
202	1 A	VENVS GENETRIX V. Venus de pé à e. seg. maçã e ceptro, a seus pés Cupido.	V-1,30	1		

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
203-5	1 A	VENVS VICTRIX. Venus de pé à e. seg. maçã e ceptro, com escudo por trás e a seus pés.	V-1,31	1	2	
206-7	1 A	VENVS VICTRIX H. Venus de pé à e. seg. capacete e ceptro, com escudo por trás e a seus pés.	V-1,31		2	
208-10	1 A	VESTA Q̄. Vesta sentada à e. seg. patera e e ceptro.	V-1,32	2	1	
		MEDIOLANUM				
211	1 A	VESTA FELIX S. Vesta de pé à e. seg. patera e ceptro.	V-1,69		1	
		SALONINA, rein. conjunto ou exclusivo 1 SALONINA AVG.				
		INATRIBUÍVEL				
212	1 A	VENVS... <i>Venus de pé à d. seg. ceptro e criança.</i>				1
		VALERIANUS II 1 P C L VALERIANVS NOB CAES. 2 DIVO CAES VALERIANO.				
		ROMA				
213	1 C	PIETAS AVGG. Instrumentos de sacrifício.	V-1,20		1	
214	2 C	CONSECRATIO. Altar.	V-1,24		1	
		CLAUDIUS II 1 IMP CLAVDIVS AVG. 2 IMP C CLAVDIVS AVG.				
		ROMA				
215	2 A ou B	AEQUITAS AVG. Aequitas de pé à e. seg. balança e cornucópia.	V-1,14		1	
216-20	2 B	Id.	V-1,14	2	3	
221	2 B	ANNONA AVG. Annona de pé à e. com o pé sobre proa, seg. espigas e cornucópia.	V-1,18		1	
222-3	1 ou 2 B	Id.	V-1,19/18		2	
224	1 A	APOLLINI CONS H. Apollo de pé à e. seg. ramo de loureiro e lira sobre rochedo.	V-1,22		1	
225	2 B	FIDES EXERCI XI. Fides de pé à d. seg. duas insígnias, uma das quais transversal.	V-1,34		1	
226-31	2 B	Id., mas sem marca.	V-1,34		6	
232	1 A	GENIVS AVG T. Genius de pé à e. junto de um altar seg. patera e cornucópia.	V-1,46		1	

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
233-5	2 B	Id., mas sem marca.	V-1,45	1	2	
236	2 B	GENIVS EXERCI. Genius de pé à e. seg. patera e cornucópia.	V-1,48		1	
237-9	2 B	IOVI STATORI. Jupiter de pé à d. seg. raio e ceptro.	V-1,52		3	
240	1 A	IOVI VICTOR III. Jupiter de pé à e. seg. raio e ceptro.	V-1,55		1	
241	1 B	Id.	V-1,55		1	
242	2 C	Id., mas sem marca.	V-1,54	1		
243-8	2 B	Id.	V-1,54		6	
249	2 B	LIBERALITAS AVG. Liberalitas de pé à e. seg. tessera e cornucópia.	V-1,57		1	
250	1 A	MARTI PACIF X . Mars de pé a e. seg. ramo de oliveira, lança e escudo. <i>Est. II, n.º 23.</i>			1	
251	1 ou 2 A	P M TR P II COS P P Δ. Imp. cam. à d. seg. ceptro e globo. <i>Est. II, n.º 24.</i>			1	
252	1 ou 2 B	P M TR P II COS P P. Imp de pé à e. seg. ramo e ceptro curto (269).	V-1,11/10		1	
253-5	2 B	PROVIDENT AVG. Providentia de pé à e. de pernas cruzadas, apoiada numa coluna, seg. ponteiro e cornucópia; a seus pés globo.	V-1,91		3	
256	2 A ou B	Id.	V-1,91		1	
257	2 B	SALVS AVG. Salus de pé à e. alimentando serpente que se eleva de altar e seg. ceptro.	V-1,98		1	
258	1 ou 2 B	Id.	V-1,99/8		1	
259-62	2 B	SPES PVBLICA. Spes de pé à e. seg. flor e levantando o manto.	V-1,102	1	3	
263-5	2 B	VICTORIA AVG. Victoria de pé à e. seg. coroa e palma.	V-1,104	1	2	
266-8	2 B	VIRTVS AVG. Soldado de pé à e., seg. ramo e lança; a seus pés escudo.	V-1,109	1	2	
269-70	2 C	Id.	V-1,109	1	1	

TESOURO DE ID ANHA-A-NOVA (302)

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de Cohen I	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
VALENTINIANUS I						
I D N VALENTINIANVS P F AVG.						
1	1 E	REPARATIO REIPVB. Imp. em traje militar de pé à e. seg. globo encimado por Victoria e erguendo mulher de joelhos.	VI,43			1
GRATIANUS						
I D N GRATIANVS P F AVG.						
2	1 E	REPARATIO REIPVB ANTA. Imp. em traje militar de pé à e. seg. globo encimado por Victoria e erguendo mulher de joelhos.	VI,2			1
3	1 E	Id., mas SMRQ.	VI,2			1
4	1 E	Id., mas SCON.	VI,2			1
5	1 E	Id., mas LVGF ou LVGP.	VI,2			1
6	1 E	Id., mas I B e exergo ilegível (esmagado).	VI,2			1
THEODOSIUS I						
I D N THEODOSIVS P F AVG.						
7	1 E	GLORIA ROMANORVM ANTA. Imp. em traje militar de frente, olhando à d., seg. estandarte e globo.	VI,41			1
8	1 E	Id., mas CONTA	VI,41			1
9	1 E	Id., mas exergo ilegível.	VI,41			1
MAGNUS MAXIMUS						
I D N MAG MAXIMVS P F AVG.						
10-11	1 E	REPARATIO REIPVG SCON. Imp. em traje militar de pé à e. seg. globo encimado por Victoria e erguendo mulher de joelhos.	VI,14			2

(302) V. *supra* pp. 69-70.

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de Cohen I	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
HONORIUS						
I D N HONORIVS P F AVG.						
12	1 E	GLORIA ROMANORVM CHĀ... Imp. em traje militar de pé, de frente, olhando à d., seg. estandarte e globo.	VI,44			1
13	1 E	Id., mas SMN...	VI,44			1
14	1 E	Id., mas SMKA.	VI,44			1
15	1 E	Id., mas AN...	VI,44			1
16-17	1 E	Id., mas * e exergo ilegível.	VI,44			2
ARCADIUS						
I D N ARCADIVS P F AVG.						
18-19	1 E	GLORIA ROMANORVM SMKR. Imp. em traje militar de frente, olhando à d., seg. estandarte e globo.				2
20	1 E	Id., mas CONS.				1
21	1 E	Id., mas AN...	(303)			1
INATRIBUÍVEIS						
22	E	Inidentificável.				1
23	E	REPARATIO REIPVB SCON. Imp. em traje militar de pé à e. seg. globo encimado por Victoria e erguendo mulher ajoelhada.				1

(303) Os exemplares 18, 19, 20 e 21 não se mencionam em J. Sabatier, *Description générale des monnaies bysantines*, Paris, 1862. Diferem do espécime 35, p. 105, deste catálogo apenas pela ausência de estrela no campo à d., por baixo do globo.

TESOURO DE CASAL COUVEIRO (304)

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de Cohen 1	N.º de ex. Classes		
				1	2	3

AUGUSTUS

1 CAESAR AVGVSTVS DIVI F PATER
PATRIAE

1	1 H	C L CAESARES AVGVSTI F COS DESIG PRINC IVVENT. Caio e Lúcio de pé, cada um com escudo e lança; no campo taça de libações e bastão de augure.	1,87	1
2	1 H	Id., e com X no campo.	1,87	1

TIBERIUS

1 TI CAESAR DIVI AVG F AVGVSTVS
PONT MAXIM. Lívia sentada à d., seg. ceptro e flor.

3	1 H	PONT MAXIM. Lívia sentada à d., seg. ceptro e flor.	1,2	1
4	1 H	TR POT XVII IMP VII. Imp. numa quadriga galopando à d., seg. ramo e ceptro encimado por águia.	1,6	1

(304) V. *supra* p. 72.

TESOURO DE CERCA (Columbeira) (305)

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de Cohen I	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
MAGNUS MAXIMUS						
I D N MAG MAXIMVS P F AVG.						
1-2	1 E	REPARATIO REIPVB <u>SCON</u> . Imp. em traje militar de pé à e. seg. globo com Victoria e erguendo mulher de joelhos.	VI,14	1	1	
3	1 E	VICTORIA AVGG. Imp. em traje militar de pé à e. seg. globo com Victoria e estandarte; exergo ilegível (esmagado).	VI,17		1	
THEODOSIUS I						
I D N THEODOSIVS P F AVG.						
4	1 E	GLORIA ROMANORVM <u>CONTA</u> . Imp. em traje militar de pé, de frente, olhando à d., seg. estandarte e globo.	VI,41	1		
INATRIBUÍVEL						
5	E	REPARATIO REIPVB. Tipo como da n.º 2; exergo ilegível (cortado).			1	

(305) V. *supra* pp. 74-75.

TESOURO DE COLUMBEIRA (arredores) (306)

- 1) *DENARIO ANÓNIMO?*
 Anv.: Cab. laur. à d.
 Rev.: Quadriga à d. com condutor.
- 2) *AELIA 4* De C. Alius Bala (100-91 a.C.) (307) Bab. I, p. 110
 Anv.: BALA. Cab. diad. de Diana à d.; debaixo do queixo letra.
 Rev.: C ALLI (Caius Alius). Diana seg. dois fachos numa biga de veados galopando à d.; em baixo, sob os veados, símbolo; tudo dentro de coroa de loureiro.
- 3) *AEMILIA I* De Man. Aemilius Lepidus (109-100 a.C.) Bab. I, p. 118
 Anv.: ROMA. Busto de Roma, laur. e diad., à d.; atrás *
 Rev.: MN AEMILIO LEP (Manio Aemilio Lepido). Três arcos de um arco de triunfo suportando estátua de cavaleiro que segura lança; estátua à d. e sob os arcos as letras LEP da legenda.
- 4) *AFRANIA I* De Spurius Afranius (145-138 a.C.) Bab. I, p. 135
 Anv.: Cab. de Roma à d. com capacete alado e encimado por cabeça de águia; atrás .X.
 Rev.: S AFRA ROMA (Spurius Afranius). Vitória seg. chicote, numa biga a galope à d.
- 5) *ANTESTIA 9* De L. Antestius Gragulus (135-127 a.C.) Bab. I, p. 146
 Anv.: GRAG (Gragulus). Cab. de Roma à d. com capacete alado; adiante *.
 Rev.: L ANTES ROMA (Lucius Antestius). Jupiter de pé numa quadriga a galope à d., seg. ceptro e lançando raio.
- 6-7) *APPULEIA 1* var. De L. Appuleius Saturninus (101-92 a.C.) Bab. I, p. 208.
 Anv.: Cab. de Roma à e. com capacete alado e encimado por cab. de águia.
 Rev.: L SATVRN (Lucius Saturninus). Saturno numa quadriga a galope à d. seg. foice; no campo, por cima da quadriga, X.
- 8) *AURELIA 21* De Lucius Aurelius Cota (103-101 a.C.) Bab. I, p. 244
 Anv.: Cab. de Vulcano com pileo, tenazes e * atrás, F debaixo do queixo; tudo dentro de coroa de mirto.
 Denário incuso.
- 9) *BAEBIA 12* De M. Baebius Q. f. Tampilus (120 a.C.) Bab. I, p. 254
 Anv.: TAMPIL (Tampilus). Cab. de Roma à e. com capacete, alado; de frente X.
 Rev.: ROMA M BAEBI Q F (Marcus Baebius, Quinti filius). Apolo semi-nu com o manto flutuante, seg. palma, arco e flecha, de pé numa quadriga galopando à d.

(306) V. *supra* pp. 75-77.(307) V. *supra* n. 116.

- 10) **CALIDIA 1** De Marcus Calidius, Quintus Metellus, Cnaeus Fulvius (109-100 a.C.) Bab. I, p. 283
 Anv.: ROMA. Cab. de Roma con capacete alado, à d.; à frente, debaixo do queixo, *.
 Rev.: M CALID Q MET CN FL (Marcus Calidius, Quintus Metellus, Cnaeus Fulvius). Vitória seg. coroa de pé numa biga a galope à d.
- 11) **CALPURNIA 11** var. De L. Calpurnius Piso Frugi (90-85 a. C.) Bab. I, p. 292
 Anv.: Cab. laur. de Apoio à d.; à frente T, atrás símbolo.
 Rev.: L PISO FRUGI (Lucius Piso Frugi). Cavaleiro a galope à d., seg. palma, em baixo I.
- 12) **CASSIA 1** De C. Cassius Longinus (119-110 a.C.) Bab. I, p. 325
 Anv.: Cab. de Roma com capacete alado à d.; atrás * e urna de voto.
 Rev.: C CASSI ROMA (Caius Cassius). Liberdade seg. ceptro e barrete, de pé numa quadriga galopando à d.
- 13) **CLAUDIA 1** De C. Claudius Pulcher (106-104 a.C.) Bab. I, p. 345
 Anv.: Cab. de Roma à d. com capacete alado.
 Rev.: C PVLCHER (Caius Pulcher). Vitória numa biga galopando à d.
- 14) **CORNELIA 19**. De Cn. Cornelius Blasio (109-100 a.C.) Bab. I, p. 396
 Anv.: CN BLASIO CN F (Cnaeus Blasio, Cnaei filius). Cab. de Cipião Africano o Antigo com capacete à d.; em cima estrela, atrás marca monetária.
 Rev.: ROMA. Júpiter de pé, seg. raio e ceptro entre Juno à sua d. seg. ceptro e Minerva de capacete à sua e., que coroa o soberano dos deuses; no campo marca monetária, que parece AB.
- 15) **CORNELIA 50** De Cnaeus Lentulus (90-85 a.C.) Bab. I, p. 415
 Anv.: Busto de Marte à d., visto a três quartos, de trás.
 Rev.: CN LENTVL (Cnaeus Lentulus). Vitória seg. coroa numa biga galopando à d.
- 16) **CURTIA 2** De Q. Curtius (109-100 a.C.) Bab. I, p. 450
 Anv.: Q CVRT (Quintus Curtius). Cab. de Roma à d. com capacete alado; atrás X.
 Rev.: M SILA ROMA (Marcus Silanus). Jupiter numa quadriga a galope à d. seg. ceptro e lançando raio; por cima *lituus*.
- 17) **DOMITIA 14** De Cn. Domitius Ahenobarbus (119-110 a.C.) Bab. I, p. 462
 Anv.: Cab. de Roma com capacete alado á d.; atrás espiga, à frente *.
 Rev.: CN DOM ROMA (Cnaeus Domitius). Vitória numa biga a galope à d.; por baixo desta, guerreiro combatendo cão de grande estatura.
- 18) **FABIA 1** De Q. Fabius Labeo (109-100 a.C.) Bab. I, p. 480
 Anv.: LABEO ROMA. Cab. de Roma à d. com o capacete alado; diante, debaixo do queixo, X.
 Rev.: Q FABI (Quintus Fabius). Jupiter seg. ceptro e lançando raio, de pé numa quadriga, galopando à d.; debaixo da quadriga proa de navio.

- 19) **FABIA** 14 De C. Fabius C. f. Buteo (100-91 a.C.) Bab. I, p. 486
 Anv.: EX A PV (Ex argento publico). Cab. de Cibele velada e com coroa mural à d.
 Rev.: C FABI C F (Caius Fabius, Caii filius). Vitória numa biga galopando à d.; diante da biga a ave *buieo*; sob a biga letra.
- 20) **FLAMINIA** 1 De L. Flaminius Cilo (109-100 a.C.) Bab. I, p. 495
 Anv.: ROMA. Cab. de Roma à d. com capacete alado; à frente, sob o queixo, X.
 Rev.: L FLAMINI CILO (Lucius Flaminius Cilo). Vitória seg. coroa de pé numa biga a galope à d.
- 21) **FONTEIA** 1 De C. Fonteius (109-100 a.C.) Bab. I, p. 499
 Anv.: Cab. laur. e bifronte de Fontus, filho de Jano; à d. *, à e. M, entre o busto cinco pontos.
 Rev.: C FONT ROMA (Caius Fonteius). Galera com piloto navegando à e.
- 22) **FONTEIA** 7 ou 8 De Man. Fonteius (109-100 a.C.) Bab. I, p. 503
 Anv.: Cab. sobrepostas e laur. dos Dióscuros à d., encimadas por estrelas.
 Rev.: MN FONTEI (Manius Fonteius). Galera munida de remos à d., com piloto ao leme.
- 23) **FURIA** 18 De M. Fourius L. f. Philus (112-108 a.C.) Bab. I, p. 525
 Anv.: M FOURI L F (Marci Fourii, Lucii filii). Cab. laur. de Jano.
 Rev.: PHILI ROMA. Roma de capacete de pé, virada à e., seg. ceptro na mão e. coroadando troféu por debaixo do qual estão dois escudos e dois *carnyx*; por cima estrela.
- 24) **JUNIA** 15 De D. Junius Silanus L. f. (90-85 a.C.) Bab. II, p. 108
 Anv.: Cab. de Roma à d. com capacete alado; atrás F.
 Rev.: D SILANVS L F ROMA (Decimus Silanus Lucii filius). Vitória numa biga a galope à d.; por cima VI.
- 25-26) **LUCILIA** 1 De Marcus Lucilius Rufus (100-95 a.C.) Bab. II, p. 150
 Anv.: PV (Publice). Cab. de Roma à d. com capacete alado e encimado por cab. de águia; tudo dentro de coroa de loureiro.
 Rev.: M LVCILI RVF (Marcus Lucilius Rufus). Vitória seg. chicote numa biga a galope à d.
- 27) **MALLIA** 2 De Titus Mallius e Appius Claudius (106-104 a.C.) Bab. II, p. 169
 Anv.: Cab. de Roma à d. com capacete alado; atrás círculo inscrito num quadrado.
 Rev.: T MAL AP CL Q VR (Titus Mallius, Appius Claudius, quaestores urbani). Vitória numa triga galopando à d.
- 28) **MEMMIA** 1 De L. Memmius (109-100 a.C.) Bab. II, p. 213
 Anv.: Cab. jovem com coroa de carvalho à d.; à frente *.
 Rev.: L MEMMI (Lucius Memmius). Dióscuros Castor e Pollux de pé, de frente, seg. seus cavalos pelas rédeas; por cima das suas cabeças estrelas.

- 29) **MINUCIA 19** De Q. Minucius Thermus (100-91 a.C.) Bab. II, p. 235
 Anv.: Cab. de Roma à e. com capacete de crina ornado de plumas.
 Rev.: Q THERM M F (Quintus Thermus Marci filius). Dois guerreiros combatendo; um é um legionário romano, o outro um bárbaro com capacete ornado de chifres e escudo chanfrado; entre eles guerreiro romano caído.
- 30) **PLUTIA 1** De C. Plutius (137-134 a.C.) Bab. II, p. 329
 Anv.: Cab. de Roma à d. com capacete alado e encimado por cab. de águia; atrás X.
 Rev.: C PLVTI ROMA (Caius Plutius). Dióscuros a cavalo galopando à d.
- 31) **POMPONIA 1** De L. Pomponius Cnaei filius (112-109 a.C.) Bab. II, p. 360
 Anv.: L POMPONI CN F (Lucius Pomponius, Cnaei filius). Cab. de de Roma à d. com capacete alado; atrás X.
 Rev.: L LIC CN DOM (Lucio Licínio, Cnaeo Domitio). Bituitus de pé numa biga a galope à d., seg. escudo e *carnyx* e lançando dardo.
- 32-33) **QINCTIA 6** De Ti. Quinctius Trogus (109-100 a.C.) Bab. II, p. 394
 Anv.: Busto de Hércules visto de costas e perfil, olhando á e., com a maça sobre o ombro.
 Rev.: TI Q (Tiberius Quinctius). Cavaleiro nu e laur. conduzindo dois cavalos a galope à e.; por baixo um rato; no exergo as letras DSS (de senatus sententia) gravadas em baixo relevo sobre pequena tabuleta; no campo a n.º 32 apresenta A e a 33 B.
- 34) **SERGIA 1** De M. Sergius Silus (109-100 a.C.) Bab. II, p. 443
 Anv.: ROMA EX S C (Ex senatus consulto). Cab. de Roma á d. com capacete alado e encimado por cab. de águia; atrás *.
 Rev.: M SERGI SILVS (Marcus Sergius Silus); no campo Q (quaestor). Cavaleiro armado de capacete e couraça galopando à e., seg. na mão e. a espada e a cabeça com largos cabelos de inimigo vencido, provavelmente um gaulês.
- 35) **SERVILIA 14** De P. Servilius M. f. Rullus (100-95 a.C.) Bab. II, p. 451
 Anv.: RVLLI. Busto com capacete de Palas à e.
 Rev.: P. SERVILI M F (Publii Servilii Marci filii). Vitória seg. palma numa biga galopando à d.; sob a biga P (publice).
- 36-37) **THORIA 1** De L. Thorius Balbus (100-95 a.C.) Bab. II, p. 488
 Anv.: I S M R (Juno Sispes Mater Regina). Cab. de Juno Lanuviano à d. coberta com pele de cabra.
 Rev.: L THORIVS BALVVS (Lucius Thorius Balbus). Touro furioso arremetendo à d.; no campo da n.º 36 G, no da 37 K.
- 38) **TITIA 2** De Quintus Titius (90-85 a.C.) Bab. II, p. 491
 Anv.: Cab. de Baco coroada de pâmpano à d.
 Rev.: Q TITI (Quintus Titius). Pégaso voando à d.

- 39) *TITURIA 2* De L. Titurius Sabinus (90-85 a.C.) Bab. II, p. 498
 Anv.: SABIN (Sabinus). Cab. nua e barbuda do rei sabino Tatius à d.;
 diante palma.
 Rev.: L TITVRI (Lucius Titurius). Dois guerreiros romanos de frente
 cada um seg. nos braços uma sabina.
- 40) *TITURIA 4* De L. Titurius Sabinus (90-85 a.C.) Bab. II, p. 498
 Anv.: SABIN (Sabinus). Cab. nua e barbuda do rei sabino Tatius à d.;
 à frente palma.
 Rev.: L TITVRI (Lucius Titurius). Tarpeia de cabelos soltos, erguendo
 os braços para o céu; a parte inferior oculta por escudo, entre dois
 guerreiros que combatem e que ela tenta separar; em cima, no campo,
 estrela no crescente lunar.
- 41) *TULLIA 1* De M. Tullius (108-100 a.C.) Bab. II, p.503
 Anv.: ROMA. Cab. de Roma à d. com capacete alado e encimado por
 por cab. de águia.
 Rev.: M TVLLI (Marcus Tullius). Vitoria seg. palma de pé numa qua-
 driga a galope à d.; por cima coroa; sob quadriga a marca X.
- 42) *VIBIA 1* De C. Vibius C. f. Pansa (90-85 a.C.) Bab. II, p. 538
 Anv.: PANSA. Cab. laur. de Apoio à d.; à frente símbolo.
 Rev.: C VIBIVS C F (Caius Vibius, Caii filius). Palas seg. na mão d.
 ceptro e na e. troféu, de pé numa quadriga a galopeà d..
- 43) *VIBIA 2* ou var. De C. Vibius C. f. Pansa (90-85 a.C.) Bab. II, p.539
 Anv.: PANSA. Cab. laur. de Apoio à d., com grandes aneis de cabelo;
 à frente vestígio de símbolo.
 Rev.: C VIBIVS C F (Caius Vibius, Caii filius). Palas seg. na mão d.
 ceptro e na e. troféu, de pé numa quadriga a galope à d.

TESOURO DE BORBA OU DA REGIÃO (308)

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex.		
				Classes		
				1	2	3
GALLIENUS, rein. exclusivo						
1 GALLIENVS AVG.						
2 IMP GALLIENVS AVG.						
ROMA						
1-5	1 A	ABVNDANTIA AVG B . Abundantia de pé à d. esvaziando cornucópia.	V-1,157	2	3	
6	1 A	Id., mas sem qualquer marca.	V-1,157?			1
7-8	1 A	AEQUIT AVG. Aequitas de pé à e. seg. balança e cornucópia.	V-1,159			2
9-13	1 A	AETERNITAS AVG Γ . Sol de pé à e. levantando o braço d. e seg. glob. <i>Est. I, n.º 1.</i>				1 4
14-5	1 A	APOLLINI CONS AVG Z̄. Centauro cam. à d. estirando o arco.	V-1,163	1	1	
16	1 A	Id., mas marca não visível (cortada no exergo).	V-1,163?			1
17-9	1 A	APOLLINI CONS AVG H̄. Centauro cam. à e. seg. globo e troféu.	V-1,164			3
20	1 A	Id., mas marca não visível (cortada no exergo).	V-1,164?			1
21	1 A	APOLLINI CONS AVG Δ. Grifo cam. à e.	V-1,166			1
22	2 A	Id.	V-1,165			1
23-6	1 A	DIANAE CONS AVG Γ̄. Antílope cam. à e. <i>Est. I, n.º 2.</i>		1	3	
27	1 B	Id.				1
28-33	1 A	DIANAE CONS AVG XĪ. Antílope cam. à d.	V-1,181	1	5	
34-36	1 A	DIANAE CONS AVG XIĪ. Antílope cam. à e.	V-1,181	2	1	
37-39	1 A	DIANAE CONS AVG ε̄. Corça cam. à d. e olhando para trás.	V-1,177			3
40	2 A	Id.	V-1,177			1
41-3	1 A	Id., mas marca não legível.	V-1,177?			3
44-6	1 A	DIANAE CONS AVG X̄. Veado cam. à e.	V-1,179	2	1	
47	1 A	Id., mas marca não legível (exergo esmagado).	V-1,179?			1
48	1 A	DIANAE CONS AVG. Veado cam. à d.; marca do exergo não legível (exergo cortado).	V-1,179?			1

(308) V. *supra* pp. 106-107.

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
49-53	1 A	FIDES MILITVM N. Fides de pé à e. seg. insígnia e ceptro.	V-1,192 ^a	1	4	
54	1 A	Id., mas H. <i>Est. I, n.º 3.</i>				1
55-8	1 A	FORTVNA REDVX ζ. Fortuna de pé à e. seg. leme e cornucópia. <i>Est. I, n.º 4.</i>		1	3	
59	1 A	Id., mas sem marca. <i>Est. I, n.º 5.</i>				1
60	1 A	INDVLGENT AVG. Indulgentia sentada à e. seg. ramo e ceptro; marca no exergo não legível.	V-1,205?			1
61	1 A	IOVI CONS AVG ζ̄. Cabra cam. à e.	V-1,149			1
62	1 A	Id., mas marca não visível (exergo cortado).	V-1,149?			1
63-4	1 A	IOVI CONSERVAT N . Jupiter de pé à e. seg. raio e ceptro	V-1,210	1	1	
65-6	1 A	Id., mas N. <i>Est. I, n.º 6.</i>		1	1	
67-70	1 A	IOVI PROPVGNAT XI . Jupiter cam. à e. seg. raio e com o manto ao vento, por trás.	V-1,214			4
71	1 A	Id., mas I <i>Est. I, n.º 7.</i>				1
72	1 A	IOVIS STATOR ζ . Jupiter de pé seg. ceptro e raio.	V-1,216	1		
73-4	1 B	LIBERAL AVG S . Liberalitas de pé à e. seg. tessera e cornucópia.	V-1,227			2
75	1 A	LIBERTAS AVG. Libertas de pé à e. seg. barrete e cornucópia. <i>Est. I, n.º 8.</i>				1
76-8	1 A	MARTI PACIFERO A . Mars de pé à e. seg. lança, escudo e ramo de oliveira.	V-1,236	1	2	
79	1 A	NEPTVNO CONS AVG N̄. Pégaso (?) saltando à e. <i>Est. I, n.º 9.</i>				1
80-2	1 A	NEPTVNO CONS AVG N̄. Pégaso (?) saltando à d. <i>Est. I, n.º 10.</i>		2	1	
83	1 A	Id., mas marca do exergo ilegível.				1
84-5	1 A	ORIENS AVG Z . Sol cam. à e. levantando a mão d. e seg. chicote.	V-1,249			2
86	1 A	PAX AVG T. Pax de pé à e. seg. ramo de oliveira e ceptro.	V-1,256	1		
87	1 B	Id., mas T .	V-1,256	1		
88-9	1 A	Id., mas Δ .	V-1,256	1	1	
90	1 A	Id., mas V.	V-1,256			1
91	1 A	PAX PVBLICA V̄. Pax sentada à e. seg. ramo de oliveira e ceptro.	V-1,260			1
92-3	1 A	PROVID AVG X. Providentia de pé à e. seg. ponteiro e cornucópia, a seus pés globo.	V-1,267			2

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
94	1 A	SALVS AVG XII. Salus de pé à d. alimentando serpente nos seus braços.	V-1,274 ^a		1	
95-7	1 A	SECVRIT PERPET H. Securitas de pé à e. de pernas cruzadas, seg. ceptro e apoiada numa coluna.	V-1,280	2	1	
98-99	1 A	SOLI CONS AVG ¯ A. Pégaso à d. saltando para cima.	V-1,283		2	
100	1 A	Id., marca não visível (exergo cortado).	V-1,283?		1	
101-2	1 A	VICTORIA AET Z . Victoria de pé à e. seg. coroa e palma.	V-1,297		2	
103-6	1 A	VBERITAS AVG ε. Uberitas de pé à e. seg. bolsa e cornucópia. <i>Est. I, n.º 11.</i>		2	2	
107-12	1 A	Id., mas VBERTAS ou VBERITAS.			6	
113	1 A	VIRTVS AVG P. Mars de pé à e. seg. globo e lança.	V-1,317		1	
114	1 A	VIRTVS AVGVSTI X . Mars de pé à e. seg. ramo e lança. <i>Est. I, n.º 12.</i>			1	
		MEDIOLANUM				
115	1 A	PROVID AVG M̄P. Providentia de pé à e. seg. globo e ceptro.	V-1,508 ^a		1	
		SISCIA				
116	1 A	PAX AVG S I. Pax de pé à e. seg. ramo de oliveira e ceptro.	V-1,575		1	
117	1 A	PROVID AVG II. Providentia de pé à e. seg. cornucópia e ponteiro, a seus pés um globo.	V-1,580		1	
		ATRIBUIÇÃO DUVIDOSA				
118	1 A	FIDEI PRAET. Genius de pé à e. seg. patera e cornucópia, à d. insígnia. <i>Est. I, n.º 13.</i>			1	
119	1 A	IOVI CONSERVA S . Jupiter de pé à e. seg. raio e ceptro, a seus pés uma águia.			1	
120	1 B	LAETITIA AVG. Laetitia de pé à e. seg. coroa e âncora. <i>Est. I, n.º 14.</i>			1	
121-3	1 A	Id. <i>Est. I, n.º 15.</i>			3	
124-6	1 A	LIBERO P CONS AVG ¯ B. Pantera cam. à e.			3	
127	1 A	Id., mas marca não visível (cortado no exergo).			1	
128-9	1 A	PAX AVG. Pax de pé à e. seg. ramo de oliveira e ceptro.			2	
130	1 A	PROVID AVG. Providentia de pé à e. seg. globo e ceptro.			1	

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
131	1 A	PROVIDENTIA AVG S. Providentia de pé à e. seg. ponteiro e cornucópia, apoiada numa coluna; a seus pés um globo. <i>Est. I, n.º 16.</i>		1		
132	1 A	VICTORIA AET. Victoria de pé à e. seg. coroa e palma.			1	
133	1 B	VICTORIA ... T . Victoria cam. à e. seg. coroa e palma. <i>Est. I, n.º 17.</i>			1	
		INATRIBUÍVEIS				
134	1 A	...CONS AVG. Tipo inidentificável.				1
135-6	1 A	Inidentificável.				2

SALONINA, rein. exclusivo

1 SALONINA AVG.

2 COR SALONINA AVG.

3 CORNEL SALONINA AVG.

ROMA

137-8	2 A	FECVNDITAS AVG A. Fecunditas de pé à e. seg. cornucópia, uma criança de pé a seus pés à e.	V-1,5ª	1	1	
139	3 A	Id.	V-1,5ª			1
140	1 A	Id.	V-1,5			1
141	1 A	FECVNDITAS AVG. Fecunditas de pé à e. seg. cornucópia...	V-1,5?			1
142	1 A	IVNO CONSERVAT V ou N. Juno de pé à e. seg. patera e cornucópia, a seus pés um pavão. <i>Est. I, n.º 18.</i>				1
143-4	2 A	IVNONI CONS AVG A. Corça cam. à e.	V-1,16			2
145	2 A	Id., mas marca não visível (exergo esmagado).	V-1,16?			1
146	1 A	IVNO REGINA Q. Juno de pé à e. seg. patera e ceptro, a seus pés um pavão.	V-1,12			1
147	1 A	PVDICITIA. Pudicitia de pé à e. erguendo véu e seg. ceptro.	V-1,24			1

CLAUDIUS II

1 IMP CLAVDIVS AVG.

2 IMP C CLAVDIVS AVG.

3 IMP CLAVDIVS P F AVG.

4 IMP CLAVDIVS CAES AVG.

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
ROMA						
148-9	2 A	AEQUITAS AVG ç. Aequitas de pé à e. seg. balança e cornucópia.	V-1,14	2		
150	2 B	Id., mas sem marca.	V-1,14	1		
151	1 A	AETERNIT AVG N̄. Sol. de pé à e. seg. globo e erguendo a mão d.	V-1,16	1		
152	1 B	Id., mas H̄.	V-1,16	1		
153	2 B ou C	AETERNITAS AVG. Sol de pé à e. seg. globo e erguendo a mão d. <i>Est. I, n.º 19</i> .		1		
154	1 A	ANNONA AVG Δ. Annona da pé à e. seg. espigas e cornucópia, o pé sobre proa.	V-1,19	1		
155	1 ou 2 B	Id., mas sem marca.	V-1,19 ou 18	1		
156-8	2 C	Id.	V-1,18	1	2	
159	1 A	FELICITAS AVG B. Felicitas de pé à e. seg. caduceu e cornucópia.	V-1,33	1		
160	1 B	Id., mas sem marca. <i>Est. I, n.º 20</i> .	V-1,32 (309)	1		
161	2 B	Id.	V-1,32	1		
162	1 ou 2 A	Id.	V-1,33 ou 32	1		
163	2 A	FIDES EXERCI. Fides de pé à e. seg. duas insígnias, sendo uma transversal.	V-1,34	1		
164	2 B	Id.	V-1,34	1		
165	1 A	FIDES MILITVM ε. Fides de pé à e. seg. estandarte e lança. <i>Est. I, n.º 21</i> .		1		
166-7	1 A	GENIVS AVG Γ. Genius de pé à e. seg. patera e cornucópia, a seus pés uma altar à e.	V-1,46	1	1	
168	1 ou 2 A	Id.	V-1,46 ou 45	1		
169	2 C	Id.	V-1,45	1		
170	2 B	Id.	V-1,45	1		
171-2	2 B	Id., mas sem marca.	V-1,45	1	1	
173	1 A	GENIVS EXERCI Z. Genius de pé à e. seg. patera e cornucópia.	V-1,49	1		
174	1 A ou C	Id.	V-1,49	1		
175-6	2 A	Id.	V-1,48	2		
177	1 ou 2 A	Id., mas marca não visível (campo cortado).	V-1,49 ou 48	1		
178-9	2 A	GENIVS EXERCI. Genius de pé à e. seg. patera e cornucópia.	V-1,48	2		

(309) V. *supra* n. 300.

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de Cohen 1	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
180	2 B	GENIVS EXERCI. Genius de pé à e. seg. patera e cornucópia.	V-1,48		1	
181	2 C	Id.	V-1,48		1	
182-3	2 B	IOVI STATORI. Jupiter de pé à d. seg. raio e ceptro. <i>Est. I, n.º 22.</i>				2
184	2 C	Id.	V-1,52		1	
185	1 A	IOVI VICTORI III. Jupiter de pé à e. seg. raio e ceptro.	V-1,55		1	
186	1 ou 2 A	Id.	V-1,55 ou 54		1	
187	2 B	Id.	V-1,54		1	
188	2 C	Id., mas sem marca.	V-1,53		1	
189-90	1 A	LAETITIA AVG XII. Laetitia de pé à e. seg. coroa e âncora.	V-1,56			2
191-2	2 B	LIBERALITAS AVG. Liberalitas de pé à e. seg. tessera e cornucópia.	V-1,57			2
193	2 B	LIBERT AVG X. Libertas de pé à e. seg. píteo e cornucópia.	V-1,62		1	
194	1 A	LIBERTAS AVG. Libertas de pé à e. seg. píteo e cornucópia. <i>Est. I, n.º 23.</i>			1	
195-6	1 A	MARS VLTOR H. Mars cam. à d. seg. lança e troféu.	V-1,67			2
197-8	1 ou 2 A	Id.	V-1,67 ou 66			2
199-200	2 A	Id., mas sem marca.	V-1,66		2	
201-4	2 B	Id.	V-1,66		4	
205	1 A	MARS VLTOR. Tipo inidentificável.	V-1,67?		1	
206-8	2 B	P M TR P II COS P P. Imp. à e. seg. ramo e ceptro curto.	V-1,10	1	2	
209	2 B	P M TR P II COS P P. Imp. cam. à d. seg. ceptro e globo.	V-1,12		1	
210	1 A	PROVIDENT AVG G. Providentia de pé à e. seg. ponteiro e ceptro, a seus pés um globo à e.	V-1,94		1	
211	1 B	PROVIDENT AVG XII. Providentia de pé à e. de pernas cruzadas, apoiada numa coluna e seg. ponteiro e cornucópia; a seus pés um globo à e.	V-1,92		1	
212-3	2 B	Id., mas sem marca.	V-1,91			2
214	2 C	Id.	V-1,91		1	
215-6	2 B	SALVS AVG. Salus de pé à e. seg. ceptro na mão e.e alimentando serpente subindo de um altar.	V-1,98			2
217-8	2 B ou C	Id.	V-1,98			2

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
219	2 B	SPES PVBLICA. Spes cam. à e. seg. flor e levantando o manto.	V-1,102	1		
220	1 B	VICTORIA AVG A . Victoria de pé à e. seg. coroa e palma.	V-1,105	1		
221	1 A	Id., mas A. <i>Est. I, n.º 24.</i>		1		
222-3	2 B	Id. <i>Est. I, n.º 25.</i>		2		
224	2 A	Id., mas sem marca.	V-1,104	1		
225-8	2 B	Id.	V-1,104	2	2	
229	1 A	VICTORIA AVG T. Victoria correndo à d. seg. coroa e palma.	V-1,107	1		
230	1 A	Id., mas T̄.	V-1,107	1		
231	1 A	VIRTVS AVG ε. Soldado de pé à e. seg. ramo e lança, a seus pés um escudo.	V-1,110	1		
232-3	1 ou 2 A	Id.	V-1,110 ou 109	2		
234	1 A	Id., mas ε . <i>Est. I, n.º 26.</i>		1		
235-6	2 B	Id., mas sem marca.	V-1,109	1	1	
237-8	2 C	Id.	V-1,109	2		
239	2 A	Id., mas escudo não perceptível.	V-1,109?	1		
240	2 B	Id.	V-1,109?	1		
		MEDIOLANUM				
241	3 C	PAX AVG T̄. Pax cam. à e. seg. ramo de oliveira e ceptro.	V-1,157	1		
242	3 C	Id., mas marca não visível (exergo fendido).	V-1,157?	1		
		SISCIA				
243	4 C	FORTVNA RED. Fortuna de pé à e. seg. cornucópia e leme. <i>Est. I, n.º 27.</i>		1		
244	1 B	SPES AVG. Spes cam. à e. seg. flor e com a mão e. erguendo ligeiramente o manto; sem marca visível <i>Est. II, n.º 1.</i>		1		
		ATRIBUIÇÃO DUVIDOSA				
245	1 ou 2 ?	(LIBERT, LIBERTAS ou LIBERITAS AVG). Libertas de pé a e. seg. píleo e ceptro.		1		
		(MOEDAS DE CONSAGRAÇÃO)				
246-8	DIVO CLAV DIO A	CONSECRATIO. Altar.		3		
249	DIVI CLAV DIO A	CONSECRATIO. Águia.		1		
		INATRIBUÍVEIS				
250	1 ou 2 ?	...AVG. Tipo inidentificável.		1		
251	1 ou 2 ?	Inidentificável.		1		

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de Cohen 1	N.º de ex. Classes		
				1	2	3

QUINTILLUS

1 IMP C M AVR CL QVINTILLVS AVG.

ROMA

252	1 C	AETERNIT AVG N . Sol de pé à e. levantando a mão d. e seg. globo.	V-1,7	1
253	1 B	CONCORDIA AVG Δ. Concordia de pé à e. sacrificando num altar à e. e seg. ...	V-1,13?	1
254	1 C	FORTVNA REDVX Z̄. Fortuna de pé à e. seg. leme sobre globo e coroa.	V-1,19	1
255	1 C	PAX AVGVSTI A . Pax de pé à e. seg. ramo de oliveira e ceptro transversal.	V-1,26	1
256	1 C e traços de couraça	Id.	V-1,26	1
257	1 C	SECVRIT AVG XI. Securitas de pé à e. de pernas cruzadas seg. ceptro e apoiando-se numa coluna.	V-1,31	1
258	1 C	VICTORIA AVG Γ. Victoria cam. à d. e seg. coroa e palma.	V-1,33	1
		SISCIA		
259	1 C	LAETITIA AVG. Laetitia de pé à e. seg. coroa e cornucópia.	V-1,64	1

TETRICUS I

1 IMP TETRICVS AVG.

2 IMP TETRICVS P F AVG.

3 IMP C TETRICVS P F AVG.

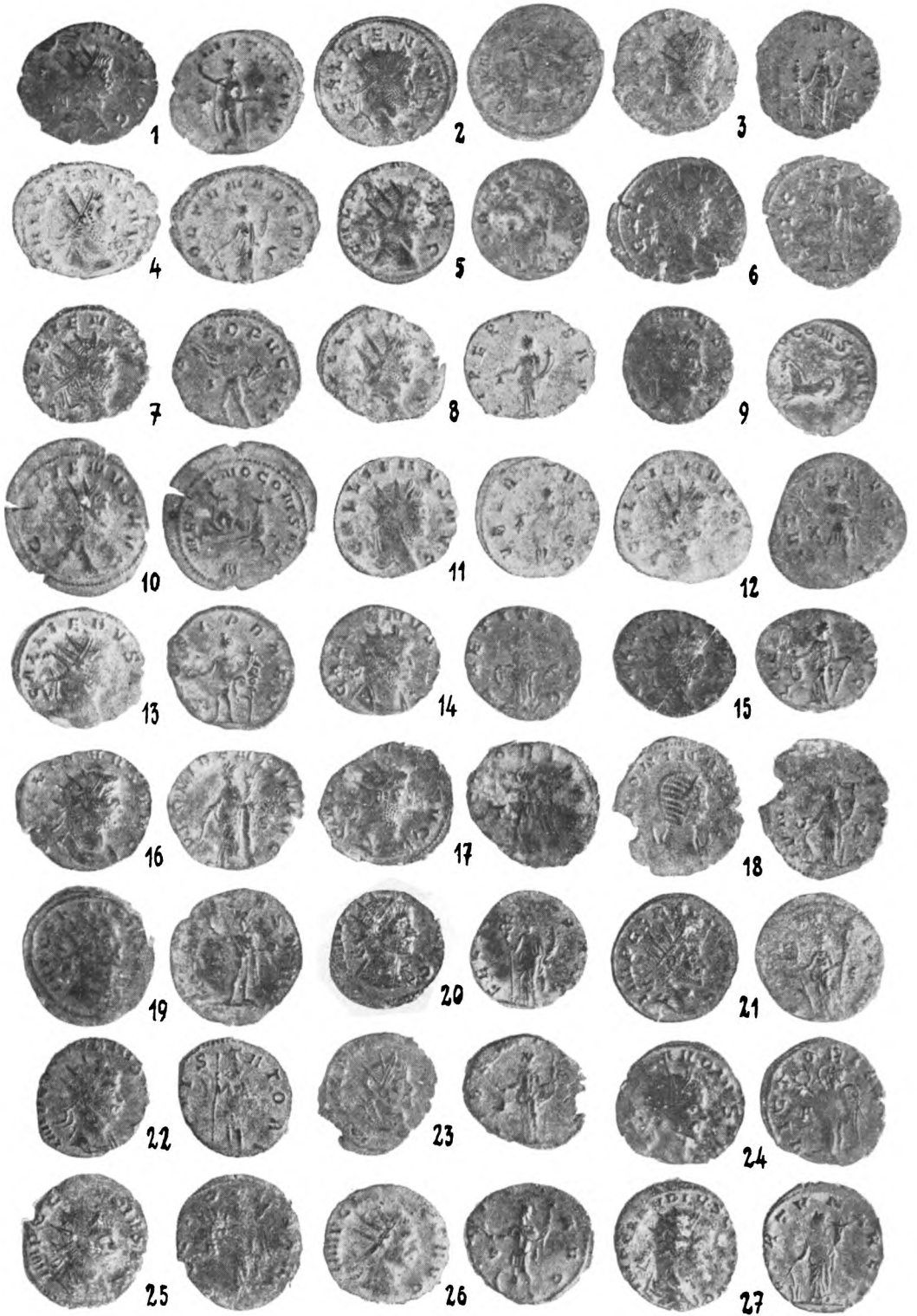
260	3? C	COMES AVG. Victoria de pé à e. seg. coroa e palma.	V-2,56?	1
261	1 B	FIDES MILITVM. Fides de pé à e. seg. duas insígnias militares.	V-2,71	1
262	2 B	HILARITAS AVGG. Hilaritas de pé e. seg. palma e cornucópia.	V-2,80	1

AURELIANUS

1 IMP CL DOM AVRELIANVS AVG.

ROMA

263	1 D	PAX AVGVSTI H . Pax de pé à e. seg. ramo de oliveira e ceptro.	V-1,35	1
-----	-----	---	--------	---



ESTAMPA II



Moeda do tes. de Borba: n.º 1 (v. classif. p. 163); moedas do tes. de Fragas do Piago: n.ºs 2-3 (v. classif. pp. 138-139); moedas do tes. de Aldeia das Dez: n.ºs 4-24 (v. classif. pp. 141-147).

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de <i>R.I.C.</i>	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
264	1 C	SECVRIT AVG XI. Securitas de pé à e. de pernas cruzadas e apoiada numa coluna, seg. ceptro e levantando a mão d.	V-1,38	1		
INATRIBUÍVEIS						
265	Inidentific.	PROVID AVG. Providentia de pé à e. seg. globo e ceptro.		1		
266	Inidentific.	PROVIDENT AVG ζ. Providentia de pé à e. seg. ponteiro e ceptro.		1		
267-8	Inidentific.	Inidentificável (310).		2		

Coimbra, Outubro de 1961

MÁRIO DE CASTRO HIPÓLITO

(310) Já depois de havermos completado todo o capítulo intitulado «Subsidio para o inventário dos tesouros de moedas romanas encontradas no País» foi publicado o vol. VI-3, n.º 22 de *Nummus* (Porto, 1961), que insere a pp. 146-148 noticia de um tesouro: «Achado de moedas romanas» por Joaquim Maria Ribeiro Teles. Trata-se de um conjunto encontrado no Monte de Mata Lobinhos, perto de Coruche, composto de bronzes que vão de Probo a Honório e Arcádio.

SUMMARY

The A. publishes here the revised version of a work presented to the University of Coimbra in 1959, as a dissertation for graduation in the Faculty of Letters.

He studies seven coin hoards which can be chronologically attributed to the years 260-282 A. D.. Two of them had never been published and another one had been recently published but not properly connected with any historical events.

The combined study of such hoards seemed capable of bringing some contribution to the history of Hispania during that period, especially on the Germanic invasions, a subject much discussed in Spain since 1950. It has been suggested in a recent publication (1955) that the whole Peninsula suffered from those invasions.

Though calling the reader's attention to the difficulties raised by the interpretation of the above seven hoards, the A. emphasises that such hoards do not afford any data which enable us to connect them, even indirectly, with the invasions. Some of them, however, may be connected with the usurpation movements under Probus.

Having in mind a future inventory of the Roman coin hoards found in Portugal, the A., in the first chapter, collects information about 139 of such hoards, a good number of them still unpublished. This information was obtained by the A. when trying to locate all the hoards dated to the second half of the third century A. D..